

CADERNOS DE OFICINAS PEDAGÓGICAS

Temáticas Quilombolas

EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

Dinalva Pereira Gonçalves



ENSINO FUNDAMENTAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

DINALVA PEREIRA GONÇALVES

Cadernos de Oficinas Pedagógicas

Temáticas Quilombolas

**ENSINO
FUNDAMENTAL**

Bequimão
2019

EQUIPE DE ELABORAÇÃO/ORGANIZAÇÃO

ELABORAÇÃO/ORGANIZAÇÃO GERAL

Dinalva Pereira Gonçalves (PPGEEB/UFMA)

ORIENTAÇÃO

Maria José Albuquerque Santos (PPGEEB/UFMA)

PARCEIROS

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB)
Secretaria Municipal de Educação (SEMED) / Bequimão
Movimento Quilombola de Bequimão (MOQBEQ)

COLABORADORES

Professores, gestores e coordenadores da escola quilombola da comunidade Ariquipá/Bequimão
Professores da escola quilombola da comunidade Juraraitá/Bequimão
Professora da escola quilombola da comunidade Marajá/Bequimão
Professora da escola quilombola da comunidade Pericumã/Bequimão
Professores, gestores e coordenadores da escola quilombola da comunidade Ramal de
Quindiuá/Bequimão
Professoras da escola quilombola da comunidade Rio Grande/Bequimão
Professores, gestores e coordenadores da escola do povoado Areal/Bequimão
Professores, gestores e coordenadores da escola do povoado Beira Campo/Bequimão
Professores, gestores e coordenadores da escola do povoado Paricatiua/Bequimão
Professores, gestores e coordenadores da escola do povoado Pontal/Bequimão
Professores, gestores e coordenadores da escola do povoado Quindiuá/Bequimão
Professores, gestores e coordenadores da escola do povoado Santana de Centrinho/Bequimão
Lideranças das comunidades quilombolas do município de Bequimão

CRÉDITOS DAS FOTOS DE CAPAS

Capa de frente: Arquivo pessoal
(Boneca artesanal encontrada em museu da comunidade Ariquipá em Bequimão/MA)
Capa do Caderno vol. 01: Arquivo Pessoal
(Recurso encontrado em mural na escola quilombola da comunidade Rio Grande em Bequimão/MA)
Capa do Caderno vol. 02: Movimento Quilombola de Bequimão (MOQBEQ)
(Roda de capoeira apresentada no V Festival de Cultura Quilombola em Bequimão/MA)



APRESENTAÇÃO

O presente material se trata de uma proposta pedagógica para a parte diversificada do currículo das escolas quilombolas, produto final da nossa pesquisa de mestrado intitulada “DA ESCOLA NO QUILOMBO À ESCOLA DO QUILOMBO: as propostas pedagógicas como possibilidade de diversificar o currículo das escolas quilombolas de Ensino Fundamental no município de Bequimão/MA”, orientada pela Profa. Dra. Maria José Albuquerque Santos, e realizada no âmbito do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

O produto da mencionada pesquisa materializou-se em dois cadernos com orientações didático-pedagógicas para o trabalho com temáticas que abordam questões étnico-raciais e de interesse das comunidades quilombolas, em acordo com a Lei 10.639/2003 e com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (Resolução CNE/CEB nº 8 de 20 de novembro de 2012). Denominado de “CADERNO DE OFICINAS PEDAGÓGICAS: temáticas quilombolas”, está direcionado aos professores do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental (Volume 01) e do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental (Volume 02), das escolas quilombolas do município de Bequimão/MA.

As temáticas foram elaboradas a partir do resultado da pesquisa de campo, ocasião em que consultamos professores, gestores, coordenadores pedagógicos das escolas quilombolas e lideranças comunitárias a respeito de conteúdos/temas que, na sua concepção, poderiam ser incluídos na composição do currículo das instituições escolares situadas em territórios quilombolas no município lócus da investigação.

Os conteúdos e atividades são apresentados como sugestões ao docente e foram organizados de maneira simplificada, considerando a realidade e os recursos disponíveis nas escolas quilombolas pesquisadas. Ademais, põem como eixo central a investigação participante, discussão de ideias, interação entre professores e alunos, bem como a integração da escola com a família e a comunidade.

Esperamos que este recurso didático cumpra seu papel no sentido de colaborar com o desenvolvimento de uma escolarização voltada para a formação social dos indivíduos, para o respeito, fortalecimento da identidade cultural e dos laços de pertencimento étnico dos povos quilombolas dessa região.

A todos (as) um bom trabalho!

Dinalva Pereira Gonçalves



PLANEJAMENTO E METODOLOGIA

O *CADERNO DE OFICINAS PEDAGÓGICAS: temáticas quilombolas* é composto por 10 (dez) temas, em formato de oficinas, para facilitar a discussão de questões étnico-raciais, em especial no que diz respeito às especificidades das comunidades quilombolas.

A metodologia consiste na realização de 01 (uma) oficina por mês do ano letivo. Cada oficina temática poderá ter a duração de 01 (uma) semana ou de 01 (um) mês (a critério da escola). De modo geral, as atividades propostas estão integradas com o exercício da leitura, escrita e produção textual. Embora se trate de uma proposta para a parte diversificada do currículo escolar, associamos os temas a serem trabalhados a alguns objetos de conhecimento para cada componente curricular do Ensino Fundamental, contidos na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), além de sugestões de atividades disponibilizadas no Documento Curricular do Território Maranhense para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (MARANHÃO, 2019).

As oficinas encontram-se estruturadas da seguinte forma:

1. **Problematização** é a atividade introdutória da temática, a primeira etapa da oficina. Deve ser realizada em conjunto com professores e alunos (por turno ou a critério da escola) para iniciar as discussões sobre a temática.
2. **Procedimentos pedagógicos** consistem na segunda etapa da oficina, as estratégias utilizadas pelo professor para aprofundar o tema abordado ao mesmo tempo em que o associa a outros conteúdos em sala de aula.
3. **Atividade integradora** é a parte prática da oficina, momento em que os alunos irão produzir algo que servirá para fixar os conteúdos trabalhados. Poderá acontecer dentro ou fora do espaço escolar, dependendo do que será produzido. A realização da Atividade integradora deverá ser acompanhada, orientada e supervisionada pelos professores. Nesta etapa, aconselhamos que o corpo docente combine previamente a (s) atividade (s) a ser (em) executada (s) e a (s) distribua entre alunos ou turmas, de modo a evitar excessos ou repetições.
4. **Atividade de socialização** é a etapa final da oficina, ocasião em que a comunidade deverá ser convidada a prestigiar as produções, informar-se e/ou discutir acerca do assunto abordado.
5. **Folha de registro** é o espaço que o professor dispõe para registrar suas impressões sobre o desenvolvimento das atividades da oficina, o envolvimento dos alunos, algo que o impressionou ou foi de maior relevância... O espaço é livre.

Ao final do caderno, disponibilizamos textos-base sobre cada uma das temáticas estudadas. Como bônus, incluímos um minidicionário africano e sugestões de filmes e vídeos que poderão ser utilizados para consultas ou em qualquer etapa das oficinas, se assim julgar necessário e/ou possível.



AVALIAÇÃO

O presente material busca contribuir para a formação da identidade étnica do aluno quilombola e com a valorização da sua cultura, a fim de que consiga se enxergar como sujeito histórico e de direitos. Ademais, visa também estreitar os laços entre escola, família e comunidade, propiciando situações de aprendizagens, interação, colaboração e completudes.

A metodologia sugerida favorece, dentre outras questões, a investigação por parte dos estudantes e docentes, buscando a exploração de ideias, os conhecimentos produzidos pelas comunidades, os elementos que constituem o seu meio, bem como a aquisição e reelaboração de dados históricos e culturais.

O processo de avaliação da aprendizagem e desenvolvimento do estudante poderá ser acompanhado por registros constantes, com o intuito de compreender os avanços e potencialidades, tanto do indivíduo e suas especificidades quanto do grupo como um todo.

Portanto, como procedimentos avaliativos para as oficinas temáticas, sugerimos um acompanhamento contínuo, processual e formativo, cujo desenvolvimento poderá se basear em observações da participação, envolvimento dos educandos nas atividades propostas, na capacidade de interpretação, argumentação e formulação de conceitos próprios. É importante também fazer registros de atividades e/ou situações que julguem merecer destaque para discussões ou compartilhamento com a comunidade interna e externa, a exemplo de fotografias, vídeos, relatórios, entrevistas com familiares, etc.

Ao final de cada oficina, sugerimos que o (s) professor (es) propicie (m) aos estudantes meios para auto avaliação, procurando captar seus sentimentos, impressões e possíveis mudanças de posturas a partir do que foi discutido, produzido e socializado.

O professor poderá fazer uso da Folha de registro para uma avaliação individual e/ou coletiva da oficina, destacando pontos positivos, negativos e dificultosos. Desse modo, será possível promover melhorias nas próprias atuações em sala de aula, bem como analisar criticamente as possibilidades e limitações deste material, podendo propor reformulações e/ou outros procedimentos.

“Não use provas como avaliação de sabedoria, use ações cotidianas”

(Wellerson Luiz)



CADERNO DE OFICINAS PEDAGÓGICAS

Temáticas Quilombolas



EDUCAÇÃO ESCOLAR
QUILOMBOLA

VOLUME

01

1º ao 5º ano

SUMÁRIO

<i>Oficina Pedagógica 1</i>	3
HISTÓRIA DA ÁFRICA, MINHA HISTÓRIA	3
1. Apresentação	3
2. Objetivos	3
3. Conteúdos	3
4. Carga Horária	3
5. Recursos	3
6. Problemática	3
7. Procedimentos pedagógicos	4
8. Atividade integradora	4
9. Atividade de socialização	4
Folha de registro	5
<i>Oficina Pedagógica 2</i>	6
A HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL: da escravidão de ontem às comunidades de hoje	6
1. Apresentação	6
2. Objetivos	6
3. Conteúdos	6
4. Carga Horária	6
5. Recursos	6
6. Problemática	6
7. Procedimentos pedagógicos	7
8. Atividade integradora	7
9. Atividade de socialização	7
Folha de registro	8
<i>Oficina Pedagógica 3</i>	9
PRECONCEITO, RACISMO E DIREITOS ÉTNICOS	9
1. Apresentação	9
2. Objetivos	9
3. Conteúdos	9
4. Carga Horária	9
5. Recursos	9
6. Problemática	9
7. Procedimentos pedagógicos	10
8. Atividade integradora	10
9. Atividade de socialização	10
Folha de registro	11
<i>Oficina Pedagógica 4</i>	12
HISTÓRIA DA MINHA COMUNIDADE E BIOGRAFIA DOS ANCIÃOS	12
1. Apresentação	12
2. Objetivos	12
3. Conteúdos	12
4. Carga Horária	12
5. Recursos	12
6. Problemática	12
7. Procedimentos pedagógicos	13
8. Atividade integradora	13
9. Atividade de socialização	13
Folha de registro	14
<i>Oficina Pedagógica 5</i>	15
COSTUMES E TRADIÇÕES: a cultura do meu quilombo	15
1. Apresentação	15
2. Objetivos	15
3. Conteúdos	15
4. Carga Horária	15
5. Recursos	15
6. Problemática	15
7. Procedimentos pedagógicos	16
8. Atividade integradora	16
9. Atividade de socialização	16

Folha de registro	17
<i>Oficina Pedagógica 6</i>	18
ARTE, MITOS E CONTOS AFRICANOS	18
1. Apresentação	18
2. Objetivos	18
3. Conteúdos	18
4. Carga Horária	18
5. Recursos	18
6. Problemática	18
7. Procedimentos pedagógicos	19
8. Atividade integradora	19
9. Atividade de socialização	19
Folha de registro	20
<i>Oficina Pedagógica 7</i>	21
RELIGIOSIDADE AFRICANA	21
1. Apresentação	21
2. Objetivos	21
3. Conteúdos	21
4. Carga Horária	21
5. Recursos	21
6. Problemática	21
7. Procedimentos pedagógicos	22
8. Atividade integradora	22
9. Atividade de socialização	22
Folha de registro	23
<i>Oficina Pedagógica 8</i>	24
CAPOEIRA: símbolo da resistência negra	24
1. Apresentação	24
2. Objetivos	24
3. Conteúdos	24
4. Carga Horária	24
5. Recursos	24
6. Problemática	24
7. Procedimentos pedagógicos	25
8. Atividade integradora	25
9. Atividade de socialização	25
Folha de registro	26
<i>Oficina Pedagógica 9</i>	27
IDENTIDADE ÉTNICA E AUTOIMAGEM NEGRA	27
1. Apresentação	27
2. Objetivos	27
3. Conteúdos	27
4. Carga Horária	27
5. Recursos	27
6. Problemática	28
6. Procedimentos pedagógicos	28
8. Atividade integradora	29
9. Atividade de socialização	29
Folha de registro	30
<i>Oficina Pedagógica 10</i>	31
BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS DO MEU QUILOMBO	31
1. Apresentação	31
2. Objetivos	31
3. Conteúdos	31
4. Carga Horária	31
5. Recursos	31
6. Problemática	31
7. Procedimentos pedagógicos	32
8. Atividade integradora	32
9. Atividade de socialização	32
Folha de registro	33
ANEXOS	34
SUGESTÕES DE VÍDEOS E FILMES	43
REFERÊNCIAS	45

Oficina Pedagógica 1

HISTÓRIA DA ÁFRICA, MINHA HISTÓRIA

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “História da África, minha história” tem como finalidade fornecer subsídios para a busca de conhecimentos acerca da história do continente africano, seus povos, sua cultura e a influência destes na formação da sociedade brasileira.

O trabalho com esta temática atende aos preceitos da Lei 10.639/2003 e, especificamente nas escolas das comunidades quilombolas, visa despertar a atenção dos alunos para a estreita relação da sua história de vida com a história dos africanos.

2. Objetivos

- ❖ Conhecer aspectos da história da África e sua relação com a história de formação da sociedade brasileira;
- ❖ Valorizar as produções culturais do povo africano, reconhecendo as suas contribuições para a formação da cultura e identidade nacional;
- ❖ Relacionar aspectos da história da África com outros conteúdos escolares referentes à etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Aspectos históricos e culturais da África
- ❖ Características gerais do continente africano
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Mapa-múndi
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Apresentação da música **Origem Africana** de Marcos Rasta (ver sugestões de vídeos e filmes);
- ❖ Apresentação da letra da música **África** do grupo Palavra Cantada (ver sugestões de vídeos e filmes). Os alunos serão convidados a formar uma grande roda para acompanhar a letra da música enquanto a mesma é reproduzida ou lida. Após esse momento, o (s) professor (es) deverá (ão) conversar sobre o sentido da música apresentada;

- ❖ Leitura ou apresentação de vídeo da obra **Bruna e a galinha D'Angola** de Gercilga de Almeida (ver sugestões de vídeos e filmes). Conversar sobre a estória, explorando a origem da galinha d'angola para iniciar a conversa sobre a relação entre Brasil e África.

7. Procedimentos pedagógicos

No decorrer da abordagem da temática, alguns dos seguintes procedimentos poderão ser aplicados em sala de aula:

- ❖ Observação e exploração de imagens variadas que retratem a África;
- ❖ Roda de conversa sobre as semelhanças dos africanos com alguns brasileiros, destacando que o Brasil foi formado por várias populações, inclusive de origem africana;
- ❖ Localização do continente africano e do continente americano (onde se encontra o Brasil) no mapa-múndi;
- ❖ Localização no mapa, escrita de nomes e representação em numeral do quantitativo de países africanos;
- ❖ Apresentação de bandeiras de países africanos, destacando suas formas e cores;
- ❖ Apresentação de figuras de animais típicos da África. Leitura e escrita dos seus nomes;
- ❖ Produção de textos sobre as características dos animais do continente africano;
- ❖ Apresentação, por meio de imagens, da vegetação típica do continente africano;
- ❖ Demonstração do deserto do Saara no mapa, destacando suas características assim como temperatura e extensão;
- ❖ Apresentação de elementos da cultura africana (imagens, vídeos, filmes, etc.- a critério);
- ❖ Apresentação, leitura e exploração de palavras de origem africana utilizadas no vocabulário brasileiro;
- ❖ Leitura e discussão de pequenos textos sobre a cultura Africana (a critério do professor);
- ❖ Roda de conversa com imagens que retratem a influência africana no dicionário, culinária, danças, instrumentos e outros elementos da cultura brasileira;
- ❖ Produção de pequenos textos a partir da interpretação de imagens e/ou informações apresentadas;
- ❖ Desenhos e/ou pinturas de imagens que remetam ao continente africano.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Produção de bandeiras de países africanos;
- ❖ Produção de mural com figuras, desenhos, pinturas, textos produzidos em sala de aula sobre aspectos relativos à África;
- ❖ Produção de máscaras que personifiquem os animais africanos;
- ❖ Montagem de cartazes com informações sobre países africanos;
- ❖ Montagem de quebra-cabeça com imagens e palavras de origem africana;
- ❖ Montagem de jogo da memória com palavras de origem africana e suas respectivas imagens;
- ❖ Confecção de um minidicionário com palavras de origem africana;
- ❖ Pesquisa em dicionários dos significados de palavras de origem africana. Colagem de imagens das palavras pesquisadas e escrita de seu significado em papel sulfite.

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Minifeiras para apresentação em murais das produções dos alunos;
- ❖ Concurso de desenhos sobre a história e cultura da África;
- ❖ Festival de máscaras de animais africanos, ocasião em que as crianças apresentarão as características dos animais representados em cada uma das máscaras confeccionadas.

Folha de registro



A large rectangular area enclosed by a red border, containing 25 horizontal lines for writing.

Oficina Pedagógica 2

A HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL: da escravidão de ontem às comunidades de hoje

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “História do negro no Brasil: da escravidão de ontem às comunidades de hoje” tem por finalidade trabalhar o tema da escravidão no Brasil, a formação dos quilombos no passado e a origem das comunidades quilombolas atuais. A referida temática visa ainda levar os alunos a se perceberem sujeitos integrantes de grupos étnicos que representam a resistência física e cultural dos seus ancestrais africanos.

2. Objetivos

- ❖ Conhecer aspectos históricos do sistema escravista no período colonial brasileiro;
- ❖ Identificar as formas de rejeição do negro cativo ao sistema escravista, com ênfase na formação dos diversos quilombos;
- ❖ Relacionar os quilombos do passado com as comunidades quilombolas da atualidade;
- ❖ Compreender aspectos da escravidão brasileira e formação das comunidades quilombolas com outros conteúdos escolares referentes à etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Aspectos históricos da escravidão brasileira e formas de resistência
- ❖ Relação entre quilombos do passado e do presente
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Mapa-múndi
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Exibição do vídeo **Quilombo** (Quiz TV Escola). O mesmo pode ser conferido nas sugestões de vídeos e filmes;
- ❖ Apresentação de outros vídeos, músicas, textos, imagens que remetam à temática (a critério do professor);
- ❖ Exibição da música **No Quilombo a Negra Cafuza** de Luiz Ayrão (ver sugestões de vídeos e filmes). Convidar os alunos a acompanharem a música com palmas e danças.

Após a exibição, o (s) professor (es) deverá (ão) conversar sobre o que foi apresentado, enfatizando que o negro foi trazido da África para o Brasil, influenciou e foi influenciado, e aqui fez a sua história e a história desse país;

- ❖ Palestra com uma liderança da comunidade sobre a temática escravidão e formação das comunidades quilombolas.

7. Procedimentos pedagógicos

No decorrer da abordagem da temática, os seguintes procedimentos poderão ser aplicados em sala de aula:

- ❖ Apresentações e conversa sobre imagens que remetam à escravidão dos negros no Brasil;
- ❖ Apresentação de palavras-chave para auxiliar na exploração do tema;
- ❖ Roda de leitura com o texto **Os Quilombos** (ver anexo 01);
- ❖ Atividades no caderno ou em papel sulfite sobre textos lidos e discutidos sobre a escravidão;
- ❖ Atividade que envolva labirinto (que retrate o negro saindo da senzala e chegando à sua liberdade nas comunidades quilombolas);
- ❖ Resolução de caça-palavras relacionadas ao tema;
- ❖ Identificação no mapa do Brasil dos estados brasileiros que mais receberam escravos;
- ❖ Identificação no mapa do Brasil onde mais há concentração de comunidades quilombolas na atualidade;
- ❖ Resolução de problemas lógico-matemáticos envolvendo as discussões dos textos trabalhados sobre a escravidão e os quilombos;
- ❖ Produção de textos coletivos a partir das falas dos alunos sobre imagens e/ou textos apresentados;
- ❖ Recortes e colagens de figuras que representem o tipo de alimentação dos negros, seu trabalho, suas manifestações culturais, sua forma de resistência no período da escravidão. Leitura das imagens e produção de tirinhas sobre cada uma delas.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Elaboração de estórias em quadrinhos, contando a trajetória dos africanos desde a captura nos seus lugares de origem, passando pelo transporte no navio negreiro, o trabalho forçado, as fugas e formação dos quilombos;
- ❖ Entrevistas com pessoas da comunidade para conhecer o que sabem sobre a escravidão dos africanos no passado;
- ❖ Produção de poesias sobre a escravidão no Brasil e as formas de resistência negra;
- ❖ Desenhos da comunidade, as casas, moradores, etc.
- ❖ Organização de encenação sobre a escravidão e as fugas dos escravizados.

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Exposições em varais das produções e atividades dos alunos e de desenhos da comunidade;
- ❖ Mural com a estória em quadrinhos produzida na atividade integradora;
- ❖ Mural com exposição das informações coletadas nas entrevistas (expor as falas/narrativas dos entrevistados);
- ❖ Concurso de poesias sobre a escravidão no Brasil e as formas de resistência negra;
- ❖ Apresentação de encenação sobre a escravidão e as fugas dos escravizados.

Folha de registro



A large rectangular area with a red border, containing 25 horizontal lines for writing.

Oficina Pedagógica 3

PRECONCEITO, RACISMO E DIREITOS ÉTNICOS

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “Preconceito, racismo e direitos étnicos” tem por finalidade apresentar abordagens relacionadas à diversidade étnica brasileira e à discriminação racial no país, proporcionando elementos para uma reflexão sobre as suas causas, consequências e formas de combate, além de fornecer informações básicas sobre direitos étnicos.

2. Objetivos

- ❖ Conhecer diferenças entre os conceitos de preconceito, racismo e discriminação;
- ❖ Compreender a diversidade étnica, valorizando o respeito e a convivência solidária e fraterna;
- ❖ Conhecer direitos étnicos, situando-os como forma de resistência e combate ao racismo;
- ❖ Relacionar aspectos da diversidade étnica e racismo com outros conteúdos escolares referentes à etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Conceitos de preconceito, racismo e discriminação
- ❖ Direitos étnicos
- ❖ Valorização da diversidade étnica
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Textos variados
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Exposição de painéis e/ou murais de conceitos. No mural de conceito o professor poderá expor palavras-chave sobre a temática em questão (preconceito, racismo, discriminação) e os seus significados;
- ❖ Leitura de textos sobre os temas (Sugestão no anexo 02: **Discriminação racial**);
- ❖ Apresentação de músicas que estejam relacionadas ao tema racismo e preconceito (a critério);
- ❖ Exibição do vídeo **Preconceito e estereótipos** (ver sugestões de vídeos e filmes);
Escolha uma dessas alternativas (para outras, ver sugestões de vídeos e filmes), explore fazendo

indagações aos estudantes sobre o que sabem a respeito do racismo, do preconceito e se já vivenciaram situações como essas.

7. Procedimentos pedagógicos

No decorrer da abordagem da temática, os seguintes procedimentos poderão ser aplicados em sala de aula:

- ❖ Leitura do texto **ROMEU E JULIETA** de Ruth Rocha (anexo 03). Conversa sobre o texto com questionamentos como: O que Romeu fez? Por que Romeu não concordava que cada borboleta deveria ficar no seu canteiro? Vocês concordam que as borboletas deveriam continuar vivendo separadas por cor? As pessoas podem viver separadas pela cor? Etc.
- ❖ Exploração de palavras, frases, cores existentes no texto ROMEU E JULIETA;
- ❖ Apresentação de cartazes com imagens de pessoas de diversas cores e etnias. Discussão sobre a formação do povo brasileiro;
- ❖ Apresentação de ilustrações sobre situações de racismo, leitura das imagens e formação de frases ou textos a partir destas;
- ❖ Ditado de palavras relacionadas ao tema com discussão sobre o significado das mesmas;
- ❖ Produção de textos, desenhos e pinturas a partir do tema “o mundo com racismo e o mundo sem racismo”;
- ❖ Produção coletiva de um roteiro de entrevista que tenha por objetivo averiguar em sua casa quem já vivenciou situação de racismo ou algum tipo de preconceito sobre sua cor, religião, etc.
- ❖ Roda de conversa sobre os direitos étnicos. Buscar referências e explicar que o racismo é crime e que os povos étnicos como negros e índios tem seus direitos garantidos em leis;

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Aplicação com os familiares do questionário construído em sala de aula;
- ❖ Confecção de cartazes com colagens de pessoas de diversas cores, etnias, idades, religião;
- ❖ Confecção de fantoches e elaboração de texto/roteiro para um Teatro de Fantoches sobre racismo;
- ❖ Elaboração de um texto para dramatização sobre o tema;
- ❖ Elaboração de um jogral sobre os direitos étnicos;
- ❖ As escolas podem se organizar para solicitar ao poder judiciário local uma palestra sobre DIREITOS ÉTNICOS (marcar um dia e local para que todas as escolas e comunidades se encontrem para apreciar a palestra).

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Montagem de um mural demonstrando os resultados da aplicação do questionário;
- ❖ Apresentação de dramatização sobre a temática estudada;
- ❖ Apresentação de Teatro de Fantoches sobre a temática trabalhada;
- ❖ Apresentação de dramatização e de jogral sobre racismo e direitos étnicos;
- ❖ Cineclube na escola: exibição do curta **Ninguém nasce assim** (ver sugestões vídeos e filmes).
- ❖ Palestra com um servidor do judiciário sobre DIREITOS ÉTNICOS (a palestra poderá ser gravada e reproduzida em cada comunidade, caso se verifique a dificuldade de deslocamento).

Folha de registro



A large rectangular area with a red border, containing 25 horizontal lines for writing.

Oficina Pedagógica 4

HISTÓRIA DA MINHA COMUNIDADE E BIOGRAFIA DOS ANCIÃOS

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “História da minha comunidade e biografia dos anciãos” tem por finalidade incentivar os alunos para a busca de informações sobre a história de formação da comunidade a qual pertencem, assim como conhecer e registrar a história de vida (biografia) das pessoas mais idosas que detêm as memórias e contribuíram/contribuem para a perpetuação da cultura local.

2. Objetivos

- ❖ Conhecer a história da comunidade da qual é pertencente, compreendendo o seu processo de formação e relacionando à história dos seus ancestrais;
- ❖ Respeitar e valorizar a história de vida dos anciãos da sua comunidade, registrando-as em variadas biografias;
- ❖ Relacionar aspectos da história da comunidade e dos anciãos com outros conteúdos escolares referentes à etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ História da comunidade
- ❖ Valorização e respeito à memória dos anciãos
- ❖ Gênero textual: Biografia e autobiografia
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ Aparelho para gravação de áudios e vídeos
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Textos variados
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Convidar um ancião da comunidade para uma roda de conversa sobre a história da mesma;
- ❖ Convidar uma liderança local para prestar informações sobre a história de formação da comunidade;
- ❖ Exibição do vídeo **Saborosas memórias quilombolas** (ver sugestões de vídeos e filmes).

7. Procedimentos pedagógicos

No decorrer da abordagem da temática, alguns dos seguintes procedimentos poderão ser aplicados em sala de aula:

- ❖ Distribuir no chão da sala de aula, fotografias de cada um dos alunos. Pedir que cada um identifique a sua foto e fale de si e da sua história;
- ❖ Entrevistas com pais e responsáveis para colher informações sobre a criança (nome de pai, mãe, avós maternos e paternos, local de nascimento, acontecimentos marcantes, outras lembranças, etc.). Socialização sobre os dados colhidos nas entrevistas;
- ❖ Exibição do vídeo **EU** do grupo Palavra Cantada (ver sugestões de vídeos e filmes). Após o vídeo, propor uma paródia da música com informações pessoais colhidas nas entrevistas;
- ❖ Elaboração de textos individuais sobre sua história de vida (podendo desenhar o que ouviram nas entrevistas). Orientar os alunos para produção de autobiografias;
- ❖ Entrevistas com pais ou responsáveis sobre o que conhecem da história de formação da comunidade;
- ❖ Discussão sobre o que foi apresentado na roda de conversa com ancião ou liderança comunitária;
- ❖ Produção de texto a partir da fala do ancião ou liderança comunitária sobre a história da comunidade;
- ❖ Exibição do vídeo **ORA BOLAS** do grupo Palavra Cantada (ver sugestões de vídeos e filmes). Discussão sobre o vídeo exibido, procurando situar a comunidade local num contexto geográfico;
- ❖ Produção de desenhos sobre a sua comunidade;
- ❖ Elaboração coletiva de roteiro de entrevista para produzir biografias dos anciãos da comunidade.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Produção de textos sobre a história da comunidade;
- ❖ Produção de poesias sobre a comunidade;
- ❖ Entrevista com anciãos da comunidade;
- ❖ Produção de um caderno com biografias e fotos dos anciãos da comunidade;
- ❖ Produção de desenhos com o tema “História da minha comunidade”;
- ❖ Construção de uma maquete da comunidade;
- ❖ Produção de um documentário em vídeo sobre memórias dos anciãos acerca de histórias/acontecimentos da comunidade (guardar em CD's, pen drives, e-mail, etc.)

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Minifeiras para apresentação em murais das produções textuais dos alunos;
- ❖ Exposição de poesias sobre a comunidade;
- ❖ Exposição de fotos da comunidade;
- ❖ Exposição de caderno de biografias dos anciãos;
- ❖ Concurso de desenhos com o tema “História da minha comunidade”;
- ❖ Exposição de maquete da comunidade;
- ❖ Exposição do documentário produzido sobre memórias dos anciãos;
- ❖ Homenagem aos anciãos da comunidade.

Folha de registro



A large rectangular area enclosed by a red border, containing numerous horizontal lines for writing, serving as a registration sheet.

Oficina Pedagógica 5

COSTUMES E TRADIÇÕES: a cultura do meu quilombo

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “Costumes e tradições: a cultura do meu quilombo” tem por finalidade viabilizar aos alunos os meios necessários para levantamento dos costumes e tradições da sua comunidade quilombola, relacionando tais manifestações às influências africanas, bem como incentivando atitudes positivas de respeito e valorização às mesmas.

2. Objetivos

- ❖ Conhecer os costumes e tradições da comunidade quilombola a que pertencem;
- ❖ Respeitar e valorizar a cultural local, compreendendo o contexto das influências africanas;
- ❖ Relacionar aspectos das tradições culturais locais com outros conteúdos escolares referentes à etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Costumes e tradições da comunidade
- ❖ Valorização e respeito à tradição cultural
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ Aparelho para gravação de áudios e vídeos
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Textos variados
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Roda de conversa para levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre costumes e tradições da comunidade;
- ❖ Exibição do vídeo **Conheça as tradições Kalungas** (ver sugestões de vídeos e filmes);
- ❖ Exibição de fotos ou gravações de manifestações culturais em eventos realizados na comunidade;
- ❖ Apresentação de vestimentas, adereços e objetos que representem a cultura local;
- ❖ Apresentação de um texto ou poesia que verse sobre a questão cultural (a critério);

- ❖ Exibição de áudios (previamente gravados) de pessoas da comunidade, contendo cantigas/toadas comumente cantadas pelos moradores.
Após exibição de uma ou mais dessas opções, conversa sobre a temática.

7. Procedimentos pedagógicos

No decorrer da abordagem da temática, os seguintes procedimentos poderão ser aplicados em sala de aula:

- ❖ Solicitar aos alunos que levem fotografias, textos orais, brincadeiras e objetos do convívio familiar para socializar com os colegas;
- ❖ Pesquisa sobre elementos da cultura africana. Conversa sobre o que há em comum entre esta e a cultura da comunidade;
- ❖ Exposição de palavras-chave que levem os alunos a lembrar e verbalizar os principais costumes da sua comunidade. Ex: dança, religião, plantas medicinais, festas, músicas etc.
- ❖ Desenhos sobre aspectos da cultura do seu quilombo que mais lhe chama a atenção;
- ❖ Escrita de nomes de utensílios utilizados nas apresentações de tambor de crioula;
- ❖ Escrita coletiva de letras de músicas cantadas nas apresentações de tambor de crioula;
- ❖ Produção textual sobre costumes da comunidade;
- ❖ Resolução de caça-palavras sobre o tema abordado;
- ❖ Resolução de questões lógico-matemáticas envolvendo situações reais da sua comunidade;
- ❖ Exploração das plantas medicinais utilizadas pela comunidade, suas características, formas, cores, nomes científicos, etc.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Passeios na comunidade para observar costumes da comunidade;
- ❖ Visitas a igrejas, terreiros ou outros locais que representem aspectos da cultura da comunidade;
- ❖ Produção de textos individuais e coletivos sobre o que viram nos passeios e visitas;
- ❖ Produção de poesias e/ou dramatizações;
- ❖ Produção de textos em formato de literatura de cordel sobre aspectos da comunidade;
- ❖ Pesquisa das plantas medicinais encontradas na comunidade e confecção de um manual contendo informações sobre elas;
- ❖ Produção do “Livro das tradições” contendo informações sobre as tradições culturais da comunidade;
- ❖ Organização de um grupo de tambor de crioula da escola.

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Minifeiras para apresentação dos textos produzidos, fotos de festas e danças da comunidade;
- ❖ Apresentação de poesias e/ou dramatizações;
- ❖ Apresentação de textos em formato de literatura de cordel sobre aspectos da comunidade;
- ❖ Exibição de mural com informações dos passeios e visitas;
- ❖ Criação de uma horta de plantas medicinais com a colaboração da escola e da comunidade;
- ❖ Apresentação do “Livro das tradições” produzido pelos alunos sobre a cultura local;
- ❖ Apresentação de roda de tambor de crioula (grupo da escola).

Folha de registro



A large rectangular area with a red border, containing 25 horizontal lines for writing.

Oficina Pedagógica 6

ARTE, MITOS E CONTOS AFRICANOS

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “Arte, mitos e contos africanos” tem por finalidade fornecer elementos para que os alunos adquiram noções mínimas sobre aspectos da arte africana, bem como dos personagens lendários e a variedade de contos que fazem parte da mitologia desses povos.

2. Objetivos

- ❖ Conhecer aspectos da arte africana em suas variadas formas;
- ❖ Valorizar as expressões artísticas dos povos africanos;
- ❖ Conhecer os principais personagens da mitologia africana;
- ❖ Conhecer os contos africanos mais populares;
- ❖ Relacionar aspectos da arte e mitologia africana com outros conteúdos escolares referentes à etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Arte africana: máscaras, danças, músicas, pinturas, escultura e arquitetura
- ❖ Principais personagens da mitologia africana
- ❖ Contos africanos
- ❖ Valorização da arte e da mitologia africana
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Textos variados
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais
- ❖ Materiais diversos para confecção de máscaras
- ❖ Materiais diversos para as apresentações teatrais

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Exposição de máscaras africanas e leitura de textos (a critério dos professores) sobre os seus significados;
- ❖ Exposição de vídeos sobre arte e mitologia africana (a critério dos professores). Discussão sobre o que assistiram;
- ❖ Exposição de imagens que remetem à arte africana;

- ❖ Exposição em Datashow dos principais personagens da mitologia africana (à medida que as imagens forem exibidas, os alunos serão convidados a pronunciar o nome do personagem mítico);
- ❖ Apresentação das lendas de orixás (cada professor fica responsável por uma lenda);
- ❖ Encenação de um conto africano pelos professores.

7. Procedimentos pedagógicos

No decorrer da abordagem da temática, os seguintes procedimentos poderão ser aplicados em sala de aula:

- ❖ Apresentação de imagens de utensílios que representam a arte africana;
- ❖ Confeção de cartazes contendo imagens de manifestações artísticas africanas;
- ❖ Produção de textos individuais e coletivos sobre elementos da arte africana;
- ❖ Pesquisa de nomes e obras de artistas africanos;
- ❖ Pesquisa (em casa ou em outro local) de utensílios que remetem à arte africana;
- ❖ Apresentação dos principais personagens da mitologia africana, leitura e escrita de seus nomes;
- ❖ Roda de leitura de contos africanos (sugestões no anexo 04);
- ❖ Exploração de palavras e frases contidas nos textos lidos;
- ❖ Resolução de caça-palavras;
- ❖ Resolução de problemas lógico-matemáticos envolvendo o tema;
- ❖ Produção de textos recontando os contos apresentados pelo professor.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Confeção de máscaras africanas;
- ❖ Desenhos de máscaras ou outros utensílios que representam a arte africana;
- ❖ Organização de Teatro de Fantoques com personagens e lendas da mitologia africana;
- ❖ Montagem de quebra-cabeça com personagens da mitologia africana;
- ❖ Organização de encenação de contos africanos.

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Desfile de máscaras africanas produzidas;
- ❖ Concurso de desenhos de máscaras;
- ❖ Encenação de Teatro de Fantoques com personagens e lendas da mitologia africana;
- ❖ Barraca do quebra-cabeça mitológico (as pessoas deverão ser desafiadas a montar o quebra-cabeça produzido pelos alunos);
- ❖ Apresentação de peça teatral de contos africanos;
- ❖ Caracterização (com ajuda da comunidade) da escola com imagens, máscaras e outras peças da arte africana.

Folha de registro



A large rectangular area enclosed by a red border, containing numerous horizontal lines for writing, serving as a registration sheet.

Oficina Pedagógica 7

RELIGIOSIDADE AFRICANA

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “Religiosidade africana” tem por finalidade fornecer subsídios para que alunos e professores pesquisem sobre as características das religiões afro, como forma de incentivo ao respeito, desmistificação e eliminação de qualquer tipo de preconceito ou estereótipo.

2. Objetivos

- ❖ Identificar as principais religiões de origem africana praticadas no Brasil, distinguindo suas semelhanças e diferenças;
- ❖ Entender o conceito e a existência de sincretismos religiosos;
- ❖ Respeitar e valorizar as diversas religiões, principalmente de matriz africana;
- ❖ Relacionar aspectos da religiosidade africana com outros conteúdos escolares referentes à etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Principais religiões de matriz africana: candomblé e umbanda
- ❖ Sincretismo religioso
- ❖ Respeito e valorização às religiões afro
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ Aparelho para gravar áudios ou vídeos
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Textos variados
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais
- ❖ Vestimentas ou outros utensílios para dramatizações

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Exposição do tema feita pelos professores, podendo utilizar a técnica do mural de conceitos;
- ❖ Roda de conversa com um pajé da comunidade e/ou outros líderes de religiões afro;
- ❖ Exibição de vídeo sobre as religiões de matriz africana. Sugestão: **Filme Candomblé** (ver sugestões de vídeos e filmes). Conversa sobre o que observaram no vídeo.

7. Procedimentos pedagógicos

No decorrer da abordagem da temática, os seguintes procedimentos poderão ser aplicados em sala de aula:

- ❖ Averiguação dos conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática;
- ❖ Verificar se há no grupo praticantes de alguma religião afro (ou pais/responsáveis);
- ❖ Realizar visitas a igrejas e terreiros com roteiros de entrevistas predeterminados;
- ❖ Gravação e socialização das entrevistas;
- ❖ Produção e leitura de textos baseados nas visitas a igrejas e terreiros;
- ❖ Desenhos e pinturas sobre as visitas a igrejas e terreiros;
- ❖ Mostra de vídeos sobre as religiões de origem africana;
- ❖ Conversa sobre as características das principais religiões de matriz africana no Brasil (Candomblé e Umbanda), mostrando imagens e características de cada uma delas;
- ❖ Pesquisa sobre os principais orixás cultuados nas religiões afro praticadas no Brasil (organizar uma listagem);
- ❖ Conversas sobre o conceito de sincretismo religioso;
- ❖ Elaboração de um quadro relacionando os orixás aos santos católicos;
- ❖ Roda de conversa sobre o respeito às diversas religiões (ênfasis que as religiões de origem afro foram heranças deixadas pelos ancestrais).

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Pesquisa sobre as principais religiões de matriz africana no Brasil (Candomblé e Umbanda) e produção de um caderno com pesquisas de textos e imagens sobre as religiões citadas;
- ❖ Dramatizações envolvendo as religiões estudadas;
- ❖ Teatro de Fantoques sobre o tema;
- ❖ Pesquisa e produção de um caderno com os principais orixás, suas características e em qual religião predominam.

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Minifeiras para apresentação em murais dos cadernos de pesquisas sobre as religiões de origem afro;
- ❖ Dramatização sobre as religiões afro;
- ❖ Encenação de Teatro de Fantoques sobre religiões afro;
- ❖ Apresentação do caderno produzido com informações sobre os principais orixás.

Folha de registro



A large rectangular area enclosed by a red border, containing numerous horizontal lines for writing, serving as a registration sheet.

Oficina Pedagógica 8

CAPOEIRA: símbolo da resistência negra

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “Capoeira: símbolo da resistência negra” tem por finalidade proporcionar conhecimentos sobre o contexto de origem da capoeira no Brasil, compreendendo a importância dessa arte para os africanos escravizados, suas lutas por liberdade, invenções e reinvenções de formas de sobrevivência e resistência ao sistema ora vigente.

2. Objetivos

- ❖ Conhecer a história de origem da capoeira no Brasil;
- ❖ Entender a capoeira como mais uma forma de resistência ao sistema escravista;
- ❖ Conhecer as características da arte da capoeira, suas músicas, instrumentos, movimentos, etc;
- ❖ Relacionar aspectos da capoeira com outros conteúdos escolares referentes à etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Capoeira: origem e características
- ❖ Valorização da capoeira como patrimônio cultural
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Instrumentos da capoeira
- ❖ Textos variados
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Apresentação da música de capoeira “Paranaué-Paraná” (ver letra no anexo 05);
- ❖ Roda de conversa com textos explicativos sobre a origem da capoeira (sugestão de texto no anexo 06);
- ❖ Exibição de vídeos que remetem à origem da Capoeira (a critério);
- ❖ Convidar um praticante de capoeira da comunidade para falar sobre o assunto e demonstrar alguns movimentos.
Discussões e questionamentos acerca do que foi lido/cantado/exibido.

7. Procedimentos pedagógicos

No decorrer da abordagem da temática, os seguintes procedimentos poderão ser aplicados em sala de aula:

- ❖ Exposição de imagens de instrumentos utilizados na roda de capoeira. Conversa sobre o conhecimento dos alunos a respeito da capoeira e dos instrumentos musicais, os materiais utilizados na confecção dos mesmos, como são tocados etc.
- ❖ Conversa sobre outros elementos da capoeira: vestimentas, músicas, movimentos, etc.
- ❖ Listagem dos nomes dos instrumentos utilizados na capoeira. Produção de frases com cada uma das palavras listadas;
- ❖ Encenação de uma roda de capoeira;
- ❖ Leitura de textos sobre a origem da capoeira (a critério);
- ❖ Desenhos dos instrumentos da capoeira ou desenhos de rodas da capoeira;
- ❖ Produção de poesias sobre a capoeira;
- ❖ Identificação dos nomes de pessoas da comunidade que dominam a técnica da capoeira;
- ❖ Montagem de roteiro de entrevista com capoeirista;
- ❖ Entrevista com capoeirista;
- ❖ Leitura de textos de letras de músicas de capoeira, destacando palavras a serem exploradas (sentido, divisão silábica, etc);
- ❖ Pesquisa de nomes e histórias de vida de capoeiristas famosos.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Produção de um minidicionário com palavras utilizadas nas músicas de capoeira;
- ❖ Produção de instrumentos musicais utilizados na capoeira;
- ❖ Produção de cartazes com informações sobre os instrumentos utilizados na capoeira;
- ❖ Ensaio de roda de capoeira para encenação;
- ❖ Organização de um caderno com as histórias de vida de capoeiristas famosos;
- ❖ Organização para criação de um grupo de capoeira na escola ou comunidade.

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Minifeiras para apresentação em murais do dicionário de capoeira, dos cartazes com informações sobre os instrumentos utilizados nas rodas de capoeira e dos trabalhos realizados durante a oficina;
- ❖ Apresentação dos instrumentos musicais utilizados na capoeira produzidos pelos alunos;
- ❖ Apresentação de roda de capoeira;
- ❖ Apresentação em mural do caderno com histórias de vida de capoeiristas famosos;
- ❖ Apresentação de grupo de capoeira criado na escola ou comunidade;
- ❖ Cineclube na escola: exibição do filme **Besouro** (ver sugestão de filmes) que trata da história de um dos maiores capoeiristas do Brasil.

Folha de registro



A large rectangular area enclosed by a red border, containing numerous horizontal lines for writing, serving as a registration sheet.

Oficina Pedagógica 9

IDENTIDADE ÉTNICA E AUTOIMAGEM NEGRA

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “Identidade étnica e autoimagem negra” visa estimular escola e comunidade para uma reflexão acerca da diversidade étnico-racial brasileira, proporcionando situações que levem a afirmações positivas sobre a cor, identidade étnica, bem como favoreçam o desenvolvimento da autoestima e autoimagem de seus alunos.

2. Objetivos

- ❖ Refletir sobre a diversidade étnica brasileira, distinguindo os conceitos de raça, cor e etnia;
- ❖ Entender o conceito de pertencimento étnico;
- ❖ Desenvolver pensamentos e atitudes positivas em relação à sua cor/etnia,
- ❖ Conhecer a História do Dia da Consciência Negra e saber quem foi e qual a importância do personagem Zumbi dos Palmares;
- ❖ Conhecer histórias de grandes personalidades negras;
- ❖ Relacionar aspectos dos temas abordados com outros conteúdos escolares referentes à etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Diversidade étnica
- ❖ Conceito de raça, cor e etnia
- ❖ Conceito de pertencimento étnico
- ❖ História do Dia da Consciência Negra
- ❖ Personalidades negras
- ❖ Respeito e valorização pelos povos quilombolas
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Aparelho para gravação de áudios e vídeos
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Textos variados
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais
- ❖ Materiais variados para atividades diversas

6. Problemática

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Exibir áudios ou vídeos de pessoas da comunidade falando sobre o que é ser quilombola e o orgulho de ser negro (gravar previamente);
- ❖ Roda de conversa sobre personalidades negras que se destacaram na história do Brasil e do mundo. Mostrar vídeo relacionado (Sugestão: **Personalidades Negras**. Ver sugestões de vídeos e filmes);
- ❖ Leitura da biografia de Zumbi dos Palmares ou de Mandela;
- ❖ Apresentação de poesias sobre orgulho de ser negro, consciência negra, etc. (a critério);
- ❖ Roda de conversa enfocando a diferença entre o dia 13 de maio e o dia 20 de novembro (mostrar imagens relacionadas);
- ❖ Organização de um mural de conceitos para uma conversa sobre a diferença entre cor, raça e etnia;
- ❖ Encenação de uma dança afro (a critério) para posterior conversa sobre a temática;
- ❖ Palestra com membro do Movimento Quilombola de Bequimão sobre a temática.

6. Procedimentos pedagógicos

No decorrer da abordagem da temática, os seguintes procedimentos poderão ser aplicados em sala de aula:

- ❖ Exibição do vídeo **Como é bom ser diferente** (Turminha do Tio Marcelo) ou **Meninos de todas as cores** (Varal de Histórias). Ver sugestões de vídeos e filmes.
- ❖ Conversa sobre o vídeo, pedindo que digam o que viram, ouviram, que acompanhem com palmas a música e recontem a história exibida;
- ❖ Escolher flores de variadas cores e espalhar pelo chão. Em seguida, pedir que os alunos escolham uma flor apenas e depois comente sobre a razão de ter escolhido uma cor e não outra. Conversa sobre a beleza das flores. Enfatizar que somos belos, independentemente de cor. Elaboração de um texto coletivo relacionando a beleza das flores com a beleza de cada um;
- ❖ Apreciação de imagens de pessoas negras;
- ❖ Leitura e escrita de nomes de personalidades negras;
- ❖ Leitura e conversa sobre o texto “Menina bonita do laço de fita”. Exploração do texto com questionamentos sobre a cor e as qualidades da menina;
- ❖ Desenhos e pinturas de autoimagens (como os alunos se veem). Socialização dos desenhos entre eles;
- ❖ Produção de textos sobre “Quem sou eu?”. Enfatizar aspectos pessoais, da personalidade, o significado do seu nome, a família da qual faz parte, a comunidade onde vive, etc.;
- ❖ Produção de histórias a partir de seus desenhos de autoimagens;
- ❖ Conclusão de histórias que envolvem negros, dando fim que desejar;
- ❖ Roda de conversa com textos variados (a critério) sobre o sentido do 20 de novembro (Dia da Consciência Negra). Leitura da biografia de Zumbi dos Palmares, destacando sua representatividade para os quilombolas;
- ❖ Roda de conversa sobre a diferença entre cor, raça e etnia. Explorar o tema, mostrando imagens das diferentes raças, etnias que formam a sociedade brasileira. Pedir que os alunos apontem individualmente qual desses grupos ele se identifica. Conversar sobre as respostas, procurando perceber a noção de pertencimento étnico que o aluno tem;
- ❖ Conversa sobre a miscigenação no Brasil (pegar massinhas de modelar nas cores bege e marrom e demonstrar o que acontece quando as misturamos). Ouvir o que os alunos têm a dizer sobre essa mistura. Enfatizar que no Brasil ocorreram misturas entre os diversos grupos étnicos.
- ❖ Expor imagens de personalidades negras e brancas e pedir que os alunos apontem aquela que mais chama a atenção e compartilhem as razões com o grupo. Frases e textos poderão ser criados individualmente ou coletivamente sobre esta conversa;
- ❖ Propor atividades individuais de consultas aos seus familiares sobre como se identificam em relação a sua cor e depois compartilhar com o grupo;
- ❖ Conversa sobre o que é ser um quilombola e se eles se identificam com tal. Enfatizar que as comunidades onde nasceram/moram são grupos étnicos que se formaram para fugir, lutar contra o escravismo e não deixar a cultura deles morrer;
- ❖ Atividades diversas no caderno e papel sulfite sobre todas as conversas em sala de aula. Relacionar

também problemas lógico-matemáticos e outros conteúdos escolares à medida que os temas forem sendo discutidos.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Escrita coletiva de texto sobre “Ser negro” a partir de verbalizações dos alunos;
- ❖ Elaboração de um caderno de poesias sobre o tema “Ser negro” ou “Consciência negra”;
- ❖ Pesquisa para organização de uma árvore genealógica (relacionar as crianças aos seus parentes. No topo da árvore poderá conter imagens de negros africanos). Os alunos poderão escrever os nomes, desenhar ou colar fotos de seus parentes/ancestrais,
- ❖ Produção coletiva de bilhetes falando sobre a beleza e o orgulho de ser negro (a);
- ❖ Construção do Mural Étnico da turma: composto por fotos e frases que traduzem as características físicas, étnicas e culturais de cada aluno;
- ❖ Formação de painel com personalidades negras famosas;
- ❖ Pesquisa e reescrita de biografias de grandes personalidades negras (Zumbi dos Palmares, Mandela, Pelé, etc.);
- ❖ Organização de uma peça teatral do conto “Menina bonita do laço de fita”;
- ❖ Pesquisa de modelos e técnicas de penteados afros;
- ❖ Construção de panfletos e faixas para participação da MARCHA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE BEQUIMÃO¹;
- ❖ Ensaio fotográfico com meninos e meninas.

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Exposição em mural do texto coletivo “Ser negro”
- ❖ Exposição de caderno de poesias sobre a temática;
- ❖ Apresentação da árvore genealógica com nomes/fotografias/desenhos dos parentes/ancestrais dos alunos;
- ❖ Distribuição aos visitantes dos bilhetes produzidos coletivamente pelos alunos;
- ❖ Exposição do Mural Étnico;
- ❖ Exibição do painel sobre personalidades negras e suas biografias;
- ❖ Dramatização da estória “Menina bonita do laço de fita”;
- ❖ Desfile da beleza negra (meninas e meninos);
- ❖ Realização de festivais como o “Baile do cabelo crespo”, “Baile do Rastafári”, etc (consiste em promover um baile aberto à comunidade, orientando as pessoas para exibirem seus cabelos de forma criativa. Ao final, pode haver a escolha do cabelo mais bonito/estiloso/criativo);
- ❖ Execução do “Dia da Beleza Afro” (consiste em convidar as mulheres da comunidade para um dia de beleza promovido pelos (as) alunos (as));
- ❖ Concurso de penteados afros;
- ❖ Participação da escola e comunidade na MARCHA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE BEQUIMÃO;
- ❖ Exibição das fotos do ensaio fotográfico.

¹ A Marcha das Comunidades Quilombolas de Bequimão é um evento promovido pelo Movimento Quilombola de Bequimão (MOQBQ), realizado anualmente nesse município, em comemoração ao Dia da Consciência Negra.

Folha de registro



A large rectangular area enclosed by a red border, containing numerous horizontal lines for writing, serving as a registration sheet.

Oficina Pedagógica 10

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS DO MEU QUILOMBO

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “Brinquedos e brincadeiras do meu quilombo” visa resgatar parte da cultura das comunidades quilombolas, manifestada por meio de brinquedos e brincadeiras mais comuns praticados e transmitidos de geração em geração, e onde o brincar é sinônimo de conviver. Possibilitar às novas gerações conhecimentos sobre as antigas formas de brincar incentiva o respeito aos mais velhos, a convivência fraterna e a valorização das suas raízes.

2. Objetivos

- ❖ Conhecer brinquedos e brincadeiras antigas mais populares na comunidade;
- ❖ Aprender canções, parlendas, adivinhas, quadrinhas de determinados grupos e eventos culturais;
- ❖ Valorizar os brinquedos e brincadeiras do quilombo, reconhecendo-os como parte do seu patrimônio cultural;
- ❖ Relacionar aspectos dos temas abordados com outros conteúdos escolares referentes à etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Brinquedos e brincadeiras populares
- ❖ Cantigas, parlendas, adivinhas e quadrinhas
- ❖ Respeito e valorização às formas de brincar dos povos quilombolas
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Aparelho para gravação de áudios e vídeos
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Textos variados
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais
- ❖ Materiais variados para produção de brinquedos

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Encenação de brincadeiras antigas da comunidade (cantigas de roda, boca de forno, cai no poço,

formiguinha, etc.);

- ❖ Apresentação de brinquedos antigos produzidos pelas pessoas da comunidade;
- ❖ Exibição do vídeo **Território do Brincar** do TV BRASIL (ver sugestões de vídeos e filmes). Discussão sobre o que foi visto e o que mais chamou a atenção;
- ❖ Exibição do vídeo **Disque Quilombola** (ver sugestões de vídeos e filmes). Discussão sobre o que foi visto e o que mais chamou a atenção;
- ❖ Apresentação de brinquedos e brincadeiras da série **BRINCADEIRAS PELO BRASIL** (Disponível em: <http://territoriodobrincar.com.br/brincadeiras-pelo-brasil/> <acesso 12 nov. 2018>). Conversa sobre os brinquedos e brincadeiras conhecidas pelos alunos;
- ❖ Mural de conceitos com exibição de nomes de brinquedos e brincadeiras variadas. Os alunos deverão identificar aquelas que conhecem, encenar a brincadeira ou dizer como é confeccionado o brinquedo.

7. Procedimentos pedagógicos

No decorrer da abordagem da temática, os seguintes procedimentos poderão ser aplicados em sala de aula:

- ❖ Exibição de imagens de brinquedos antigos que remetam às comunidades quilombolas. Pedir que identifiquem e verbalizem os nomes, como se brinca, o material que é confeccionado, etc;
- ❖ Desenhos e escrita de nomes de brinquedos e brincadeiras que mais gostam;
- ❖ Elaboração de roteiro de entrevista e visita às casas de pessoas mais velhas para saber sobre seus brinquedos e brincadeiras preferidas. Registrar com fotos e/ou vídeos quando possível;
- ❖ Socialização dos áudios e/ou vídeos gravados durante entrevista;
- ❖ Desenhos e pinturas sobre as impressões deixadas pelas visitas;
- ❖ Produção de texto coletivo sobre brinquedos antigos da comunidade (escrita dos nomes dos brinquedos mais citados nas entrevistas e como são produzidos);
- ❖ Produção de texto coletivo sobre brincadeiras antigas da comunidade (descrição de como funciona);
- ❖ Apresentação de cantigas de roda (incluir letra da cantiga no quadro ou cartaz). Exploração de palavras do texto;
- ❖ Caixa com adivinhas populares (um lê e os demais tentam adivinhar);
- ❖ Apresentação em cartaz de parlendas e quadrinhas populares. Explorar as palavras e rimas;
- ❖ Estimular as crianças a produzirem suas próprias adivinhas, parlendas e quadrinhas.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Montagem de mural com registros e informações das visitas;
- ❖ Confeção de brinquedos antigos mais populares na comunidade;
- ❖ Produção de um caderno de adivinhas, parlendas e quadrinhas populares;
- ❖ Produção de um caderno com adivinhas, parlendas e quadrinhas inventadas pelos alunos.

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Minifeiras para apresentação em murais dos registros e informações das visitas;
- ❖ Exposição dos brinquedos e encenações de brincadeiras aprendidas durante a oficina;
- ❖ Exposição dos cadernos de adivinhas, parlendas e quadrinhas populares e inventadas;
- ❖ Reunir a comunidade para propor a criação de uma BRINQUEDOTECA COMUNITÁRIA.

Folha de registro



A large rectangular area with a red border, containing 25 horizontal lines for writing.

ANEXOS



pt.vectorhq.com

ANEXO 01

Os Quilombos (Canal Kids)

Quilombo é aquilo que se forma quando a gente bate em algum lugar e fica inchado? Não!!! Os quilombos eram vilas e acampamentos formados pelos escravos que fugiam, lugares bem escondidos, longe dos brancos e em regiões de difícil acesso.

Os habitantes que viviam nos quilombos eram chamados de quilombolas. Estranho, não? Mas não seria tão estranho assim se falássemos tupi: quilombola vem do tupi "canhambora", que significa "aquele que costuma fugir". E olhe como os quilombolas eram organizados: todos cuidavam da terra, plantavam e criavam animais, e a comida era repartida entre todos. Uma vida bem diferente da realidade das senzalas e palhoças (casas de palha).

O quilombo mais importante foi o de Palmares, que ficava entre Alagoas e Pernambuco.

Poderíamos até dizer "quilombão", já que Palmares chegou a abrigar 20 mil habitantes!



Você já ouviu falar de Zumbi e Ganga Zumba? Ganga Zumba foi o primeiro grande líder. Em 1678, ele abandonou Palmares depois de um acordo feito com o governador de Pernambuco, Aires de Souza e Castro, que cedia outras terras e liberdade apenas para os nascidos no quilombo.

Os que não concordaram com ele continuaram em Palmares, sob o comando de Zumbi, seu líder mais importante. Negro alto, forte e muito corajoso, Zumbi lutou até a morte para defender a comunidade e a liberdade dos negros. Traído por Antônio Soares, seu amigo de confiança, Zumbi foi encontrado em seu esconderijo e morto em 1695.

Sabe quanto tempo Palmares durou? Ele foi criado em por volta de 1590, e destruído em 1694 por tropas de Domingos Jorge Velho. E então, fez as contas? Mais de 100 anos!!!

Além de fugir e formar quilombos, os negros também resistiam preservando suas tradições...

(Fonte: <http://www.canalkids.com.br/cultura/historia/quilombos.htm> <acesso 30 set. 2018>)

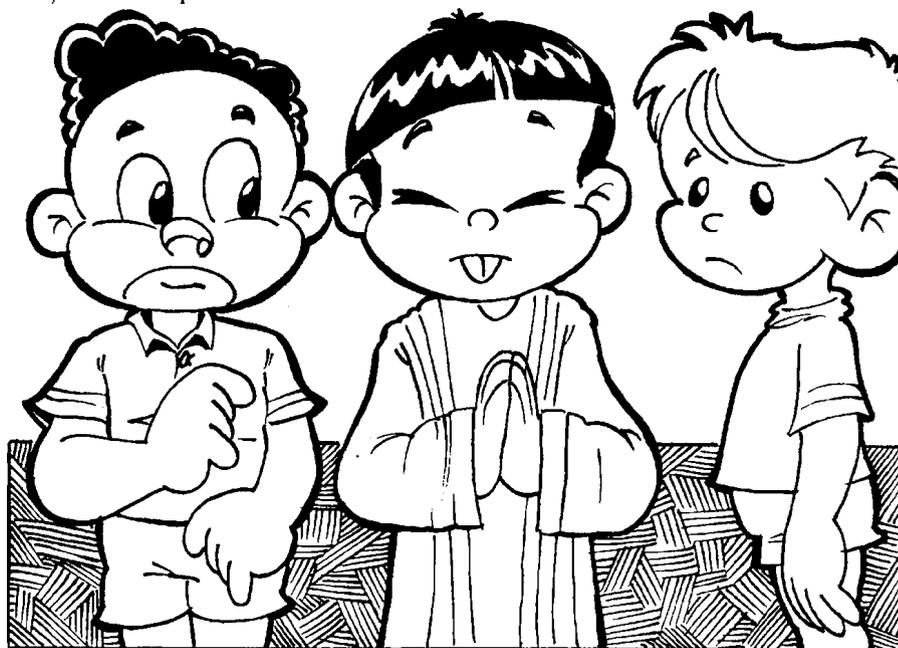
ANEXO 02

Discriminação Racial

Quando uma pessoa acredita que a sua raça é melhor do que as outras dizemos que essa pessoa é **racista**. E a esse tipo de crença damos o nome de **racismo**.

Até o século passado, até mesmo os cientistas acreditavam que havia raças superiores (mais capazes, mais inteligente) e raças inferiores. Os cientistas acreditavam também que haviam raças puras e que essas raças “puras” eram melhores do que as “misturadas” (caso do mulato, por exemplo). Hoje sabemos que nada disso é verdade. Não existem raças “puras” e nem existe uma raça mais capaz do que outra. Mas por causa dessas crenças, muitos povos sofreram, como os judeus, durante a 2ª Guerra Mundial, perseguidos pelos nazistas. Ou como os índios, considerados, até hoje, por muita gente, como incapazes. Ou como os negros, escravizados pelos europeus durante séculos.

Como em quase todos os lugares, no Brasil também existe racismo. Mas o racismo que existe no Brasil se apresenta de forma diferente, se comparado ao de outros países como a África do Sul e os Estados Unidos, onde chegam a morrer inúmeras pessoas por perseguição racial. No Brasil, um século antes da abolição da Escravatura (1888), já havia leis contra o racismo; nessa época, o sacerdócio deixou de ser proibido e filhos e netos dos judeus, mulatos e negros. E passou-se a aceitar negros e mulatos no serviço público. E, neste século, com a “Lei Afonso Arinos”, de 1951, o racismo passou a ser considerado crime.



ANEXO 03

ROMEU E JULIETA

(Ruth Rocha – Adaptação Portal Geledes)

Há muito tempo, não muito longe daqui, havia um reino muito engraçado. Todas as coisas eram separadas pela cor. Branco, amarelo, azul, vermelho, preto. As borboletas brancas só visitavam o canteiro branco. As borboletas azuis só visitavam o canteiro azul. Neste reino vivam Julieta e Romeu. Julieta era uma borboleta amarela do canteiro amarelo e Romeu uma borboleta azul do canteiro azul.

Seus pais sempre avisavam para que não passeassem em canteiros de outra cor.

Um dia, na primavera, Ventinho convidou Romeu para dar um passeio no canteiro amarelo. Chegando lá, ventinho apresentou Romeu a Julieta e os dois logo ficaram amigos. Romeu e Julieta começaram a brincar e saíram para conhecer melhor o reino. Ficaram encantados com tudo o que viram e acabaram entrando na floresta. Quando a noite chegou, Romeu e Julieta não conseguiram encontrar o caminho de volta.

Enquanto isso, lá no canteiro amarelo, a mãe de Julieta estava desesperada, e lá no canteiro azul, o pai de Romeu estava preocupadíssimo. Eles não sabiam o que fazer para encontrar os filhos, até que a borboleta amarela tomou coragem e foi falar com a borboleta azul, falaram com o senhor Vento e todas as borboletas saíram de canteiro em canteiro procurando o Romeu e a Julieta.

Quando amanheceu o dia, o céu estava cheio de cores. Quando Romeu e Julieta viram seus pais, ficaram felizes em poder voltar para casa.

E quando chegou de novo a primavera tudo estava diferente naquele reino. Os canteiros tinham todas as cores misturadas. Margaridas, cravos, dalias, miosótis, rosas, cresciam juntas, misturadas. E juntas brincavam as borboletas.

(Fonte: www.geledes.org.br/preconceito-racial-vida-tem-cor-que-voce-pinta/ <acesso 21 set. 2018>)

ANEXO 04

A Menina que não falava

Certo dia, um rapaz viu uma rapariga muito bonita e apaixonou-se por ela. Como se queria casar com ela, no outro dia, foi ter com os pais da rapariga para tratar do assunto.

__Essa nossa filha não fala. Caso consigas fazê-la falar, podes casar com ela, responderam os pais da rapariga.

O rapaz aproximou-se da menina e começou a fazer-lhe várias perguntas, a contar coisas engraçadas, bem como a insultá-la, mas a miúda não chegou a rir e não pronunciou uma só palavra. O rapaz desistiu e foi-se embora.

Após este rapaz, seguiram-se outros pretendentes, alguns com muita fortuna, mas ninguém conseguiu fazê-la falar.

O último pretendente era um rapaz sujo, pobre e insignificante. Apareceu junto dos pais da rapariga dizendo que queria casar com ela, ao que os pais responderam:

__Se já várias pessoas apresentáveis e com muito dinheiro não conseguiram fazê-la falar, tu é que vais conseguir? Nem penses nisso!

O rapaz insistiu e pediu que o deixassem tentar a sorte. Por fim, os pais acederam.

O rapaz pediu à rapariga para irem à sua machamba, para esta o ajudar a sachar. A machamba estava carregada de muito milho e amendoim e o rapaz começou a sachá-los.

Depois de muito trabalho, a menina ao ver que o rapaz estava a acabar com os seus produtos, perguntou-lhe:

__ O que estás a fazer?

O rapaz começou a rir e, por fim, disse para regressarem a casa para junto dos pais dela e acabarem de uma vez com a questão.

Quando aí chegaram, o rapaz contou o que se tinha passado na machamba. A questão foi discutida pelos anciãos da aldeia e organizou-se um grande casamento.

A Origem do Tambor

Dizem na Guiné que a primeira viagem à Lua foi feita pelo Macaquinho de nariz branco.

Segundo dizem, certo dia, os macaquinhos de nariz branco resolveram fazer uma viagem à Lua a fim de trazê-la para a Terra.

Após tanto tentar subir, sem nenhum sucesso, um deles, dizem que o menor, teve a idéia de subirem uns por cima dos outros, até que um deles conseguiu chegar à Lua.

Porém, a pilha de macacos desmoronou e todos caíram, menos o menor, que ficou pendurado na Lua. Esta lhe deu a mão e o ajudou a subir.

A Lua gostou tanto dele que lhe ofereceu, como regalo, um tamborinho.

O macaquinho foi ficando por lá, até que começou a sentir saudades de casa e resolveu pedir à Lua que o deixasse voltar.

A lua o amarrou ao tamborinho para descê-lo pela corda, pedindo a ele que não tocasse antes de chegar à Terra e, assim que chegasse, tocasse bem forte para que ela cortasse o fio.

O Macaquinho foi descendo feliz da vida, mas na metade do caminho, não resistiu e tocou o tamborinho. Ao ouvir o som do tambor a Lua pensou que o Macaquinho houvesse chegado à Terra e cortou a corda.

O Macaquinho caiu e, antes de morrer, ainda pode dizer a uma moça que o encontrou, que aquilo que ele tinha era um tamborinho, que deveria ser entregue aos homens do seu país.

A moça foi logo contar a todos sobre o ocorrido. Vieram pessoas de todo o país e, naquela terra africana, ouviam-se os primeiros sons de tambor.

Os segredos da nossa casa

Certo dia, uma mulher estava na cozinha e, ao atiçar a fogueira, deixou cair cinza em cima do seu cão.

O cão queixou-se:

__ A senhora, por favor, não me queime!

Ela ficou muito espantada: um cão a falar! Até parecia mentira...

Assustada, resolveu bater-lhe com o pau com que mexia a comida. Mas o pau também falou:

__O cão não me fez mal. Não quero bater-lhe!

A senhora já não sabia o que fazer e resolveu contar às vizinhas o que se tinha passado com o cão e o pau.

Mas, quando ia sair de casa a porta, com um ar zangado, avisou-a:

— Não saias daqui e pensa no que aconteceu. Os segredos da nossa casa não devem ser espalhados pelos vizinhos.

A senhora percebeu o conselho da porta. Pensou que tudo começara porque tratara mal o seu cão. Então, pediu-lhe desculpa e repartiu o almoço com ele.

Coração-Sozinho

O Leão e a Leoa tiveram três filhos; um deu a si próprio o nome de Coração-Sozinho, o outro escolheu o de Coração-com-a-Mãe e o terceiro o de Coração-com-o-Pai.

Coração-Sozinho encontrou um porco e apanhou-o, mas não havia quem o ajudasse porque o seu nome era Coração-Sozinho.

Coração-com-a-Mãe encontrou um porco, apanhou-o e sua mãe veio logo para o ajudar a matar o animal. Comeram-no ambos.

Coração-com-o-Pai apanhou também um porco. O pai veio logo para o ajudar. Mataram o porco e comeram-no os dois.

Coração-Sozinho encontrou outro porco, apanhou-o mas não o conseguia matar. Ninguém foi em seu auxílio. Coração-Sozinho continuou nas suas caçadas, sem ajuda de ninguém. Começou a emagrecer, a emagrecer, até que um dia morreu.

Os outros continuaram cheios de saúde por não terem um coração sozinho.

(Fonte: http://muralafrica.paginas.ufsc.br/files/2011/11/CONTOS_AFRICANOS.pdf <acesso 23 out. 2018>)

ANEXO 05

Paranauê

(Grupo Capoeira Angola)

Vou dizer minha mulher, Paraná
Capoeira me venceu, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

Vou me embora pra favela, Paraná
Como já disse que vou, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

E desvera que o morro, Paraná
Se mudou para cidade, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

Vou me embora dessa terra, Paraná
Como já disse que vou, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

Eu aqui não sou querido, Paraná
Mas na minha terra eu sou, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

Cantando com alegria, Paraná
Mocidade es que mata, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

O enfeite de uma mesa, Paraná
É um garfo e uma colher, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

O enfeite de uma cama, Paraná
É um homem e uma mulher, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

Mulher pra ser bonita, Paraná
Não precisa se pintar, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

ANEXO 06

A CAPOEIRA

A capoeira, uma dança fascinante e ao mesmo tempo uma luta mágica, é praticada em todo o país de um jeito alegre e contagiante. Surgiu na Bahia, no período da escravidão.

As condições em que viviam os negros durante a escravidão eram desumanas. Tentar manter a dignidade e suas tradições era a única coisa que restava a eles. Para enganar os senhores, os escravos continuavam praticando suas crenças disfarçadas de cantigas e danças. Dos gestos que faziam nesses rituais, surgiu a capoeira.

Os movimentos da dança também eram usados pelos escravos como defesa, pois, como não tinham armas, utilizavam o próprio corpo contra os inimigos.

Ainda bem que tudo isso acabou e hoje podemos ver rodas de capoeira em todos os lugares: ruas, praças, academias, parques e praias. Sempre acompanhadas de muita ginga, cantos, palmas e do som envolvente do berimbau.

(Fonte: <http://www.canalkids.com.br/arte/danca/capoeira.htm> <acesso 08 nov. 2018>)

SUGESTÕES DE VÍDEOS E FILMES

VÍDEOS

- ✚ A história da capoeira (Giancarlo Hilario): <https://www.youtube.com/watch?v=nngZA7wDS3I> <acesso 27 set. 2018>
- ✚ África (Coral Palavra Cantada): <https://www.youtube.com/watch?v=zRYF5f5nJQI> <acesso 25 out. 2018>
- ✚ Aspetos da Cultura Quilombola: <https://www.youtube.com/watch?v=MFCVDJQTsel> <acesso 01 set. 2018>
- ✚ Brasil possui mais de cinco mil territórios quilombolas: <https://www.youtube.com/watch?v=1dgpZF9-S8U> <acesso 22 out. 2018>
- ✚ Breve História da Cultura Africana: <https://www.youtube.com/watch?v=RPzxt1iZGiA> <acesso 29 set. 2018>
- ✚ Bruna e galinha D'Angola (Gercilga de Almeida): https://www.youtube.com/watch?v=bYIRHi_gy2M <acesso 25 nov. 2018>
- ✚ Capoeira: <https://www.youtube.com/watch?v=2zmABDdNQlo> <acesso 13 set. 2018>
- ✚ Como é bom ser diferente (Turma do Tio Marcelo): <https://www.youtube.com/watch?v=6JRabhhprks> <acesso 03 nov. 2018>
- ✚ Direitos dos quilombolas: https://www.youtube.com/watch?v=zjj3ii_GYrY <acesso 17 set. 2018>
- ✚ Disque Quilombola: https://www.youtube.com/watch?v=GStv-f_bcfU <acesso 09 jan. 2019>
- ✚ Documentário quilombolas (Refúgios da escravidão): <https://www.youtube.com/watch?v=sOxfJ7-6ffg> <acesso 01 set. 2018>
- ✚ Eu (Palavra Cantada): http://www.youtube.com/watch?v=2cqcWHs7a_E <acesso 26 out. 2018>
- ✚ Filme Candomblé: https://www.youtube.com/watch?time_continue=102&v=VcWGBs_14H0 <acesso 06 dez. 2018>
- ✚ História da África e Cultura Afro - Parte I - Professor: Sandro Corrêa: <https://www.youtube.com/watch?v=LlzXGsqmb4o> <acesso 25 set. 2018>
- ✚ Melhor e Mais Justo: O Brasil é Quilombola 1/2: https://www.youtube.com/watch?v=ljG0mJyWy_M <acesso 07 out. 2018>
- ✚ Meninos de todas as cores (Varal de Histórias): <https://www.youtube.com/watch?v=whrqcs6R8Pw> <acesso 19 set. 2018>
- ✚ Mitologia Africana - Olorum e a Origem dos Orixás: <https://www.youtube.com/watch?v=oF27Rr9zVfY> <acesso 26 set. 2018>
- ✚ Ora bolas (Palavra Cantada): <http://www.youtube.com/watch?v=Z3oGEzU2P3I> <acesso 29 set. 2018>
- ✚ Origem Africana (Marcos Rasta): https://www.youtube.com/watch?v=kOzYOW_eWyc <acesso 10 out. 2018>
- ✚ Personalidades Negras: <https://www.youtube.com/watch?v=mf-QCo8lqSg> <acesso 20 set. 2018>
- ✚ Preconceito e estereótipos (Portal Geledes): <https://www.geledes.org.br/plano-de-aula-preconceitos/> <acesso 3 dez. 2018>
- ✚ Quilombo (Quiz TV Escola): https://www.youtube.com/watch?v=N92tZ_KxXyE <acesso 16 set. 2018>
- ✚ Raça humana: https://www.youtube.com/watch?v=y_dbLLBPXLo <acesso 06 nov. 2018>
- ✚ Saborosas memórias quilombolas: <https://www.youtube.com/watch?v=0Au0VmQ1vR4> <acesso 30 nov. 2018>
- ✚ Tradições Kalungas: <http://tvbrasil.ebc.com.br/saojorgecavaleirodastradicoes/episodio/conheca-as-tradicoes-kalungas<31> <acesso 13 out. 2018>
- ✚ Território do brincar: https://www.youtube.com/watch?time_continue=110&v=c5uMtTjPp9c

<acesso 27 set. 2018>

✚ Vista Minha Pele: <https://www.youtube.com/watch?v=JlvjTmQgXOA> <acesso 18 set. 2018>

FILMES

✚ A Rota do Escravo - A Alma da Resistência: <https://www.youtube.com/watch?v=HbreAbZhN4Q> <acesso 24 set. 2018>

✚ Besouro: <https://www.youtube.com/watch?v=NhrSlxqDSEw> <acesso 30 set. 2018>

✚ Ninguém nasce assim: https://www.youtube.com/watch?time_continue=26&v=6H_xfUCLWBY <acesso 05 out. 2018>

✚ O Grande Desafio: <https://www.youtube.com/watch?v=gir6akal60> <acesso 03 jan. 2019>

✚ O Xadrez das Cores: http://www.portacurtas.com.br/pop_160.asp?Cod=2932&exib=5937 <acesso 08 out. 2018>

✚ Olhos Azuis: <https://www.youtube.com/watch?v=mph1tuACRo4> <acesso 14 nov. 2018>

✚ Quilombo (A história do Quilombo dos Palmares): <https://www.youtube.com/watch?v=J-z0M-vcCB4> <acesso 12 nov. 2018>

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de [et al]. ENTRE-VISTAS: abordagens e usos da história oral / Marieta de Moraes Ferreira (Coordenação); Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. Uma história do negro no Brasil / Wlamyra R. de Albuquerque, Walter Fraga Filho. _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- BEDESCHI, Luciana; Zanchetta, Maria Inês. Cidadania quilombola / texto de Luciana Bedeschi. -- São Paulo: Instituto Socioambiental, 2008.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Escravo, nem pensar: almanaque do alfabetizador. Convênio MEC/OIT/ONG Repórter Brasil. Brasília, 2006.
- CAMPOS, Hélio, 1947. Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba / Hélio Campos (Mestre Xaréu). - Salvador: EDUFBA, 2009.
- CENPAH. Racismo e sua incidência no Brasil: uma reflexão dos missionários combonianos do Nordeste. Cartilha Pílulas para enfrentar o racismo no Brasil, novembro/2011.
- GONÇALVES, Dinalva Pereira; GONÇALVES, Pêdra Paula Pereira. HISTÓRIA E MEMÓRIA DE QUILOMBO: RAÍZES, RELATOS DA COMUNIDADE RAMAL DE QUINDIUA EM BEQUIMÃO/MA. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 9, p. 199-223, dez. 2017. Disponível em <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/486> < acesso 04 dez. 2018>)
- GONÇALVES, Edson Poujeux. AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: origens, desenvolvimento e influências no Brasil e no sertão paraibano. Seminário Evangélico de Patos: Patos, 2007.
- LIMA, Reginâmio B. Memórias de velhos: Sobre terras e gentes. Rio Branco (AC): Boni, 2008.
- MARANHÃO. Secretaria do Estado da Educação. Documento Curricular do Território Maranhense para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. São Luís, 2019.
- MARTINS, Paulo Cezar Borges. Introdução à sociologia jurídica da luta pela cidadania e direitos humanos do negro no Brasil. Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas - Vitória da Conquista, Ano III, n. 3, p. 71-80, 2005.
- MITOLOGIA AFRICANA. Disponível em <http://www.lunaeamigos.com.br/africa/africa15.htm> < acesso 04 dez. 2018>
- OLIVEIRA, Luís R. Cardoso de. Racismo, direitos e cidadania. Estudos Avançados 18 (50), 2004.
- ORIGEM DA CAPOEIRA. Disponível em: <http://www.capoarte.com.br/> <acesso 19 dez. 2018>
- ROCHA, Sebastião. Folclore: roteiro de pesquisa. Comissão Mineira de Folclore: Belo Horizonte, 1996. Disponível em www.scribd.com <acesso 18 set. 2018>
- SANTOS, Joel Rufino dos. Como eu Ensino: a escravidão no Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Gosto de África: histórias de lá e daqui*. São Paulo: Globo, 2005

SANVITO, Paulo Celso (Org.). *Direitos humanos e a questão da diversidade*. São Paulo: CRUZEIRO DO SUL EDUCACIONAL, s/d. Disponível em www.scribd.com <acesso 01 dez. 2018>

SILVA, Renato Araújo da. (1973). *Arte Afro-Brasileira: altos e baixos de um conceito*. São Paulo: Ferreavox, 2016.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Síntese da coleção *História Geral da África: Pré-história ao século XVI* / coordenação de Valter Roberto Silvério e autoria de Maria Corina Rocha, Mariana Blanco Rincón, Muryatan Santana Barbosa. – Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. *Quilombos no Brasil e a singularidade de Palmares*. Salvador, 2014. Disponível em <https://docplayer.com.br/19144329-Quilombos-no-brasil-e-a-singularidade-de-palmares.html> <acesso 30 nov. 2018>

SOUZA, Ana Lúcia Silva [et al.]. *De olho na cultura: pontos de vista afro-brasileiros* _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005.

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues V657. *História da África* / Raphael Rodrigues Vieira Filho. Salvador: COORDENAÇÃO UAB / UNEB, 2012.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *História da África e dos africanos* / Paulo Fagundes Visentini, Luiz Dario Teixeira Ribeiro, Analúcia Danilevich Pereira. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Sites consultados:

<http://jorcemar.blogspot.com/2012/09/mitologia-africana.html> <acesso 20 out. 2018>

<http://www.capoarte.v10.com.br> <acesso 19 dez. 2018>

<http://www.canalkids.com.br/arte/danca/capoeira.htm> <acesso 03 nov. 2018>

<http://www.cartaeducacao.com.br/aulas/culturas-ludicas-em-areas-ribeirinhas/> <acesso 9 nov. 2018>

<http://www.disquequilombola.com.br/bastidores/telefone-de-lata/> <acesso 29 out. 2018>

<http://www.historiadetudo.com/historia-da-capoeira> <acesso 18 out. 2018>

https://www.ebiografia.com/nelson_mandela <acesso 29 set. 2018>

<https://www.geledes.org.br> <acesso 8 out. 2018>

<https://www.google.com/search?q=religião+africana+para+crianças&sa> <acesso 5 dez. 2018>

CADERNO DE OFICINAS PEDAGÓGICAS

Temáticas Quilombolas

EDUCAÇÃO ESCOLAR
QUILOMBOLA

VOLUME

02

6º ao 9º ano

SUMÁRIO

<i>Oficina Pedagógica 1</i>	3
HISTÓRIA DA ÁFRICA, MINHA HISTÓRIA	3
1. Apresentação	3
2. Objetivos	3
3. Conteúdos	3
4. Carga Horária	3
5. Recursos	3
6. Problemática	3
7. Procedimentos pedagógicos	4
8. Atividade integradora	7
9. Atividade de socialização	8
Folha de registro	9
<i>Oficina Pedagógica 2</i>	10
A HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL: da escravidão de ontem às comunidades de hoje	10
1. Apresentação	10
2. Objetivos	10
3. Conteúdos	10
4. Carga Horária	10
5. Recursos	10
6. Problemática	10
7. Procedimentos pedagógicos	11
8. Atividade integradora	14
9. Atividade de socialização	15
Folha de registro	16
<i>Oficina Pedagógica 3</i>	17
PRECONCEITO, RACISMO E DIREITOS ÉTNICOS	17
1. Apresentação	17
2. Objetivos	17
3. Conteúdos	17
4. Carga Horária	17
5. Recursos	17
6. Problemática	17
7. Procedimentos pedagógicos	18
8. Atividade integradora	21
9. Atividade de socialização	21
Folha de registro	22
<i>Oficina Pedagógica 4</i>	23
HISTÓRIA DA MINHA COMUNIDADE E BIOGRAFIA DOS ANCIÃOS	23
1. Apresentação	23
2. Objetivos	23
3. Conteúdos	23
4. Carga Horária	23
5. Recursos	23
6. Problemática	23
7. Procedimentos pedagógicos	24
8. Atividade integradora	27
9. Atividade de socialização	27
Folha de registro	28
<i>Oficina Pedagógica 5</i>	29
COSTUMES E TRADIÇÕES: a cultura do meu quilombo	29
1. Apresentação	29
2. Objetivos	29
3. Conteúdos	29
4. Carga Horária	29
5. Recursos	29
6. Problemática	29
7. Procedimentos pedagógicos	30
8. Atividade integradora	32
9. Atividade de socialização	33
Folha de registro	34

<i>Oficina Pedagógica 6</i>	35
ARTE, MITOS E CONTOS AFRICANOS	35
1. Apresentação	35
2. Objetivos	35
3. Conteúdos	35
4. Carga Horária	35
5. Recursos	35
6. Problematização	35
7. Procedimentos pedagógicos	36
8. Atividade integradora	38
9. Atividade de socialização	39
Folha de registro	40
<i>Oficina Pedagógica 7</i>	41
RELIGIOSIDADE AFRICANA	41
1. Apresentação	41
2. Objetivos	41
3. Conteúdos	41
4. Carga Horária	41
5. Recursos	41
6. Problematização	41
7. Procedimentos pedagógicos	42
8. Atividade integradora	44
9. Atividade de socialização	44
Folha de registro	45
<i>Oficina Pedagógica 8</i>	46
CAPOEIRA: símbolo da resistência negra	46
1. Apresentação	46
2. Objetivos	46
3. Conteúdos	46
4. Carga Horária	46
5. Recursos	46
6. Problematização	46
7. Procedimentos pedagógicos	47
8. Atividade integradora	49
9. Atividade de socialização	49
Folha de registro	50
<i>Oficina Pedagógica 9</i>	51
IDENTIDADE ÉTNICA E AUTOIMAGEM NEGRA	51
1. Apresentação	51
2. Objetivos	51
3. Conteúdos	51
4. Carga Horária	51
5. Recursos	51
6. Problematização	51
6. Procedimentos pedagógicos	52
8. Atividade integradora	54
9. Atividade de socialização	55
Folha de registro	56
<i>Oficina Pedagógica 10</i>	57
BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS DO MEU QUILOMBO	57
1. Apresentação	57
2. Objetivos	57
3. Conteúdos	57
4. Carga Horária	57
5. Recursos	57
6. Problematização	57
7. Procedimentos pedagógicos	58
8. Atividade integradora	60
9. Atividade de socialização	60
Folha de regist	61
ANEXOS	62
SUGESTÕES DE VÍDEOS E FILMES	93
REFERÊNCIAS	95

Oficina Pedagógica 1

HISTÓRIA DA ÁFRICA, MINHA HISTÓRIA

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “História da África, minha história” tem como finalidade fornecer subsídios para a busca de conhecimentos acerca da história do continente africano, seus povos, sua cultura e a influência destes na formação da sociedade brasileira.

O trabalho com esta temática atende aos preceitos da Lei 10.639/2003 e, especificamente nas escolas das comunidades quilombolas, visa despertar a atenção dos alunos para a estreita relação da sua história de vida com a história dos africanos.

2. Objetivos

- ❖ Conhecer aspectos da história da África e sua relação com a história de formação da sociedade brasileira;
- ❖ Valorizar as produções culturais do povo africano, reconhecendo as suas contribuições para a formação da cultura e identidade nacional;
- ❖ Relacionar aspectos da história da África com outros conteúdos escolares referentes às disciplinas específicas da etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Aspectos históricos e culturais da África
- ❖ Características gerais do continente africano
- ❖ Outros conteúdos específicos de cada disciplina que estejam relacionados à temática
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Mapa-múndi
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Apresentação da música **Origem Africana** de Marcos Rasta (ver sugestões de vídeos e filmes). Os alunos serão convidados a formar uma grande roda para acompanhar a letra da música enquanto a mesma é reproduzida ou lida. Após esse momento, o (s) professor (es) deverá (ão) conversar sobre o sentido da música apresentada.
- ❖ Exibição do vídeo **História da África** (ver sugestões de vídeos e filmes). Pedir aos alunos que anotem

- informações importantes do conteúdo do vídeo. Discussão sobre os pontos destacados;
- ❖ Exibição de outro (s) vídeo (s) a critério do professor. Discussão sobre pontos interessantes do vídeo exibido;
- ❖ Apresentação e discussão de imagens positivas e negativas sobre o continente africano;
- ❖ Jogo de perguntas e respostas sobre a África. As perguntas deverão ser pensadas previamente pelos professores e postas em uma caixa de papelão. Cada aluno será convidado a vir à frente para sortear e ler uma pergunta para que o grupão tente acertar a resposta (fazer múltipla escolha);
- ❖ Jogo de perguntas e respostas estilo “torta na cara”. As perguntas deverão ser pensadas previamente pelos professores. Dividir o grupão em 2 equipes; chamar 1 aluno de cada equipe por vez para tentar responder corretamente à pergunta feita pelo professor. Ganha a equipe que obter o maior número de acertos.

7. Procedimentos pedagógicos

No decorrer da abordagem da temática, alguns dos seguintes procedimentos poderão ser aplicados em sala de aula:

Língua Portuguesa

- ❖ Leitura de poesias que remetem à África. Sugestão de texto: **Sou África** de Enia Stela Lipanga (ver anexo 01). Exploração do sentido do poema; verificação e pesquisas em dicionário de palavras desconhecidas no texto;
- ❖ Reescrita do poema apresentado, pondo a própria visão sobre a África. Socialização com a turma;
- ❖ Apresentação de imagens variadas sobre a África. Solicitar que os alunos criem legendas para cada uma das imagens;
- ❖ Leitura de outros textos que remetem à África (a critério do professor). Discussão sobre o que foi lido;
- ❖ Interpretação e verbalização por parte dos alunos de entendimento sobre textos apresentados sobre a temática;
- ❖ Produção de textos individuais ou coletivos sobre o tema “O que eu sei sobre a África”. Socialização das redações;
- ❖ Produção de frases de efeito sobre o continente africano. Socialização com o restante da turma e escrita em cartazes para espalhar pela turma ou em murais da escola;
- ❖ Pesquisas de palavras de origem africana incorporadas ao português brasileiro. Leitura dos significados de cada palavra no dicionário de português (observar a ordem alfabética);
- ❖ Observação e exploração de imagens variadas que retratem a África. Produção de textos individuais ou coletivos sobre a leitura das imagens;
- ❖ Leitura e discussão de pequenos textos sobre a cultura Africana (a critério do professor);
- ❖ Reescrita de textos variados sobre o continente africano (observar coesão, coerência e pontuações);
- ❖ Produção de resumos de textos variados sobre o continente africano (observar coesão, coerência e pontuações);
- ❖ Produção de textos coletivos em formato de cordéis sobre aspectos da história e cultura africana;
- ❖ Leitura, discussão e reescrita coletiva de textos sobre a colonização africana e a vinda para o Brasil (observar coesão, coerência e pontuações);
- ❖ Produção de receitas de pratos típicos da culinária afro-brasileira;
- ❖ Produção de cartas para os seus ancestrais africanos (escrever o que gostariam de saber a respeito dos seus antepassados, dizer como vivem hoje, sobre o orgulho de vivenciar a África no Brasil, sobre as contribuições que eles deixaram para os brasileiros, etc.);
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Matemática

- ❖ Demonstração da África no mapa-múndi. Verificação do quantitativo de países existentes nesse continente;
- ❖ Explicar que a África ocupa cerca de 20% do globo terrestre. Demonstrar esse quantitativo por meio de outros exemplos, desenhos, frações ou cálculos de porcentagem;
- ❖ Explicar que alguns países africanos se destacaram na antiguidade, principalmente no desenvolvimento de determinadas técnicas, a exemplo do Egito que desenvolveu muitos conhecimentos matemáticos;
- ❖ Leitura do texto **A matemática no Egito Antigo** (ver anexo 02). Conversa sobre os conhecimentos matemáticos dos egípcios, bem como a construção das pirâmides, a invenção de um calendário solar, a criação de um sistema de numeração, dentre outros;
- ❖ Produção de um texto coletivo versando sobre as contribuições dos egípcios para o campo da matemática;
- ❖ Leitura em voz alta do poema **Os Egípcios e a Matemática** (ver anexo 03);
- ❖ Resolver problemas matemáticos envolvendo as 04 operações, utilizando informações sobre o tema História da África;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

História

- ❖ Exibição do vídeo **Breve História da Cultura Africana** (ver sugestões de vídeos e filmes). Conversa sobre o vídeo e produção de um resumo sobre o que foi exibido;
- ❖ Apresentação de imagens de elementos da cultura africana. Os alunos deverão fazer a leitura das imagens e verbalizar o que sabem sobre aquele elemento;
- ❖ Leitura do texto **África: origem histórica do nome** (ver anexo 04);
- ❖ Leitura de textos sobre a história da África (a critério do professor);
- ❖ Pesquisa e discussão sobre o papel da mulher nas sociedades antigas africanas;
- ❖ Identificação de povos e línguas existentes na antiguidade do continente africano;
- ❖ Pesquisa e discussão sobre a colonização, partilha da África e reação dos africanos;
- ❖ Pesquisa e discussão sobre a colonização da África pelos portugueses e tráfico de escravos para o Brasil;
- ❖ Pesquisa sobre como eram os navios negreiros e as condições de travessia do continente africano ao Brasil;
- ❖ Aula expositiva sobre as características do sistema escravista brasileiro no período colonial;
- ❖ Roda de conversa sobre as semelhanças dos africanos com alguns brasileiros, destacando que o Brasil foi formado por várias populações, inclusive de origem africana;
- ❖ Pesquisa sobre a influência africana no dicionário, culinária, danças, músicas, instrumentos e outros elementos da cultura brasileira. Propor um seminário sobre as contribuições dos africanos para a cultura e identidade brasileira (dividir em equipes para que cada uma pesquise sobre um aspecto diferente);
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Geografia

- ❖ Observação da localização do continente africano no mapa-múndi;
- ❖ Leitura da primeira parte do texto **África: origem histórica do nome** (ver anexo 04) que trata da localização geográfica do continente africano;
- ❖ Exploração de aspectos geográficos do continente africano:
 - Limites

- Extensão territorial
- Divisão administrativa
- População
- Relevo
- Clima
- Hidrografia
- Vegetação
- Fauna
- ❖ Desenhos de mapas variados da África com destaque para os aspectos elencados acima (mapa político, mapa que represente o clima, mapa que represente o relevo, mapa que represente a hidrografia, mapa que represente a vegetação, etc);
- ❖ Demonstração do deserto do Saara no mapa, destacando suas características assim como clima, temperatura, relevo, extensão, etc.;
- ❖ Apresentação de bandeiras de países africanos;
- ❖ Pesquisa sobre as principais atividades econômicas de alguns países africanos (no passado e no presente);
- ❖ Exploração do tema “África rica e África pobre”. Após a explanação pelo professor, sugerir que a turma se divida em 2 grupos e pesquisem a respeito das distintas realidades econômicas do continente africano. Exposição oral e escrita sobre o resultado de suas pesquisas;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ciências

- ❖ Identificação da África como o local de origem da espécie humana. Apresentação e conversa sobre textos que confirmam essa teoria científica;
- ❖ Apresentação de textos que tratam sobre a teoria das mudanças fenóticas (cor) dos povos africanos para uma possível adaptação ao clima (pesquisar textos que confirmam e textos que neguem essa teoria). Discussão sobre a temática;
- ❖ Apresentação dos tipos de animais típicos do continente africano e produção de textos sobre as suas características. Sugerir pesquisas sobre os nomes científicos de cada um deles;
- ❖ Pesquisas sobre hábitos alimentares dos povos africanos;
- ❖ Pesquisa e discussões sobre a incidência da AIDS no continente africano. Propor uma reflexão sobre as possíveis causas, consequências para a população africana, o papel dos governantes nesse sentido, de que forma esse problema social (aumento dos casos da doença) poderia ser resolvido, etc.;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Artes

- ❖ Escuta e apreciação de músicas africanas (observar o ritmo, som, instrumentos, etc.);
- ❖ Pesquisa sobre músicos africanos;
- ❖ Apresentação e/ou pesquisas de imagens que remetem à África;
- ❖ Pesquisas de imagens que demonstrem a semelhança entre África e Brasil;
- ❖ Desenhos e/ou pinturas de imagens que remetam ao continente africano (a partir do que foi apresentado e/ou pesquisado);
- ❖ Elaboração de poesias sobre aspectos da cultura africana;
- ❖ Montagem em mural de imagens sobre o continente africano;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Educação Física

- ❖ Ouvir músicas africanas e embalar o corpo de acordo com os respectivos sons e ritmos;
- ❖ Execução de brincadeiras e jogos africanas;
- ❖ Jogo de memória sobre aspectos da história e cultura africana;
- ❖ Identificar atletas africanos e as respectivas modalidades esportivas;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Inglês

- ❖ Identificação de países africanos que falam português e países que falam inglês. Roda de conversa sobre as razões dessas diferenciações linguísticas;
- ❖ Identificação de palavras de origem africana que compõem o dicionário brasileiro. Tradução para o inglês;
- ❖ Identificação do número aproximado de negros que foram trazidos para o Brasil na época da escravidão. Escrever por extenso e pronunciar os numerais;
- ❖ Formar pequenas frases em inglês sobre a relação África-Brasil;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Filosofia

- ❖ Conversa sobre as possíveis razões do negligenciamento das contribuições da filosofia africana para o estudo da Filosofia;
- ❖ Pesquisa sobre filósofos africanos da atualidade e seus pensamentos;
- ❖ Preparar cartazes sobre obras de filósofos africanos;
- ❖ Conversa sobre a importância do respeito e valorização à cultura africana e suas variadas formas de manifestação;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ensino Religioso

- ❖ Pesquisa sobre as religiões praticadas no passado e nos dias atuais no continente africano;
- ❖ Leitura em voz alta e discussão de textos sobre a concepção de vida e morte nas religiões africanas;
- ❖ Caixa surpresa contendo símbolos de natureza religiosa africana (ver anexo 05). Os símbolos poderão ser copiados, cortados e depositados em uma caixa; o professor deverá tirar um símbolo por vez e apresentar o seu significado;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Produção de mural com figuras, desenhos, pinturas, textos produzidos e outras atividades realizadas em sala de aula em cada uma das disciplinas sobre aspectos relativos à África;
- ❖ Desenhos diversos sobre a história e cultura africana;
- ❖ Produção de cartazes sobre as principais contribuições dos egípcios para a matemática: pirâmides, calendário solar e sistema de numeração;

- ❖ Produção de bandeiras de países africanos;
- ❖ Montagem de cartazes com informações sobre países africanos;
- ❖ Minifeira com exposição de desenhos de símbolos africanos e seus significados;
- ❖ Confeção de um minidicionário com palavras de origem africana;
- ❖ Pesquisa em dicionários dos significados de palavras de origem africana. Colagem de imagens das palavras pesquisadas e escrita de seu significado em papel sulfite (A4).

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Minifeiras para apresentação em murais das diversas produções dos alunos em sala de aula;
- ❖ Concurso de desenhos sobre a história e cultura da África;
- ❖ Exposição de cartazes sobre as contribuições dos egípcios para a matemática;
- ❖ Exposição de cartazes com informações sobre países africanos;
- ❖ Exposição de bandeiras de países africanos produzidas em sala de aula;
- ❖ Exposição de desenhos de símbolos africanos e seus significados;
- ❖ Exposição de minidicionário com palavras de origem africana e suas respectivas imagens.

Folha de registro



A large rectangular area with a red border, containing 25 horizontal lines for writing.

Oficina Pedagógica 2

A HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL: da escravidão de ontem às comunidades de hoje

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “História do negro no Brasil: da escravidão de ontem às comunidades de hoje” tem por finalidade trabalhar o tema da escravidão no Brasil, a formação dos quilombos no passado e a origem das comunidades quilombolas atuais. A referida temática visa ainda levar os alunos a se perceberem sujeitos integrantes de grupos étnicos que representam a resistência física e cultural dos seus ancestrais africanos.

2. Objetivos

- ❖ Conhecer aspectos históricos do sistema escravista no período colonial brasileiro;
- ❖ Identificar as formas de rejeição do negro cativo ao sistema escravista, com ênfase na formação dos diversos quilombos;
- ❖ Relacionar os quilombos do passado com as comunidades quilombolas da atualidade;
- ❖ Compreender aspectos da escravidão brasileira e formação das comunidades quilombolas com outros conteúdos escolares referentes às disciplinas específicas da etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Aspectos gerais sobre a escravidão brasileira e formas de resistência
- ❖ Relação entre quilombos do passado e do presente
- ❖ Outros conteúdos específicos de cada disciplina que estejam relacionados à temática
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Mapa-múndi
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Exibição do vídeo **Quilombo** (Quiz TV Escola). O mesmo pode ser conferido nas sugestões de vídeos;
- ❖ Apresentação de outros vídeos, músicas, textos, imagens que remetam à temática (a critério do professor).
- ❖ Exibição da música **No Quilombo a Negra Cafuza** de Luiz Ayrão (ver sugestões de vídeos e filmes).

Convidar os alunos a acompanharem a música com palmas e danças.

Após a exibição, o (s) professor (es) deverá (ão) conversar sobre o que foi apresentado, enfatizando que o negro foi trazido da África para o Brasil, influenciou e foi influenciado, e aqui fez a sua história e a história desse país;

- ❖ Palestra com uma liderança da comunidade sobre a temática escravidão e formação das comunidades quilombolas.

7. Procedimentos pedagógicos

Língua Portuguesa

- ❖ Apresentação e conversa sobre imagens que remetam à escravidão dos negros no Brasil;
- ❖ Exibição de palavras-chave sobre o tema para auxiliar na contagem e exploração do tema;
- ❖ Leitura compartilhada de textos sobre escravização de africanos e surgimento de quilombos no Brasil;
- ❖ Produção de textos coletivos a partir das falas dos alunos sobre imagens e/ou textos apresentados;
- ❖ Produção de resumos individuais pelos alunos sobre a temática;
- ❖ Leitura de poesias que remetem à temática. Sugestão de poesia: **Ama de Leite** (ver anexo 06). Exploração do sentido do poema; verificação e pesquisas em dicionário de palavras desconhecidas no texto;
- ❖ Verbalização por parte dos alunos de entendimento sobre o que foi lido;
- ❖ Identificação de figuras de linguagem existentes nesse poema e/ou em outros textos;
- ❖ Produção de textos individuais ou coletivos sobre o tema “As marcas da escravidão brasileira”. Socialização das redações;
- ❖ Pesquisa da etnografia da palavra QUILOMBO (explorar sinônimos);
- ❖ Observação e exploração de imagens variadas que retratem o sistema escravista colonial. Produção de textos individuais ou coletivos sobre a leitura das imagens;
- ❖ Pesquisas de textos jornalísticos do tempo da escravidão. Compartilhar as imagens, leituras e verificar palavras desconhecidas;
- ❖ Leitura e discussão de pequenos textos sobre a escravidão brasileira e a formação dos quilombos (a critério do professor);
- ❖ Produção de resumos de textos variados sobre a temática (observar coesão, coerência e pontuações);
- ❖ Produção de textos coletivos em formato de cordéis sobre a escravidão e a libertação por meio dos quilombos;
- ❖ Leitura, discussão e reescrita coletiva de textos sobre a formação dos quilombos e a relação com as comunidades quilombolas da atualidade (observar coesão, coerência e pontuações);
- ❖ Pesquisas sobre as comunidades quilombolas do município de Bequimão, reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares. Listar e obter informações sobre a origem do nome de cada uma delas;
- ❖ Pesquisar o significado de siglas como FCP, INCRA, CPT, MOQUIBOM, etc. Dissertar sobre as atribuições de cada uma dessas instituições;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Matemática

- ❖ Demonstração da África e Brasil no mapa-múndi. Verificação do quantitativo de africanos que foram trazidos para o Brasil pelos colonizadores europeus (pesquisar o quantitativo aproximado introduzido em cada estado brasileiro). Representar numericamente e por extenso;
- ❖ Calcular a distância (em linha reta) entre África e Brasil utilizando diversas unidades de medidas (DAM, HM, KM, M);

- ❖ Observar o quadro de distribuição do quantitativo de comunidades quilombolas certificadas no Brasil (anexo 07). Colocar os nomes dos estados em ordem de quantidade (do maior para o menor número de comunidades);
- ❖ Representar em porcentagens o quantitativo de comunidades por estado da federação;
- ❖ Representar em gráficos o quantitativo de comunidades por estado da federação;
- ❖ Resolução de problemas lógico-matemáticos envolvendo as 04 operações e as discussões dos textos trabalhados sobre a escravidão e os quilombos;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

História

- ❖ Leitura de textos variados sobre a escravidão brasileira;
- ❖ Discussão sobre as consequências da escravidão para o continente africano e para o Brasil;
- ❖ Produção de uma linha do tempo sobre a trajetória dos africanos, desde a captura no seu local de origem até os dias atuais. Para essa atividade, demonstrar variados exemplos de linhas do tempo;
- ❖ Leitura compartilhada de textos sobre a formação dos quilombos;
- ❖ Exibição do vídeo **Quilombo de Palmares** (ver sugestões de vídeos e filmes). Conversa sobre o vídeo e produção de um resumo sobre o que foi exibido;
- ❖ Roda de conversa sobre a relação entre os quilombos do passado e as comunidades quilombolas da atualidade;
- ❖ Identificação das regiões brasileiras com maior concentração de comunidades quilombolas. Discussão sobre as razões históricas que levaram às diferenciações (verificar que alguns estados não possuem comunidades quilombolas. Propor um debate sobre o assunto);
- ❖ Pesquisas sobre os municípios maranhenses com maior concentração de comunidade quilombolas. indicar o site da Fundação Cultural Palmares (www.palmares.gov.br) para essa busca;
- ❖ Roda de conversa sobre a grande concentração de comunidades quilombolas na região da Baixada e Litoral Maranhense. Destacar as razões para a existência de inúmeras comunidades remanescentes nessa região, bem como mencionar os quilombos de maior destaque (ex: Quilombo Limoeiro, Quilombo Frechal, Quilombo São Benedito, Quilombo Maracaçumé, dentre outros);
- ❖ Pesquisas sobre as comunidades quilombolas bequimãoenses certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Anotar informação sobre a história de formação de cada uma delas;
- ❖ Pesquisas sobre jornais da época da escravidão e de jornais atuais com noticiários sobre negros. Socializar com a turma. Propor uma reflexão sobre as diferenças e semelhanças entre os noticiários sobre negros do passado e do presente;
- ❖ Pesquisar sobre histórias reais envolvendo conflitos de terras nas comunidades quilombolas. Averiguar, junto aos moradores da própria comunidade, a existência de um possível conflito agrário na região;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Geografia

- ❖ Identificação no mapa do Brasil dos estados brasileiros que mais receberam escravos no período colonial;
- ❖ Conversa sobre as atividades econômicas desenvolvidas no Brasil pelos escravizados no período colonial;
- ❖ Roda de conversa sobre as fugas dos escravizados para os quilombos, as condições geográficas que favorecerem a preservação destes e dificultaram a recaptura nas matas;

- ❖ Leitura de textos sobre o Quilombo dos Palmares, a origem do nome e as condições geográficas que favorecerem a preservação deste por tantos anos.
- ❖ Identificação no mapa do Brasil do local onde se formou o Quilombo dos Palmares, como se chama a cidade atualmente e a que estado pertence. Propor uma pesquisa sobre aspectos geográficos do estado de Alagoas onde se formou Palmares:
 - Limites
 - Extensão territorial
 - Divisão administrativa
 - População
 - Relevo
 - Clima
 - Hidrografia
 - Vegetação
 - Fauna
- ❖ Representar os dados da pesquisa em tabelas;
- ❖ Conversa sobre as condições geográficas e os recursos naturais encontrados na comunidade local;
- ❖ Observar o quadro de distribuição do quantitativo de comunidades quilombolas certificadas no Brasil (anexo 07). Identificar no mapa do Brasil onde há maior concentração de comunidades quilombolas na atualidade;
- ❖ Textos, conversas e outros meios para conversar sobre os conflitos territoriais existentes na maioria das comunidades quilombolas;
- ❖ Pesquisas sobre escravidão e semiescravidão nos dias atuais. Discussão e produção de textos individuais e coletivos sobre esse assunto;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ciências

- ❖ Conversa sobre a planta nativa brasileira no período colonial (pau-brasil). Explorar suas características, nome científico, etc.
- ❖ Roda de conversa sobre o processo de miscigenação no Brasil. Explicar conceitos relativos a herança genética, DNA, características fenóticas, etc.
- ❖ Pesquisas sobre animais que foram trazidos da África para o Brasil pelos europeus no período colonial. Produzir um texto livre sobre as características desses animais;
- ❖ Pesquisas sobre hábitos alimentares dos negros escravizados nas senzalas. Roda de conversa para discutir o assunto e desmistificar a lenda que diz que “leite com manga faz mal” (crença do tempo da escravidão que tinha por objetivo frear o consumo de leite por parte dos escravizados nas fazendas);
- ❖ Roda de conversa sobre os hábitos alimentares da sua comunidade;
- ❖ Identificação de doenças que acometem populações negras (a exemplo da anemia falciforme). Conversa sobre as características, sintomas e formas de tratamento;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Artes

- ❖ Pesquisas sobre a história de vida da escritora maranhense, negra e abolicionista Maria Firmina dos Reis. Leitura de um trecho da obra dessa escritora;
- ❖ Recortes e colagens de figuras que representem a escravidão brasileira e a formação dos quilombos. Produzir slogans sobre as imagens;

- ❖ Pesquisas sobre artes e artistas quilombolas;
- ❖ Roda de conversa e exposição de imagens sobre as cerâmicas da comunidade Itamatatua em Alcântara (MA);
- ❖ Identificação de músicas e danças criadas pelos africanos no Brasil. Roda de conversa sobre a função dessas manifestações culturais para amenizar o sofrimento dos escravizados;
- ❖ Montagem em mural de imagens que retratem quilombolas da atualidade;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Educação Física

- ❖ Ouvir estilos musicais brasileiros de origem africana e embalar o corpo de acordo com os respectivos sons e ritmos;
- ❖ Conversa sobre a origem do samba e do reggae;
- ❖ Execução de movimentos utilizados na chamada “dança do negro”;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Inglês

- ❖ Apresentação de pequenos textos em inglês, retirados da internet, com noticiários sobre comunidades quilombolas. Ler na língua original; incentivar os alunos a observar e reconhecer alguma das palavras existentes nos textos e seus significados. Por último, fazer a tradução;
- ❖ Propor exercícios com as palavras identificadas e destacadas no texto;
- ❖ Formar slogans em inglês sobre a temática escravidão, quilombos e comunidades quilombolas. Os alunos poderão escrever em cartazes e espalhar pela escola;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Filosofia

- ❖ Conversa sobre o conceito de pertencimento étnico. Procurar textos diversos para esse embasamento;
- ❖ Produção de um poema coletivo sobre o conceito e o sentimento de pertencimento étnico
- ❖ Enfatizar que as comunidades quilombolas de hoje são reflexos dos quilombos do passado e representam muito mais que um lugar, representam a resistência negra no Brasil;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ensino Religioso

- ❖ Conversa sobre as religiões de origem afro criadas pelos negros no Brasil;
- ❖ Roda de conversa sobre a importância da tolerância religiosa;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Produção de mural com figuras, desenhos, pinturas, textos produzidos e outras atividades realizadas em

- sala de aula em cada uma das disciplinas;
- ❖ Elaboração de histórias em quadrinhos, contando a trajetória dos africanos desde a captura nos seus lugares de origem, passando pelo transporte no navio negreiro, o trabalho forçado, as fugas e formação dos quilombos;
 - ❖ Entrevistas com pessoas da comunidade para conhecer o que sabem sobre a escravidão dos africanos no passado;
 - ❖ Produção de poesias sobre a escravidão no Brasil e as formas de resistência negra;
 - ❖ Desenhos da comunidade, as casas, moradores, etc.
 - ❖ Montagem de álbum sobre a história de formação de cada uma das comunidades quilombolas bequimãoenses certificadas pela Fundação Cultural Palmares (FCP);
 - ❖ Organização de encenação sobre a escravidão e as fugas dos escravizados.

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Minifeiras para apresentação em murais das diversas produções dos alunos em sala de aula;
- ❖ Exposições em varais das produções e atividades dos alunos e de desenhos da comunidade;
- ❖ Mural com a história em quadrinhos produzida na atividade integradora;
- ❖ Mural com exposição das informações coletadas nas entrevistas (expor as falas/narrativas dos entrevistados);
- ❖ Concurso de poesias sobre a escravidão no Brasil e as formas de resistência negra;
- ❖ Exposição de álbum sobre a história de formação de cada uma das comunidades quilombolas bequimãoenses certificadas pela Fundação Cultural Palmares (FCP);
- ❖ Apresentação de encenação sobre a escravidão e as fugas dos escravizados.

Folha de registro



A large rectangular area with a red border, containing numerous horizontal lines for writing, serving as a registration sheet.

Oficina Pedagógica 3

PRECONCEITO, RACISMO E DIREITOS ÉTNICOS

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “Preconceito, racismo e direitos étnicos” tem por finalidade apresentar abordagens relacionadas à diversidade étnica brasileira; à discriminação racial no país, proporcionando elementos para uma reflexão sobre as suas causas, consequências e formas de combate; além de fornecer informações básicas sobre direitos étnicos.

2. Objetivos

- ❖ Conhecer diferenças entre os conceitos de preconceito, racismo e discriminação;
- ❖ Compreender a diversidade étnica, valorizando o respeito e a convivência solidária e fraterna;
- ❖ Conhecer direitos étnicos, situando-os como forma de resistência e combate ao racismo;
- ❖ Relacionar aspectos da diversidade étnica e racismo com outros conteúdos escolares referentes às disciplinas específicas da etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Conceitos de preconceito, racismo e discriminação
- ❖ Direitos étnicos
- ❖ Valorização da diversidade étnica
- ❖ Outros conteúdos específicos de cada disciplina que estejam relacionados à temática
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Textos variados
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Escuta da música **Canto das três raças** de Clara Nunes. Acompanhar a música com palmas e a letra em Datashow ou impressa (ver anexo 08). Conversar sobre o sentido da música;
- ❖ Exposição de painéis e/ou murais de conceitos. No mural de conceito o professor poderá expor palavras-chave sobre a temática em questão (preconceito, racismo, discriminação) e os seus significados;
- ❖ Leitura de textos sobre os temas (Sugestão no anexo 09: **Discriminação racial**);

- ❖ Apresentação de músicas que estejam relacionadas ao tema racismo e preconceito (a critério);
 - ❖ Exibição do vídeo **Preconceito e estereótipos** (ver sugestões de vídeos e filmes);
 - ❖ Exibição do filme **O Xadrez das Cores** (ver sugestões de vídeos e filmes);
- Escolha uma dessas alternativas (para outras, ver sugestões de vídeos e filmes), explore e faça indagações aos estudantes sobre o que sabem a respeito do racismo, do preconceito e se já vivenciaram situações como essas.

7. Procedimentos pedagógicos

Língua Portuguesa

- ❖ Leitura de texto (a critério do professor) que remeta a uma situação de racismo. Conversa com os alunos a respeito do texto, dando oportunidade para que todos verbalizem as suas impressões sobre a temática;
- ❖ Exploração dos conceitos de PRECONCEITO, RACISMO e DISCRIMINAÇÃO. Solicitar uma pesquisa a respeito do assunto. Elaborar e anotar no caderno exemplos de situações de preconceito, racismo e discriminação;
- ❖ Verbalização e escrita de relatos de experiências (em caso de ter vivenciado situações de racismo). Socializar com a turma;
- ❖ Produção de textos a partir de palavras-chave (o professor verbaliza ou escreve no quadro uma palavra relacionada ao tema abordado e solicita ao aluno que crie uma frase a partir da palavra apresentada. O próximo aluno continua a produção com uma nova frase, e assim sucessivamente até concluir o texto);
- ❖ Produção de tirinhas sobre o tema RACISMO;
- ❖ Elaboração de um texto publicitário (incluindo imagens) para uma campanha antirracismo na escola;
- ❖ Produção de textos, desenhos e pinturas a partir do tema “o mundo com racismo e o mundo sem racismo”;
- ❖ Pesquisa e recortes em jornais, revistas ou outras fontes de situações de preconceito, racismo e discriminação de qualquer natureza. Juntar todas as informações e montar um jornal para exposição em mural;
- ❖ Produção de frases de efeito sobre o RACISMO. Socialização com o restante da turma e escrita em cartazes para espalhar em murais da escola;
- ❖ Produção de textos poéticos sobre a temática abordada (dividir a turma em 3 grupos. Cada um deles ficará responsável em escrever poemas ou poesias sobre os seguintes temas: PRECONCEITO, RACISMO, DISCRIMINAÇÃO);
- ❖ Escolha de músicas variadas (a critério dos alunos) e produção de paródias sobre a temática abordada;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Matemática

- ❖ Pesquisa de dados estatísticos sobre o racismo no Brasil. Análise e discussão dos dados encontrados;
- ❖ Pesquisa sobre diferenças salariais entre brancos e negros no Brasil. Análise e discussão dos dados encontrados;
- ❖ Interpretação e representação dos dados pesquisados em tabelas e gráficos;
- ❖ Transformação de dados numéricos em porcentagens e frações;
- ❖ Transformação de situações cotidianas em problemas matemáticos;
- ❖ Resolver problemas matemáticos envolvendo as 04 operações, utilizando informações sobre o tema abordado;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

História

- ❖ Aula expositiva sobre o Apartheid (segregação racial na África do Sul). Caracterizar e elencar as principais leis criadas no período. Enfatizar a importância da atuação de Nelson Mandela no combate ao referido regime;
- ❖ Apresentação de cartazes com imagens de pessoas de diversas cores e etnias. Discussão sobre a formação do povo brasileiro;
- ❖ Produção coletiva de um roteiro de entrevista que tenha por objetivo averiguar em sua casa quem já vivenciou situação de racismo ou algum tipo de preconceito baseado na sua cor, religião, etc.
- ❖ Discussão sobre a história do racismo no Brasil e as formas de manifestação no decorrer dos tempos;
- ❖ Exibição do vídeo **Olhos azuis** (ver sugestões de vídeos e filmes). Conversa sobre o vídeo e produção de um resumo sobre o que foi exibido;
- ❖ Pesquisas sobre as estatísticas de desigualdade racial nos países com maior população negra (Brasil, EUA, Cuba, Haiti, Jamaica);
- ❖ Reflexão sobre os efeitos do racismo. Produzir um texto individual sobre as suas conclusões a respeito dessa temática;
- ❖ Roda de conversa sobre direitos humanos e direitos étnicos. Apresentação de documentos legais que tratam da aquisição e defesa dos direitos humanos e étnicos;
- ❖ Promoção de debates sobre as cotas raciais. Enfatizar que se trata de um direito étnico conquistado pelos movimentos sociais em defesa dos negros no Brasil;
- ❖ Busca de referências para explicar que o racismo é crime e que os povos étnicos como negros e índios tem seus direitos garantidos em leis;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Geografia

- ❖ Estudo sobre as migrações de diversos países que contribuíram para a formação da sociedade brasileira;
- ❖ Pesquisa sobre as três “raças” que formaram o povo brasileiro. Discussão sobre a existência de “raças”. Jogo de perguntas e respostas sobre o tema;
- ❖ Conversa sobre a diferença entre raça e etnia. Mostrar imagens relacionadas para ilustrar a diferenciação;
- ❖ Produção de portfólios sobre as contribuições das diversas etnias na formação da sociedade brasileira;
- ❖ Pesquisa na própria sala de aula sobre a auto identificação de cor/raça de acordo com os parâmetros do IBGE: preto, pardo, branco, amarelo, indígena (explicar que os pretos e pardos pertencem à mesma categoria, negros).
- ❖ Pesquisa na comunidade sobre a auto identificação de cor/raça utilizando os mesmos parâmetros do IBGE: preto, pardo, branco, amarelo, indígena;
- ❖ Levantamento e análise dos dados das pesquisas. Inserir em tabelas e gráficos;
- ❖ Transformação dos dados obtidos em texto informativo;
- ❖ Construção de mapas mentais sobre os diversos aspectos sobre as questões raciais discutidos em sala de aula;
- ❖ Pesquisar **A cor dos homicídios no Brasil** (disponível em https://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2012_cor.php <acesso 20 out. 2018>) para uma análise crítica acerca dos dados disponibilizados. Relacionar o índice de homicídios de negros com a incidência do racismo no país;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ciências

- ❖ Apresentação de uma árvore genealógica. Conversa sobre as características que herdamos dos nossos antepassados;
- ❖ Apresentação e discussão sobre textos que tratam sobre a dominação de povos como africanos e asiáticos sob o pretexto de uma suposta superioridade da raça ariana (branca). Enfatizar que a Ciência, em alguns momentos, foi/é utilizada para finalidades políticas e de interesse de um grupo social em detrimento de outro;
- ❖ Pesquisas sobre as seguintes temáticas:
 - Origens do racismo científico
 - Ciência a serviço do combate ao racismo
- ❖ Apresentação dos resultados das pesquisas pelos alunos, discussão e formação de um júri para condenar ou para defender a Ciência no que diz respeito ao quesito RACISMO;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Artes

- ❖ Desenhos e pinturas sobre os próprios sentimentos em relação ao racismo;
- ❖ Desenhos para representar autorretratos, ou seja, a forma como os alunos se veem em relação à sua cor;
- ❖ Elaboração de textos poéticos sobre o tema “preconceito, racismo e direitos étnicos”;
- ❖ Elaboração de texto dramático para encenação de peça teatral sobre o tema;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Educação Física

- ❖ Pesquisas e discussões sobre casos de racismo em campos, quadras e pistas esportivas;
- ❖ Elaboração e execução de jogos educativos que envolvam questões relacionadas ao preconceito, racismo e direitos étnicos;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Inglês

- ❖ Apresentação de textos na língua inglesa que tratam sobre o racismo em diversos locais do mundo. Observação e identificação de palavras conhecidas pelos alunos;
- ❖ Uso de dicionários para pesquisas de vocábulos relacionados à temática;
- ❖ Tradução dos textos apresentados;
- ❖ Produção de pequenos textos em inglês sobre a temática;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Filosofia

- ❖ Conversa sobre a importância do respeito e combate a todo tipo de discriminação, seja de cor, religião, orientação sexual, etc.;
- ❖ Roda de conversa sobre a auto aceitação e valorização da sua cor/etnia;
- ❖ Produção de textos livres sobre o que foi abordado;

- ❖ Discussão e produção de textos de variados gêneros sobre formas de combate ao racismo e de qualquer tipo de intolerância (religiosa, de gênero, etc.);
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ensino Religioso

- ❖ Conversa sobre intolerância religiosa;
- ❖ Pesquisa sobre situações de discriminação por questões religiosas;
- ❖ Produção de textos livres sobre a temática;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Produção de mural com figuras, desenhos, pinturas, textos produzidos e outras atividades realizadas em sala de aula em cada uma das disciplinas;
- ❖ Exposição do resultado da pesquisa sobre auto identificação de cor/etnia dos alunos e da comunidade;
- ❖ Confeção de cartazes com colagens de pessoas de diversas raças, etnias, idades, religião, destacando com frases de efeito as contribuições de cada uma delas e a beleza da diversidade brasileira;
- ❖ Confeção de bonecos e elaboração de texto/roteiro para um Teatro de Fantoques sobre racismo;
- ❖ Organização para dramatização sobre o tema RACISMO;
- ❖ Elaboração de um jogral sobre os direitos étnicos;
- ❖ Organização de uma campanha antirracismo na escola (reunir corpo docente e discente para pensar no slogan e estratégias);
- ❖ As escolas podem se organizar para solicitar ao poder judiciário local, uma palestra sobre DIREITOS ÉTNICOS (marcar um dia e local para que todas as escolas e comunidades se encontrem para apreciar a palestra).

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Minifeiras para apresentação em murais das diversas produções dos alunos em sala de aula;
- ❖ Montagem de um mural demonstrando os resultados das pesquisas sobre auto identificação de cor/etnia;
- ❖ Exposição dos cartazes sobre a diversidade do povo brasileiro;
- ❖ Apresentação de dramatização sobre a temática estudada;
- ❖ Apresentação de Teatro de Fantoques sobre a temática trabalhada;
- ❖ Apresentação de dramatização sobre racismo;
- ❖ Apresentação de jogral sobre direitos étnicos;
- ❖ Apresentação da ideia inicial e discussão com a comunidade sobre estratégias para a campanha antirracismo na escola e/ou comunidade;
- ❖ Cineclube na escola: exibição do curta **Ninguém nasce assim** (ver sugestões de vídeos e filmes).
- ❖ Palestra com um servidor do judiciário sobre DIREITOS ÉTNICOS (a palestra poderá ser gravada e reproduzida em cada comunidade, caso se verifique a dificuldade de deslocamento).

Folha de registro



A large rectangular area with a red border, containing numerous horizontal lines for writing, serving as a registration sheet.

Oficina Pedagógica 4

HISTÓRIA DA MINHA COMUNIDADE E BIOGRAFIA DOS ANCIÃOS

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “História da minha comunidade e biografia dos anciãos” tem por finalidade incentivar os alunos para a busca de informações sobre a história de formação da comunidade a qual pertencem, assim como conhecer e registrar a história de vida (biografia) das pessoas mais idosas que detém as memórias e contribuíram/contribuem para a perpetuação da cultura local.

2. Objetivos

- ❖ Conhecer a história da comunidade da qual é pertencente, compreendendo o seu processo de formação e relacionando à história dos seus ancestrais;
- ❖ Respeitar e valorizar a história de vida dos anciãos da sua comunidade, registrando-as em variadas biografias;
- ❖ Relacionar aspectos da história da comunidade e dos anciãos com outros conteúdos escolares referentes às disciplinas específicas da etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ História da comunidade
- ❖ Valorização e respeito à memória dos anciãos
- ❖ Gênero textual: Biografia e autobiografia
- ❖ Outros conteúdos específicos de cada disciplina que estejam relacionados à temática
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ Aparelho para gravação de áudios e vídeos
- ❖ Computador
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Textos variados
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais
- ❖ Materiais variados para montagem de maquetes

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Exposição de documentos e painéis com imagens da comunidade;
- ❖ Convidar um ancião da comunidade para uma roda de conversa sobre a história da mesma;
- ❖ Convidar uma liderança local para prestar informações sobre a história de formação da comunidade;
- ❖ Exibição do vídeo **Saborosas memórias quilombolas** (ver sugestões de filmes e vídeos).

7. Procedimentos pedagógicos

Língua Portuguesa

- ❖ Exibição do vídeo **EU** do grupo Palavra Cantada (ver sugestões de vídeos e filmes). Após o vídeo, propor uma paródia da música com informações pessoais;
- ❖ Leitura de um exemplo de autobiografia (a critério do professor). Explicar que se trata de um gênero literário; explorar o conceito e suas características;
- ❖ Escrita no caderno de algumas perguntas para iniciar suas autobiografias (anexo 10). O professor poderá incluir outros questionamentos;
- ❖ Produção de autobiografias. Socialização com a turma;
- ❖ Roda de conversa sobre o que conhecem da sua comunidade. Anotar algo que considere mais relevante e que mereça maior destaque para continuar a discussão;
- ❖ Produção de textos individuais ou coletivos sobre o tema “O que eu sei sobre a minha comunidade”. Socialização das redações;
- ❖ Leitura de textos variados contendo narrativas. Explicitar exemplos de **textos narrativos**: romance, novela, conto, crônica e fábula. Conversa sobre as características de cada tipo de texto narrativo;
- ❖ Atividade de escuta e escrita de narrativas de colegas (temas variados);
- ❖ Leitura de biografia de uma personalidade (a critério). Explicar que se trata de um gênero literário; explorar o conceito e suas características;
- ❖ Elaboração conjunta de um roteiro de entrevista para coletar dados sobre a história de vida de anciãos da comunidade (ex: nome, data de nascimento, onde nasceu, onde foi criado, nome dos pais, casado com quem, quantos filhos teve, fatos importantes que marcaram a sua vida, algumas lembranças do passado/como era antigamente, etc.). Deixar a execução da entrevista para a Atividade integradora;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Matemática

- ❖ Pesquisa para obter informações sobre extensão territorial da comunidade. Cálculo do perímetro e área da região;
- ❖ Cálculo da distância entre a comunidade e a sede do município (em quilômetros e metros);
- ❖ Pesquisas para obter informações sobre o número total de habitantes e o número de anciãos da comunidade. Calcular a porcentagem de idosos da região;
- ❖ Orientação para desenho da planta baixa da comunidade;
- ❖ Transformação de situações cotidianas em problemas lógico-matemáticos;
- ❖ Resolver problemas matemáticos envolvendo as 04 operações, utilizando informações sobre a temática;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

História

- ❖ Conversa sobre a fala do ancião ou liderança comunitária durante a problematização;
- ❖ Produção de texto a partir da fala do ancião ou liderança comunitária sobre a história local;

- ❖ Elaboração de um roteiro de entrevista com lideranças ou outros moradores para coletar informações sobre a história da comunidade (ex: origem da comunidade, origem do nome da comunidade, fatos importantes que marcaram a comunidade, etc.). Orientar os alunos para que utilizem gravadores de voz;
- ❖ Trabalhos grupais para analisar as informações e transformar num texto dissertativo que verse sobre a história local;
- ❖ Pesquisas para conhecer as influências das mulheres na região. Elaborar texto sobre as atribuições das mulheres no lar e na comunidade;
- ❖ Construção de uma linha do tempo com acontecimentos marcantes para a comunidade;
- ❖ Roda de conversa sobre a relação da história da comunidade com a história da escravização de negros e formação dos quilombos no Brasil;
- ❖ Conversa sobre a História Oral e sua importância para o conhecimento de fatos históricos e da cultura de um povo;
- ❖ Produção de mapas conceituais para organização de ideias e conceitos;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Geografia

- ❖ Passeio pela comunidade para registro dos recursos naturais existentes na mesma. Observar possíveis focos de lixo, poluição, seca, etc.;
- ❖ Conversa com um ancião para obter informações sobre possíveis mudanças no ambiente natural da comunidade (ex: um rio que secou, um tipo de planta que foi extinta, um local que foi devastado, um tipo de animal que não mais se encontra na mata, etc.);
- ❖ Roda de conversa sobre o depoimento do ancião. Fazer um registro da atividade por meio de relatório;
- ❖ Discutir formas de conservação dos recursos naturais da comunidade. Registrar as ideias de todos os alunos;
- ❖ Pensar em frases para a campanha de preservação ambiental. Registrar as ideias de todos os alunos;
- ❖ Observação e/ou pesquisa sobre as características geográficas da comunidade:
 - Limites
 - Extensão territorial
 - Relevo
 - Existência de rios
 - Vegetação predominante
 - Animais mais comuns
- ❖ Aplicação de questionário para obter informações sobre o quantitativo de famílias da comunidade, total de habitantes, bem como número de mulheres, homens, adultos, crianças e idosos;
- ❖ Explorar o conceito de densidade demográfica utilizando como exemplo a relação extensão territorial X habitantes da comunidade;
- ❖ Analisar os dados e representá-los em tabelas e gráficos;
- ❖ Exposição oral e escrita sobre o resultado das pesquisas;
- ❖ Construção de um mapa da comunidade;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ciências

- ❖ Atividades para identificação de plantas e animais típicos da comunidade;

- ❖ Elencar os dados em uma tabela, inserindo também o nome científico de cada um deles;
- ❖ Observação e conversa sobre os recursos hídricos encontrados na comunidade. Roda de conversa sobre a utilização da água pelos moradores locais;
- ❖ Pesquisas sobre hábitos alimentares dos moradores;
- ❖ Identificação de doenças que podem ser contraídas pelo consumo de água e alimentos contaminados. Explorar as formas de prevenção dessas doenças;
- ❖ Conversa sobre corpo e processo de envelhecimento;
- ❖ Propor uma pesquisa para identificar as principais mudanças físicas e orgânicas decorrentes do envelhecimento;
- ❖ Expor para a turma o resultado das pesquisas em forma de cartazes;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Artes

- ❖ Passeios para fotografar locais da comunidade;
- ❖ Fotografar anciãos da comunidade;
- ❖ Desenhos que retratem a comunidade local;
- ❖ Elaboração de poesias sobre a comunidade;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Educação Física

- ❖ Elaboração de uma série de exercícios físicos para que os alunos façam com pessoas idosas da sua casa ou vizinhança;
- ❖ Pesquisas na internet e elaboração de uma lista de alimentos indicados para manter a saúde física de pessoas acima dos 50 anos;
- ❖ Produção de um jogo de memória envolvendo informações sobre a comunidade e a história de vida dos anciãos locais;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Inglês

- ❖ Solicitar dos alunos um texto qualquer produzido em outra disciplina sobre a história da comunidade. Leitura em voz alta e tradução desse texto para o inglês;
- ❖ Escrita em inglês do quantitativo de famílias, moradores em geral, mulheres e homens da comunidade (pesquisa proposta na disciplina de Geografia);
- ❖ Escrita em inglês do quantitativo de anciãos da comunidade;
- ❖ Produção de cartazes com frases (em português e inglês) para a campanha de preservação ambiental da comunidade;
- ❖ Formar pequenas frases em inglês sobre a comunidade e a história de vida dos anciãos locais;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Filosofia

- ❖ Propor pesquisas na internet sobre o tema “Filosofia de vida”. Conversar com os alunos sobre suas percepções acerca das filosofias de vida dos anciãos da sua casa ou vizinhança;

- ❖ Conversa sobre a importância de conhecer a história de formação da sua comunidade para entender suas origens e identidade étnica;
- ❖ Conversa sobre a importância do respeito à memória dos anciãos;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ensino Religioso

- ❖ Pesquisa sobre as religiões praticadas pelos anciãos da comunidade;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Produção de mural com figuras, desenhos, pinturas, textos produzidos e outras atividades realizadas em sala de aula em cada uma das disciplinas;
- ❖ Produção de um organograma para dispor as informações coletadas durante as pesquisas de campo;
- ❖ Produção de poesias sobre a comunidade;
- ❖ Produção de um caderno de textos sobre a história da comunidade;
- ❖ Construção de uma maquete da comunidade;
- ❖ Organização de um álbum digital de fotos da comunidade com legendas;
- ❖ Construção de cartazes com fotos impressas da comunidade e suas respectivas legendas;
- ❖ Pensar em slogan e estratégias para uma campanha de preservação dos recursos naturais da comunidade;
- ❖ Elaboração de uma lista de nomes de idosos da comunidade. Dividir a (s) turma (s) em grupos para que cada um deles fique responsável por coletar informações e elaborar as biografias de um determinado grupo de anciãos. Aplicação das entrevistas (conforme roteiro elaborado na aula de Língua Portuguesa) com anciãos da comunidade. Os alunos deverão anotar, fotografar e gravar em áudios e/ou vídeos (esta atividade requer uma atenção maior por parte dos professores de Língua Portuguesa, História e Artes);
- ❖ Produção de um caderno com biografias e fotos dos anciãos da comunidade;
- ❖ Produção de um documentário em vídeo sobre **memórias dos anciãos** acerca de histórias/acontecimentos da comunidade (guardar em CD's, pen drives, e-mail, etc.)

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Minifeiras para apresentação em murais das diversas produções dos alunos em sala de aula;
- ❖ Exposição de um organograma para dispor as informações coletadas durante as pesquisas de campo;
- ❖ Exposição de poesias sobre a comunidade;
- ❖ Exposição de fotos da comunidade;
- ❖ Exposição do caderno de textos sobre a história da comunidade;
- ❖ Exposição de maquete da comunidade;
- ❖ Exposição do álbum digital ou impresso de fotos da comunidade com suas respectivas legendas;
- ❖ Socializar e pedir sugestões para campanha de preservação dos recursos naturais da comunidade;
- ❖ Exposição de caderno de biografias com fotos dos anciãos;
- ❖ Exposição do documentário produzido sobre memórias dos anciãos;
- ❖ Homenagem aos anciãos da comunidade.

Folha de registro



A large rectangular area with a red border, containing 25 horizontal lines for writing.

Oficina Pedagógica 5

COSTUMES E TRADIÇÕES: a cultura do meu quilombo

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “Costumes e tradições: a cultura do meu quilombo” tem por finalidade viabilizar aos alunos os meios necessários para levantamento dos costumes e tradições da sua comunidade quilombola, relacionando tais manifestações às influências africanas, bem como incentivando atitudes positivas de respeito e valorização às mesmas.

2. Objetivos

- ❖ Conhecer os costumes e tradições da comunidade quilombola a que pertencem;
- ❖ Respeitar e valorizar a cultural local, compreendendo o contexto das influências africanas;
- ❖ Relacionar aspectos das tradições culturais locais com outros conteúdos escolares referentes às disciplinas específicas da etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Costumes e tradições da comunidade
- ❖ Valorização e respeito à tradição cultural
- ❖ Outros conteúdos específicos de cada disciplina que estejam relacionados à temática
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ Aparelho para gravação de áudios e vídeos
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Textos variados
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Roda de conversa para levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre costumes e tradições da comunidade;
- ❖ Exibição do vídeo **Conheça as tradições Kalungas** (ver sugestões de vídeos e filmes);
- ❖ Exibição de fotos ou gravações de manifestações culturais em eventos realizados na comunidade;
- ❖ Apresentação de vestimentas, adereços e objetos que representem a cultura local;

- ❖ Apresentação de um texto ou poesia que verse sobre a questão cultural (a critério);
- ❖ Exibição de áudios (previamente gravados) de pessoas da comunidade, contendo cantigas/toadas comumente cantadas pelos moradores.
Após exibição de uma ou mais dessas opções, conversa sobre a temática.

7. Procedimentos pedagógicos

Língua Portuguesa

- ❖ Exposição de palavras-chave que levem os alunos a lembrar e verbalizar os principais costumes e tradições da sua comunidade. Ex: dança, religião, plantas medicinais, festas, músicas etc.
- ❖ Escolha de uma música qualquer para composição de uma paródia sobre os costumes e tradições da comunidade;
- ❖ Escrita de nomes de utensílios utilizados nas apresentações de tambor de crioula. Produção de quadrinhas rimadas ou não utilizando essas palavras;
- ❖ Escrita coletiva de letras de músicas cantadas nas apresentações de tambor de crioula. Identificar palavras desconhecidas e/ou possíveis figuras de linguagem existentes na letra da música;
- ❖ Produção textual sobre “O que eu sei sobre os costumes e tradições da minha comunidade”;
- ❖ Leitura em voz alta da matéria jornalística **Quilombolas de SE lutam para manter antigas tradições populares** (anexo 11);
- ❖ Verbalização por parte dos alunos de entendimento sobre o que foi lido;
- ❖ Verificação de palavras desconhecidas no texto (consulta ao dicionário);
- ❖ Identificação das características de um texto jornalístico;
- ❖ Produção (em equipes) de uma matéria jornalística sobre os costumes e tradições da comunidade local (nos moldes do texto jornalístico apresentado, inclusive com fotografias);
- ❖ Produção (individual) de receitas de pratos típicos da culinária local (consultar familiares e amigos sobre os pratos e formas de preparo);
- ❖ Confecção de convites para o “Festival de pratos típicos da comunidade...”;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Matemática

- ❖ Identificação de formas geométricas de variados locais da comunidade;
- ❖ Medidas de variados locais da comunidade. Medição para cálculo do perímetro e área de casas, praças, igrejas, etc.;
- ❖ Montagem de um calendário anual com identificação de todas as datas importantes e/ou festivas da comunidade (poderá ser feito com variados materiais como papelão com tampinhas, papel 40 kg, papel sulfite, etc.);
- ❖ Transformação de situações cotidianas em problemas lógico-matemáticos;
- ❖ Resolver problemas matemáticos envolvendo as 04 operações, utilizando informações sobre a temática estudada;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

História

- ❖ Pesquisa sobre costumes e tradições da comunidade. Enfatizar que a investigação deve procurar as origens de tais manifestações (ex: como se originou o tambor de crioula na comunidade, quando iniciou determinado festejo e por qual motivo, etc.);
- ❖ Conversa sobre o resultado das pesquisas;

- ❖ Produção de relatórios sobre a pesquisa realizada;
- ❖ Apresentação do Vídeo **VIDA NO QUILOMBO - Quilombolas preservam tradições, mas não querem parar no tempo** (ver sugestões de vídeos e filmes). Roda de conversa sobre o vídeo. Enfatizar a importância das comunidades descendentes de escravos resistirem e manterem sua cultura;
- ❖ Visita a lugares de memória da comunidade (ex: museus, arquivos, cemitérios, onde há festejos, etc.). Conversa e escrita sobre as impressões deixadas pelo passeio;
- ❖ Entrevistas com familiares para saber as mudanças ocorridas na comunidade em um determinado espaço de tempo;
- ❖ Produção de um texto coletivo fazendo comparações entre o passado e o presente da comunidade;
- ❖ Roda de conversa sobre o que há em comum entre a cultura africana e a cultura da comunidade;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Geografia

- ❖ Buscar fotografias antigas que retratem a comunidade alguns anos atrás. Observação da paisagem natural;
- ❖ Elaboração de uma cantiga de roda de tambor de crioula incluindo uma letra voltada para a preservação da cultura e do ambiente natural;
- ❖ Verificação dos costumes familiares em relação a destinação do lixo doméstico, fonte de água para consumo, para lavar e para oferecer aos animais;
- ❖ Verificação dos instrumentos e técnicas de trabalho tradicionais utilizados na caça, pesca e agricultura;
- ❖ Verificação das fontes de renda da comunidade;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ciências

- ❖ Roda de conversa sobre a importância da Medicina Popular. Identificar chás, pomadas, garrafadas e outros remédios de confecção caseira, o seu preparo e formas de utilização;
- ❖ Leitura de textos sobre medicina alternativa. Situar a medicina popular nesse contexto;
- ❖ Identificação de ervas medicinais utilizadas na comunidade e sua aplicação. Exploração das suas características, propriedades, nomes científicos, etc.
- ❖ Roda de conversa sobre os rituais de cura praticados na comunidade. Produzir textos individuais expressando experiências vivenciadas e/ou opinião a respeito;
- ❖ Identificação de animais utilizados em rituais religiosos na comunidade;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Artes

- ❖ Observação de objetos artesanais utilizados na comunidade (cofos, abanos, mensabas, esteiras, etc.). Conversa sobre a utilidade e o material utilizado na confecção;
- ❖ Identificar outras produções artesanais presentes na comunidade;
- ❖ Identificação de artistas e artesãos locais;
- ❖ Produção de desenhos ou croquis sobre aspectos da cultura do seu quilombo que mais lhe chama a atenção;

- ❖ Identificação de danças tradicionais da comunidade: características, tipos e épocas em que são realizadas;
- ❖ Escuta e apreciação de músicas de tambor de crioula (observar o ritmo, som, instrumentos, etc.);
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Educação Física

- ❖ Execução de coreografias de danças tradicionais;
- ❖ Explorar costumes antigos como as cantigas e brincadeiras de roda;
- ❖ Ouvir músicas utilizadas nas danças e rituais locais. Embalar o corpo de acordo com os respectivos sons e ritmos;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Inglês

- ❖ Leitura em voz alta da matéria jornalística **Quilombolas de SE lutam para manter antigas tradições populares** (anexo 11). Tradução para o inglês;
- ❖ Identificação de dialetos da comunidade. Verificação da possibilidade de uma tradução para o inglês;
- ❖ Listagem de aspectos relacionados aos costumes e tradições da comunidade. Tradução e resolução de exercícios;
- ❖ Formar pequenas frases em inglês sobre a temática abordada;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Filosofia

- ❖ Leitura de textos variados sobre tradição quilombola (a critério do professor);
- ❖ Pesquisa sobre o sentido dos cultos e cerimônias religiosas locais para os moradores da comunidade;
- ❖ Verbalização das impressões deixadas pela pesquisa;
- ❖ Conversa sobre a importância do respeito e valorização dos costumes e tradições da comunidade local;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ensino Religioso

- ❖ Pesquisa sobre as religiões tradicionalmente praticadas na comunidade;
- ❖ Produção textual sobre essas religiões, suas características, líder religioso, etc.
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Produção de mural com figuras, desenhos, pinturas, textos produzidos e outras atividades realizadas em sala de aula em cada uma das disciplinas;

- ❖ Produção do “Livro das Tradições” com informações sobre os costumes e tradições da comunidade local. Utilizar como referências, o texto **Temas [da cultura] sugeridos para trabalhos escolares** (disponibilizado como texto-base 02 referente a esta oficina);
- ❖ Produção de um documentário sobre os costumes e tradições da comunidade (reunir fotos, vídeos de manifestações culturais locais, depoimentos de moradores, etc);
- ❖ Produção de poesias e/ou dramatizações sobre os costumes e tradições locais;
- ❖ Produção de textos em formato de literatura de cordel sobre aspectos da comunidade;
- ❖ Pesquisa das plantas medicinais encontradas na comunidade e confecção de um manual contendo informações sobre elas;
- ❖ Organização de tarefas para uma gincana sobre os costumes e tradições da comunidade;
- ❖ Preparação para o “Festival de pratos típicos da comunidade...”
- ❖ Organização para criação de um grupo de tambor de crioula na escola.

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Minifeiras para apresentação em murais das diversas produções dos alunos em sala de aula;
- ❖ Minifeiras para apresentação dos textos produzidos, fotos de festas e danças da comunidade;
- ❖ Exibição de mural com informações dos passeios e visitas;
- ❖ Apresentação do “Livro das Tradições” produzido pelos alunos sobre a cultura local;
- ❖ Cineclubes para exibição de documentário produzido sobre os costumes e tradições da comunidade;
- ❖ Apresentação de poesias e/ou dramatizações;
- ❖ Apresentação de textos em formato de literatura de cordel sobre aspectos da comunidade;
- ❖ Exposição de manual com informações sobre plantas medicinais;
- ❖ Criação de uma horta de plantas medicinais com a colaboração da escola e da comunidade;
- ❖ Execução de gincana sobre os costumes e tradições da comunidade;
- ❖ Exposição e degustação de pratos no “Festival de pratos típicos da comunidade...”;
- ❖ Apresentação de roda de tambor de crioula (grupo da escola).

Folha de registro



A large rectangular area enclosed by a red border, containing 25 horizontal lines for writing.

Oficina Pedagógica 6

ARTE, MITOS E CONTOS AFRICANOS

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “Arte, mitos e contos africanos” tem por finalidade fornecer elementos para que os alunos adquiram noções mínimas sobre aspectos da arte africana, bem como dos personagens lendários e a variedade de contos que fazem parte da mitologia desses povos.

2. Objetivos

- ❖ Conhecer aspectos da arte africana em suas variadas formas;
- ❖ Valorizar as expressões artísticas dos povos africanos;
- ❖ Conhecer os principais personagens da mitologia africana;
- ❖ Conhecer os contos africanos mais populares;
- ❖ Relacionar aspectos da arte e mitologia africana com outros conteúdos escolares referentes às disciplinas específicas da etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Arte africana: máscaras, danças, músicas, pinturas, escultura e arquitetura
- ❖ Principais personagens da mitologia africana
- ❖ Contos africanos
- ❖ Valorização da arte e da mitologia africana
- ❖ Outros conteúdos específicos de cada disciplina que estejam relacionados à temática
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Computador
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Textos variados
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Dicionários
- ❖ Lápis de cor, pincéis e tintas com cores variadas
- ❖ Cartolina, papel cartão ou outro tipo de papel para cartaz
- ❖ Materiais variados para montagem de murais
- ❖ Materiais diversos para confecção de máscaras
- ❖ Materiais diversos para as apresentações teatrais

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Exposição de máscaras africanas e leitura de textos (a critério dos professores) sobre os seus significados;
- ❖ Exposição de vídeos sobre arte e mitologia africana (a critério dos professores). Discussão sobre o que assistiram;
- ❖ Exposição de imagens que remetem à arte africana;
- ❖ Exposição em Datashow dos principais personagens da mitologia africana (à medida que as imagens forem exibidas, os alunos serão convidados a pronunciar o nome do personagem mítico);
- ❖ Apresentação das lendas de orixás (cada professor fica responsável por uma lenda);
- ❖ Encenação de um conto africano pelos professores.

7. Procedimentos pedagógicos

Língua Portuguesa

- ❖ Leitura de textos que remetem à arte africana. Discussão sobre o que foi lido;
- ❖ Pesquisas em diversos meios sobre a arte africana. Produção de livretos com imagens e textos pesquisados sobre a temática;
- ❖ Leitura do texto **Oxossi, o caçador de uma flecha só** (anexo 12). Enfatizar que se trata de um conto africano;
- ❖ Verificação de palavras desconhecidas no texto. Além do dicionário português, utilizar o minidicionário africano (disponibilizado ao final deste caderno);
- ❖ Leitura compartilhada de contos africanos (sugestões no anexo 13);
- ❖ Recontagem oral dos contos apresentados;
- ❖ Recontagem escrita dos contos apresentados;
- ❖ Pesquisa de outros contos africanos. Socialização com a turma;
- ❖ Produção de textos recontando os contos pesquisados;
- ❖ Pesquisa sobre os principais personagens da mitologia africana e lendas dos orixás. Socialização das pesquisas;
- ❖ Produção de resumos de lendas de orixás (observar coesão, coerência e pontuações);
- ❖ Produção de textos coletivos em formato de cordéis sobre as lendas dos orixás;
- ❖ Pesquisa de outros contos populares conhecidos pela comunidade;
- ❖ Criar contos populares variados (de mistério, terror, humor, fábulas, etc.);
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Matemática

- ❖ Apresentação de imagens de máscaras e outras artes africanas para trabalhar o conceito de simetria;
- ❖ Observação de monumentos africanos para exploração das formas geométricas e polígonos;
- ❖ Observação de peças da arte africana para entender o teorema do triângulo retângulo;
- ❖ Transformação de situações cotidianas em problemas lógico-matemáticos;
- ❖ Resolver problemas matemáticos envolvendo as 04 operações, utilizando informações sobre o tema História da África;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

História

- ❖ Leitura em voz alta do texto **Arte Africana** (anexo 14). Roda de conversa sobre o contexto histórico da arte africana descrito no texto;
- ❖ Pesquisa em casa de utensílios que remetem à arte africana;

- ❖ Pesquisa sobre a influência da arte africana na arte brasileira. Produção de textos a partir do que foi pesquisado;
- ❖ Conversa sobre a função histórica dos mitos e lendas na antiguidade;
- ❖ Leitura de lendas dos principais orixás;
- ❖ Transcrição das lendas de orixás em quadrinhos;
- ❖ Conversa sobre a função histórica dos contos populares;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Geografia

- ❖ Leitura em voz alta do texto **Arte Africana** (anexo 14). Destacar as regiões africanas citadas no texto e indicar a localização no mapa-múndi;
- ❖ Produzir um “mapa artístico” da África (destacar as regiões africanas com maior expressão artística e representá-las num mapa utilizando palavras e imagens);
- ❖ Estudo sobre a organização e valores civilizatórios africanos;
- ❖ Conversa sobre credences dos lorubás e dos seguidores do Candomblé. Enfatizar que estes atribuíam/atribuem aos Orixás a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e também da condição humana;
- ❖ Estudos de processos geológicos, geomorfológicos e hidrográficos, a partir da compreensão do texto **A formação e configuração da terra nos mitos dos orixás** (anexo 15);
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ciências

- ❖ Exibição do vídeo **Exposição Corpo na Arte Africana** (ver sugestões de vídeos e filmes). Propor outras pesquisas sobre o assunto para uma discussão sobre o lugar do corpo na arte africana;
- ❖ Produção de desenhos baseados na exposição de corpos na arte africana;
- ❖ Destacar outros aspectos relacionados ao corpo na cultura afro (ex: a maternidade, o significado de nascimento de gêmeos, etc.);
- ❖ Apresentação do texto **Mito da criação** (ver anexo 16). Conversa sobre o texto;
- ❖ Apresentação de teorias sobre a criação do mundo (teoria criacionista e teoria evolucionista). Debate sobre as possibilidades, impossibilidades e contradições de cada uma delas;
- ❖ Produção de um texto individual sobre o próprio ponto de vista a respeito da origem do mundo;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Artes

- ❖ Apresentação de imagens de utensílios que representam a arte africana;
- ❖ Estudos sobre o significado das máscaras, danças e pinturas africanas. Colagens e produção textual sobre os resultados das pesquisas;
- ❖ Montagem em mural de imagens sobre a arte africana;
- ❖ Pesquisas sobre vida e obras de artistas africanos;
- ❖ Pesquisas e preparo de materiais para produção de máscaras africanas (para a Atividade integradora);
- ❖ Escolha de contos africanos para dramatização;
- ❖ Produção de desenhos ou croquis de orixás;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Educação Física

- ❖ Ouvir músicas africanas e embalar o corpo de acordo com os respectivos sons e ritmos;
- ❖ Observação em vídeos variados e execução de movimentos de danças africanas (utilizar máscaras, se possível);
- ❖ Conversa sobre a importância da sintonia entre corpo e mente para a cultura africana. Propor pesquisas a respeito;
- ❖ Jogo de memória sobre aspectos da arte e mitologia africana;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Inglês

- ❖ Solicitar que os alunos verbalizem palavras-chave sobre a temática abordada. Anotar no quadro, discutir o sentido e formar frases em inglês sobre cada uma delas;
- ❖ Escolher um mito africano de preferência da turma. Retirar palavras do texto escolhido para formar um vocabulário. Propor pesquisas em dicionários de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e no minidicionário africano (disponibilizado ao final deste material);
- ❖ Formar frases em inglês com as palavras pesquisadas;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Filosofia

- ❖ Roda de conversa sobre a função do mito para explicar o mundo nas sociedades antigas. Enfatizar que a Filosofia surgiu como busca da verdade e superação do mito;
- ❖ Leitura de contos populares. Enfatizar o caráter reflexivo de alguns contos, usados também como importantes lições de vida;
- ❖ Conversa sobre a importância do respeito e valorização à arte, aos orixás e demais repertórios de sabedorias do povo africano;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ensino Religioso

- ❖ Influência da mitologia africana na criação de religiões afro no Brasil, em especial do Candomblé;
- ❖ Listagem dos orixás africanos e suas principais atribuições;
- ❖ Pesquisa sobre a existência de rituais de Candomblé na comunidade local;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Produção de mural com figuras, desenhos, pinturas, textos produzidos e outras atividades realizadas em sala de aula em cada uma das disciplinas;
- ❖ Confecção de máscaras africanas;
- ❖ Desenhos de máscaras ou outros utensílios que representam a arte africana;
- ❖ Organização de Teatro de Fantoques com personagens e lendas da mitologia africana;

- ❖ Organização para encenação de contos africanos.

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Minifeiras para apresentação em murais das diversas produções dos alunos em sala de aula;
- ❖ Desfile de máscaras africanas produzidas e seus significados;
- ❖ Concurso de desenhos de máscaras;
- ❖ Encenação de Teatro de Fantoches com personagens e lendas da mitologia africana;
- ❖ Apresentação de peça teatral de contos africanos;
- ❖ Festival de contação de contos africanos
- ❖ Caracterização (com ajuda da comunidade) da escola com imagens, máscaras e outras peças da arte africana.

Folha de registro



A large rectangular area with a red border, containing 25 horizontal lines for writing.

Oficina Pedagógica 7

RELIGIOSIDADE AFRICANA

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “Religiosidade africana” tem por finalidade fornecer subsídios para que alunos e professores pesquisem sobre as características das religiões afro, como forma de incentivo ao respeito, desmistificação e eliminação de qualquer tipo de preconceito ou estereótipo.

2. Objetivos

- ❖ Identificar as principais religiões de origem africana praticadas no Brasil, distinguindo suas semelhanças e diferenças;
- ❖ Entender o conceito e a existência de sincretismos religiosos;
- ❖ Respeitar e valorizar as diversas religiões, principalmente de matriz africana;
- ❖ Relacionar aspectos da religiosidade africana com outros conteúdos escolares referentes às disciplinas específicas da etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Principais religiões de matriz africana: candomblé e umbanda
- ❖ Sincretismo religioso
- ❖ Respeito e valorização às religiões afro
- ❖ Outros conteúdos específicos de cada disciplina que estejam relacionados à temática
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ Gravadores de voz e vídeos
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Textos variados
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais
- ❖ Vestimentas ou outros utensílios para dramatizações

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Exposição do tema feita pelos professores, podendo utilizar a técnica do mural de conceitos;
- ❖ Roda de conversa com um pajé da comunidade e/ou outros líderes de religiões afro;
- ❖ Exibição de vídeo sobre as religiões de matriz africana. Sugestão: **Filme Candomblé** (ver sugestões de vídeos e filmes). Conversa sobre o que observaram no vídeo.

7. Procedimentos pedagógicos

Língua Portuguesa

- ❖ Exploração do sentido etimológico da palavra RELIGIÃO;
- ❖ Mostra de vídeos sobre as religiões de origem africana (a critério do professor);
- ❖ Leitura em voz alta do texto **Outras religiões afro-brasileiras** (ver anexo 17)
- ❖ Verbalização por parte dos alunos de entendimento sobre o que foi lido;
- ❖ Utilização de dicionários para pesquisas de palavras desconhecidas no texto;
- ❖ Produção de um resumo do texto lido (observar coesão, coerência e pontuações);
- ❖ Produção de cordéis a partir das informações contidas no texto lido;
- ❖ Produção de textos individuais ou coletivos sobre o tema “O que eu sei sobre a religiosidade africana”. Socialização das redações;
- ❖ Observação e exploração de imagens variadas que retratem as religiões de origem africana. Produção de textos individuais ou coletivos sobre a leitura das imagens;
- ❖ Elaboração de um texto informativo sobre as duas religiões afro de maior expressividade no Brasil (Candomblé e Umbanda). Os alunos deverão elencar de forma resumida e sucinta, informações relevantes sobre cada uma dessas religiões;
- ❖ Listagem dos principais orixás cultuados nas religiões afro-brasileiras;
- ❖ Produção de cartas ou bilhetes para orixás (deixar o aluno à vontade para escrever o que desejarem para os orixás das religiões afro-brasileiras);
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Matemática

- ❖ Realização de pesquisa na comunidade sobre as religiões praticadas pelos moradores;
- ❖ Analisar os resultados, calcular porcentagens;
- ❖ Representar os resultados da pesquisa em gráficos e tabelas;
- ❖ Leitura das informações postas em gráficos e tabelas. Produção de um texto para explicar os resultados obtidos;
- ❖ Transformação de situações cotidianas em problemas lógico-matemáticos;
- ❖ Resolver problemas matemáticos envolvendo as 04 operações, utilizando informações sobre o tema História da África;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

História

- ❖ Realizar visitas à igrejas e terreiros com roteiros de entrevistas predeterminados;
- ❖ Gravação e socialização das entrevistas;
- ❖ Produção e leitura de textos baseados nas visitas à igrejas e terreiros;
- ❖ Roda de conversa sobre o papel social dos líderes religiosos;
- ❖ Registro da história de vida dos líderes religiosos locais;
- ❖ Aula expositiva sobre a origem das religiões afro-brasileiras, destacando o contexto social e político da época, bem como a imposição do Catolicismo por parte dos colonizadores europeus;
- ❖ Leitura de textos (a critério do professor) que tratam da perseguição aos cultos de origem africana no Brasil;
- ❖ Roda de conversa sobre o respeito às diversas religiões (ênfatizar que as religiões de origem afro foram heranças deixadas pelos ancestrais africanos);
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Geografia

- ❖ Propor pesquisas sobre a predominância religiosa no Brasil buscando artigos e informações disponibilizadas no site do IBGE (www.ibge.gov.br);
- ❖ Aula expositiva sobre a origem das religiões afro-brasileiras e as regiões do país onde há maior influência delas;
- ❖ Pesquisa sobre a influência religiosa africana na Bahia;
- ❖ Caracterizar geograficamente o estado da Bahia onde há maior influência da cultura afro no Brasil;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ciências

- ❖ Pesquisas na comunidade para conhecer os tipos de plantas/ervas utilizadas nos rituais religiosos;
- ❖ Pesquisas sobre as propriedades alucinantes de determinadas ervas utilizadas em rituais religiosos;
- ❖ Discussão sobre os conflitos existentes entre Ciência e Religião. Propor um seminário para debater situações em que esses conflitos ficam mais evidentes;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Artes

- ❖ Escuta e apreciação de músicas utilizadas em rituais religiosos de origem africana e na comunidade;
- ❖ Dramatizações de rituais religiosos de origem africana;
- ❖ Produção de textos poéticos sobre as religiões predominante na comunidade;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Educação Física

- ❖ Exibição de vídeos sobre rituais de religião afro (a critério do professor);
- ❖ Observação dos movimentos corporais utilizados nesses rituais;
- ❖ Execução de alguns dos movimentos observados nos vídeos;
- ❖ Produção de jogos que envolvam a temática estudada;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Inglês

- ❖ Conversa para levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre as religiões de origem africana: Candomblé e Umbanda;
- ❖ Anotar descrições dos alunos sobre as religiões mencionadas acima;
- ❖ Fazer as devidas traduções para a Língua Inglesa;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Filosofia

- ❖ Verificar a existência de praticantes de alguma religião afro (ou pais/responsáveis) entre os alunos. Pedir que verbalizem o seu sentimento em relação à sua religião;
- ❖ Conversa sobre a importância das religiões afro-brasileiras para a memória e perpetuação da cultura dos povos quilombolas;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ensino Religioso

- ❖ Conversa sobre as características das principais religiões de matriz africana no Brasil (Candomblé e Umbanda), mostrando imagens e as características de cada uma delas;
- ❖ Pesquisa sobre os principais orixás cultuados nas religiões afro praticadas no Brasil (organizar uma listagem);
- ❖ Pesquisa sobre o conceito de sincretismo religioso;
- ❖ Elaboração de um quadro relacionando os orixás aos santos católicos;
- ❖ Roda de conversa sobre a importância do respeito e tolerância religiosa;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Produção de mural com figuras, desenhos, pinturas, textos produzidos e outras atividades realizadas em sala de aula em cada uma das disciplinas;
- ❖ Pesquisa sobre as principais religiões de matriz africana no Brasil (Candomblé e Umbanda) e produção de um caderno com pesquisas de textos e imagens sobre as religiões citadas;
- ❖ Dramatizações com Teatro de Fantoques;
- ❖ Pesquisa e produção de um caderno com os principais orixás, suas características e em qual religião predominam.

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Minifeiras para apresentação em murais das diversas produções dos alunos em sala de aula;
- ❖ Minifeiras para apresentação em murais dos cadernos de pesquisas sobre as religiões de origem afro;
- ❖ Encenação de dramatização com Teatro de Fantoques sobre religiões afro;
- ❖ Apresentação do caderno produzido com informações sobre os principais orixás.

Folha de registro



A large rectangular area with a red border, containing numerous horizontal lines for writing, intended for recording information.

Oficina Pedagógica 8

CAPOEIRA: símbolo da resistência negra

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “Capoeira: símbolo da resistência negra” tem por finalidade proporcionar conhecimentos sobre o contexto de origem da capoeira no Brasil, compreendendo a importância dessa arte para os africanos escravizados, suas lutas por liberdade, invenções e reinvenções de formas de sobrevivência e resistência ao sistema ora vigente.

2. Objetivos

- ❖ Conhecer a história de origem da capoeira no Brasil;
- ❖ Entender a capoeira como mais uma forma de resistência ao sistema escravista;
- ❖ Conhecer as características da arte da capoeira, suas músicas, instrumentos, movimentos, etc;
- ❖ Relacionar aspectos da capoeira com outros conteúdos escolares referentes às disciplinas específicas da etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Capoeira: origem e características
- ❖ Valorização da capoeira como patrimônio cultural
- ❖ Outros conteúdos específicos de cada disciplina que estejam relacionados à temática
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Instrumentos da capoeira
- ❖ Textos variados
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Apresentação da música de capoeira “Paranaué-Paraná” (ver letra no anexo 18);
- ❖ Roda de conversa com o texto **História da capoeira** (ver anexo 19);
- ❖ Exibição de vídeos que remetem à origem da Capoeira (a critério);
- ❖ Convidar um praticante de capoeira da comunidade para falar sobre o assunto e demonstrar alguns movimentos;
Discussões e questionamentos acerca do que foi lido/cantado/exibido.

7. Procedimentos pedagógicos

Língua Portuguesa

- ❖ Pesquisa sobre a definição de CAPOEIRA no dicionário;
- ❖ Exposição de imagens de instrumentos utilizados na roda de capoeira. Conversa sobre o conhecimento dos alunos a respeito da capoeira e dos instrumentos, os materiais utilizados na confecção dos mesmos, como são tocados etc.
- ❖ Listagem dos nomes dos instrumentos utilizados na capoeira. Produção de um texto coletivo utilizando cada uma das palavras listadas;
- ❖ Leitura em voz alta da letra da música “Paranaué-Paraná” (ver letra no anexo 18). Verificação de palavras desconhecidas e pesquisas em dicionários de Língua Portuguesa e de vocábulos africanos;
- ❖ Leitura de textos sobre a origem da capoeira (a critério);
- ❖ Pesquisa, leitura e reescrita da biografia de Mestre Bimba (capoeirista brasileiro que criou a capoeira regional);
- ❖ Produção de uma matéria jornalística sobre a prática de capoeira na comunidade local;
- ❖ Pesquisar imagens relacionadas à capoeira e montar um álbum digital com legendas;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Matemática

- ❖ Observação dos movimentos e as figuras planas desenhadas durante a roda de capoeira:
 - Benção: eixo horizontal, um trajeto unidimensional;
 - Meia lua de frente: lembra uma semicircunferência;
 - Macaco: lembra uma circunferência completa;
 - Salto-folha: circunferência completa;
- ❖ Observação dos instrumentos musicais e relacionar com a geometria (ex: caixa do berimbau lembra uma esfera, o pandeiro lembra uma caixa cilíndrica, etc.);
- ❖ Observação da formação de circunferência pelos capoeiristas (é regra na capoeira respeitar o centro e não se deslocar do limite da roda);
- ❖ Transformação de situações cotidianas em problemas lógico-matemáticos;
- ❖ Resolução de problemas matemáticos envolvendo as 04 operações, utilizando informações sobre o tema História da África;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

História

- ❖ Leitura do texto **História da capoeira** (ver anexo 19);
- ❖ Aula expositiva sobre a origem da capoeira no Brasil, situando-a como uma forma de resistência negra ao sistema escravista;
- ❖ Aula expositiva sobre a proibição da capoeira no Brasil até a década de 1930;
- ❖ Identificação de pessoas da comunidade que dominam a técnica da capoeira;
- ❖ Montagem de roteiro de entrevista com capoeirista;
- ❖ Entrevista com capoeirista (utilizar gravadores de voz e vídeos);
- ❖ Transcrição das vozes e produção de textos narrativos;
- ❖ Produção de cartazes com as “vozes dos capoeiristas” locais;

- ❖ Pesquisa de nomes e histórias de vida de capoeiristas famosos.
- ❖ Pesquisa sobre a participação da figura feminina nas rodas de capoeira;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Geografia

- ❖ Roda de conversa sobre a capoeira como movimento de resistência;
- ❖ Localização de regiões brasileiras onde ocorreram os mais expressivos movimentos de resistência negra;
- ❖ Diferenciação entre a Capoeira de Angola e a Capoeira Regional;
- ❖ Observação dos movimentos da capoeira para trabalhar conceitos e noções básicas de espaço, tempo, dimensão, etc.;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ciências

- ❖ Aula expositiva sobre as contribuições da capoeira para a Ciência da Motricidade Humana (CMH). Sugestão de vídeo: **Mestre Ciência usa a capoeira para ajudar no desenvolvimento das crianças da Apae** (ver sugestões de vídeos e filmes);
- ❖ Pesquisa sobre os benefícios da prática da capoeira para o corpo e a mente;
- ❖ Produção de textos individuais e/ou coletivos utilizando dados da pesquisa;
- ❖ Conversa sobre a importância da prática da capoeira para o sistema cardiovascular e para todos os grupos musculares. Explorar conceitos associados ao sistema circulatório e função dos músculos;
- ❖ Resolução de exercícios envolvendo os assuntos trabalhados;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Artes

- ❖ Conversa sobre os principais elementos da capoeira: instrumentos, vestimentas, músicas, movimentos, etc.
- ❖ Roda de conversa sobre a capoeira como arte;
- ❖ Desenhos dos instrumentos da capoeira;
- ❖ Desenhos ou croquis de rodas da capoeira;
- ❖ Pesquisas sobre letras de músicas de capoeira;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Educação Física

- ❖ Encenação de uma roda de capoeira;
- ❖ Trabalhar conceitos de lateralidade, equilíbrio, orientação espaço-temporal, coordenação motora etc.;
- ❖ A prática da capoeira como condicionamento físico;
- ❖ Conversa sobre a capoeira como modalidade esportiva;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Inglês

- ❖ Roda de conversa sobre a noção que os alunos têm sobre a capoeira;
- ❖ A partir da palavra-chave CAPOEIRA, pedir que expressem qualidades para essa prática. Trabalhar adjetivos;
- ❖ Formação de frases em inglês utilizando adjetivos para a capoeira;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Filosofia

- ❖ Roda de conversa sobre a capoeira como produtora e transmissora de cultura. Enfatizar que essa prática, dentre outras coisas, visa desenvolver a valorização da cultura brasileira, a interação social, o respeito ao espaço do outro, a convivência fraterna e a solidariedade;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ensino Religioso

- ❖ Conversa sobre o conceito de “mandiga”. Situa-lo enquanto componente fundamental da capoeira ao mesmo tempo em que é encarado como uma dimensão sagrada do jogo;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Produção de mural com figuras, desenhos, pinturas, textos produzidos e outras atividades realizadas em sala de aula em cada uma das disciplinas;
- ❖ Produção de um minidicionário com palavras utilizadas nas músicas de capoeira;
- ❖ Produção de instrumentos musicais utilizados na capoeira;
- ❖ Produção de cartazes com informações sobre os instrumentos utilizados na capoeira;
- ❖ Ensaio de roda de capoeira para encenação;
- ❖ Organização de um caderno com as histórias de vida de capoeiristas famosos;
- ❖ Organização para criação de um grupo de capoeira na escola ou comunidade.

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Minifeiras para apresentação em murais do dicionário de capoeira, dos cartazes com informações sobre os instrumentos utilizados nas rodas de capoeira e dos trabalhos realizados durante a semana;
- ❖ Apresentação dos instrumentos musicais utilizados na capoeira produzidos pelos alunos;
- ❖ Apresentação de roda de capoeira;
- ❖ Apresentação em mural do caderno com histórias de vida de capoeiristas famosos;
- ❖ Apresentação de grupo de capoeira criado na escola ou comunidade;
- ❖ Cineclube na escola: exibição do filme **Besouro** (ver sugestões de vídeos e filmes) que trata da história de um dos maiores capoeiristas do Brasil.

Folha de registro



A large rectangular area enclosed by a red border, containing numerous horizontal lines for writing, serving as a registration sheet.

Oficina Pedagógica 9

IDENTIDADE ÉTNICA E AUTOIMAGEM NEGRA

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “Identidade étnica e autoimagem negra” visa estimular escola e comunidade para uma reflexão acerca da diversidade étnico-racial brasileira, proporcionando situações que levem a afirmações positivas sobre a cor, identidade étnica, bem como favoreçam o desenvolvimento da autoestima e autoimagem de seus alunos.

2. Objetivos

- ❖ Refletir sobre a diversidade étnica brasileira, distinguindo os conceitos de raça, cor e etnia;
- ❖ Entender o conceito de pertencimento étnico;
- ❖ Desenvolver pensamentos e atitudes positivas em relação à sua cor/etnia,
- ❖ Conhecer a História do Dia da Consciência Negra e saber quem foi e qual a importância do personagem Zumbi dos Palmares;
- ❖ Conhecer histórias de grandes personalidades negras;
- ❖ Relacionar aspectos dos temas abordados com outros conteúdos escolares referentes às disciplinas específicas da etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Diversidade étnica
- ❖ Conceito de raça, cor e etnia
- ❖ Conceito de pertencimento étnico
- ❖ História do Dia da Consciência Negra
- ❖ Personalidades negras
- ❖ Respeito e valorização pelos povos quilombolas
- ❖ Outros conteúdos específicos de cada disciplina que estejam relacionados à temática
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Aparelho para gravação de áudios e vídeos
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Textos variados
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Escuta da música **Identidade** de Jorge Aragão. Os participantes deverão receber a letra impressa (ver anexo 20) para acompanhar;
- ❖ Exibir áudios ou vídeos de pessoas da comunidade falando sobre o que é ser quilombola e o orgulho de ser negro (gravar previamente);
- ❖ Roda de conversa sobre personalidades negras que se destacaram na história do Brasil e do mundo. Mostrar vídeo relacionado (Sugestão: **Personalidades Negras**. Ver sugestões de vídeos e filmes);
- ❖ Apresentação de poesias sobre orgulho de ser negro, consciência negra, etc. (a critério);
- ❖ Organização de um mural de conceitos para uma conversa sobre a diferença entre cor, raça e etnia;
- ❖ Encenação de uma dança afro (a critério) para posterior conversa sobre a temática;
- ❖ Palestra com membro do Movimento Quilombola de Bequimão sobre a temática.

6. Procedimentos pedagógicos

Língua Portuguesa

- ❖ Escolher cartões de variadas cores e espalhar pelo chão. Em seguida, pedir que os alunos escolham um cartão apenas e depois comente sobre a razão de ter escolhido uma cor e não outra. Conversa sobre a beleza da junção das cores;
- ❖ Apreciação de imagens de pessoas de variadas raças/etnias. Conversa sobre a beleza da diversidade humana;
- ❖ Produção de um texto livre acerca da discussão sobre “A beleza da diversidade”;
- ❖ Pesquisa sobre personalidades negras. Produção de resumos de textos pesquisados sobre a temática;
- ❖ Desenhos de autoimagens e produção textual: “Quem sou eu?”. Enfatizar aspectos pessoais, da personalidade, o significado do seu nome, a família da qual faz parte, a comunidade onde vive, etc.;
- ❖ Explorar o conceito de adjetivo e propor atividades em que os alunos deverão atribuir adjetivos positivos para si e para os colegas;
- ❖ Conclusão de histórias que envolvem negros, dando fim que desejar;
- ❖ Leitura compartilhada de biografia de uma personalidade negra. Resumir a biografia oralmente;
- ❖ Produção de tirinhas sobre o tema “Identidade negra”;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Matemática

- ❖ Observação dos rostos dos colegas para trabalhar os conceitos de simetria e assimetria;
- ❖ Transformação de situações cotidianas em problemas lógico-matemáticos;
- ❖ Resolver problemas matemáticos envolvendo as 04 operações, utilizando informações sobre o tema História da África;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

História

- ❖ Roda de conversa enfocando a diferença entre o dia 13 de maio e o dia 20 de novembro (mostrar imagens relacionadas);
- ❖ Aula expositiva sobre o sentido do 20 de novembro (Dia da Consciência Negra). Destacar Zumbi dos Palmares como grande representatividade para os quilombolas;

- ❖ Propor atividades individuais de consultas aos seus familiares sobre como se identificam em relação a sua cor e depois compartilhar com o grupo;
- ❖ Conversa sobre o que é ser um quilombola e se os alunos se identificam com tal. Enfatizar que as comunidades onde nasceram/moram são grupos étnicos que se formaram para fugir, lutar contra o escravismo e não deixar a cultura deles morrer;
- ❖ Aula expositiva sobre o conceito de pertencimento étnico. Produção de texto dissertativo sobre o entendimento do conceito trabalhado;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Geografia

- ❖ Aula expositiva sobre a diferença entre cor, raça e etnia. Explorar o tema, mostrando imagens das diferentes raças, etnias que formam a sociedade brasileira;
- ❖ Conversa sobre o processo de miscigenação no Brasil;
- ❖ Pesquisas sobre o percentual de negros no Brasil;
- ❖ Identificar os estados da federação com maior população negra;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ciências

- ❖ Aula expositiva sobre a cor da pele sob o ponto de vista biológico. Explorar noções básicas sobre herança genética, DNA, genes dominantes e recessivos, cromossomos, pigmentação epidérmica, diferença entre os conceitos de genótipos e fenótipos, etc.;
- ❖ Jogo de perguntas e respostas sobre hereditariedade;
- ❖ Construção de árvores genealógicas;
- ❖ Pesquisa sobre o albinismo;
- ❖ Verificar a existência de albinos na comunidade. Conversar sobre os cuidados com a pele;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Artes

- ❖ Expor imagens de personalidades negras e brancas e pedir que os alunos apontem aquela que mais chama a atenção e compartilhem as razões com o grupo. Frases e textos poderão ser criados individualmente ou coletivamente sobre esta conversa;
- ❖ Desenhos e pinturas de autoimagens (como os alunos se veem). Socialização entre eles;
- ❖ Elaboração de poesias sobre "Identidade negra";
- ❖ Audição de músicas compostas e/ou cantadas por negros;
- ❖ Pesquisa sobre grandes artistas negros brasileiros;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Educação Física

- ❖ Execução de danças de origem afro (samba, reggae, etc.);
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Inglês

- ❖ Leitura de pequenos textos que versem sobre a cor da pele (a critério do professor);
- ❖ Grifar palavras para serem traduzidas. Enfatizar a importância do uso do dicionário;
- ❖ Trabalhar as cores na Língua Inglesa;
- ❖ Formar pequenas frases sobre a temática abordada;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Filosofia

- ❖ Roda de conversa sobre autoestima. Enfatizar a importância do autoconhecimento, autoaceitação e construção de imagens positivas sobre si próprio e sobre sua comunidade;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ensino Religioso

- ❖ Roda de conversa sobre o tema “Os seres humanos aos olhos de Deus”;
- ❖ Produção textual a partir da seguinte citação:

“Não importa a cor da pele, religião ou condição social, se para Deus todos são vistos com os mesmos olhos e da mesma forma”.

(Jader Amadir)

- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Produção de mural com figuras, desenhos, pinturas, textos produzidos e outras atividades realizadas em sala de aula em cada uma das disciplinas
- ❖ Elaboração de um caderno de poesias sobre o tema “Ser negro” ou “Consciência negra”;
- ❖ Pesquisa para organização de uma árvore genealógica. Os alunos poderão escrever os nomes, desenhar ou colar fotos de seus parentes/ancestrais,
- ❖ Produção coletiva de bilhetes falando sobre a beleza e o orgulho de ser negro (a);
- ❖ Construção do Mural Étnico da turma: composto por fotos e frases que traduzem as características físicas, étnicas e culturais de cada aluno;
- ❖ Formação de painel com personalidades negras famosas;
- ❖ Pesquisa e reescrita de biografias de grandes personalidades negras (Zumbi dos Palmares, Mandela, Pelé, etc.);
- ❖ Pesquisa de modelos e técnicas de penteados afros;
- ❖ Construção de panfletos e faixas para participação da MARCHA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE BEQUIMÃO¹;
- ❖ Ensaio fotográfico com meninos e meninas.

¹ A Marcha das Comunidades Quilombolas de Bequimão é um evento promovido pelo Movimento Quilombola de Bequimão (MOQBQ), realizado anualmente nesse município, em comemoração ao Dia da Consciência Negra.

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Minifeiras para apresentação em murais das diversas produções dos alunos em sala de aula;
- ❖ Exposição de caderno de poesias sobre a temática;
- ❖ Apresentação da árvore genealógica com nomes/fotografias/desenhos dos parentes/ancestrais dos alunos;
- ❖ Distribuição aos visitantes dos bilhetes produzidos coletivamente pelos alunos;
- ❖ Exposição do Mural Étnico;
- ❖ Exibição do painel sobre personalidades negras e suas biografias;
- ❖ Dramatização da estória “Menina bonita do laço de fita”;
- ❖ Desfile da beleza negra (meninas e meninos);
- ❖ Realização de festivais como o “Baile do cabelo crespo”, “Baile do Rastafári”, etc (consiste em promover um baile aberto à comunidade, orientando as pessoas para exibirem seus cabelos de forma criativa. Ao final, pode haver a escolha do cabelo mais bonito/estiloso/criativo);
- ❖ Realização de “Festival de música negra” (pode haver apresentações de calouros, apreciação de composições de negros, apresentações de danças, etc.
- ❖ Execução do “Dia da Beleza Afro” (consiste em convidar as mulheres da comunidade para um dia de beleza promovido pelos (as) alunos (as));
- ❖ Concurso de penteados afros;
- ❖ Participação da escola e comunidade na MARCHA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE BEQUIMÃO;
- ❖ Exibição das fotos do ensaio fotográfico.

Folha de registro



A large rectangular area with a red border, containing 25 horizontal lines for writing.

Oficina Pedagógica 10

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS DO MEU QUILOMBO

1. Apresentação

A Oficina Pedagógica “Brinquedos e brincadeiras do meu quilombo” visa resgatar parte da cultura das comunidades quilombolas, manifestada por meio de brinquedos e brincadeiras mais comuns praticados e transmitidos de geração em geração, e onde o brincar é sinônimo de conviver. Possibilitar às novas gerações conhecimentos sobre as antigas formas de brincar incentiva o respeito aos mais velhos, a convivência fraterna e a valorização das suas raízes.

2. Objetivos

- ❖ Conhecer brinquedos e brincadeiras antigas mais populares na comunidade;
- ❖ Aprender canções, parlendas, adivinhas, quadrinhas de determinados grupos e eventos culturais;
- ❖ Valorizar os brinquedos e brincadeiras do quilombo, reconhecendo-os como parte do seu patrimônio cultural;
- ❖ Relacionar aspectos dos temas abordados com outros conteúdos escolares referentes às disciplinas específicas da etapa de educação;
- ❖ Utilizar técnicas de comunicação verbal, escrita, musical, corporal, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

3. Conteúdos

- ❖ Brinquedos e brincadeiras populares
- ❖ Cantigas, parlendas, adivinhas e quadrinhas
- ❖ Respeito e valorização às formas de brincar dos povos quilombolas
- ❖ Outros conteúdos específicos de cada disciplina que estejam relacionados à temática
- ❖ Leitura, escrita, produção textual e artística

4. Carga Horária

- ❖ 20h/a

5. Recursos

- ❖ Aparelho ou outro dispositivo com recurso de som
- ❖ TV e/ou Datashow
- ❖ Aparelho para gravação de áudios e vídeos
- ❖ Fotografias, recortes e/ou ilustrações variadas
- ❖ Textos variados
- ❖ Papel sulfite
- ❖ Lápis de cor, tintas com cores variadas
- ❖ Materiais variados para montagem de murais
- ❖ Materiais variados para produção de brinquedos

6. Problematização

São sugestões de como a problematização do tema poderá ser iniciada:

- ❖ Encenação de brincadeiras antigas da comunidade (cantigas de roda, boca de forno, cai no poço, formiguinha, etc.);
- ❖ Apresentação de brinquedos antigos produzidos pelas pessoas da comunidade;
- ❖ Exibição do vídeo **Território do Brincar** do TV BRASIL (ver sugestões de vídeos e filmes). Discussão sobre o que foi visto e o que mais chamou a atenção;
- ❖ Exibição do vídeo **Disque Quilombola** (ver sugestões de vídeos e filmes). Discussão sobre o que foi visto e o que mais chamou a atenção;
- ❖ Apresentação de brinquedos e brincadeiras da série **BRINCADEIRAS PELO BRASIL** (Disponível em: <http://territoriodobrincar.com.br/brincadeiras-pelo-brasil/> <acesso 12 nov. 2018>). Conversa sobre os brinquedos e brincadeiras conhecidas pelos alunos;
- ❖ Mural de conceitos com exibição de nomes de brinquedos e brincadeiras variadas. Os alunos deverão identificar aquelas que conhecem, encenar a brincadeira ou dizer como é confeccionado o brinquedo.

7. Procedimentos pedagógicos

Língua Portuguesa

- ❖ Conversa sobre brinquedos antigos da comunidade e os materiais utilizados na confecção;
- ❖ Produção de texto coletivo sobre brincadeiras antigas da comunidade (descrição do funcionamento de cada brincadeira);
- ❖ Apresentação de cantigas de roda (incluir letra da cantiga no quadro ou cartaz). Exploração de palavras do texto;
- ❖ Produção de paródias com as cantigas de roda;
- ❖ Caixa com adivinhas populares (um lê e os demais tentam adivinhar);
- ❖ Apresentação em cartaz de parlendas e quadrinhas populares. Explorar as palavras e rimas;
- ❖ Produção textual com invenções de adivinhas, parlendas e quadrinhas;
- ❖ Escrita de ditados populares. Produção de textos com a interpretação de cada um deles;
- ❖ Pesquisas para preparação de caderno contendo adivinhas, parlendas, quadrinhas e ditados populares (Atividade integradora);
- ❖ Trabalhos em equipes para produção de caderno contendo adivinhas, parlendas, quadrinhas e ditados inventados pelos alunos (Atividade integradora);
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Matemática

- ❖ Charadas matemáticas (ver anexo 21). Para outras adivinhas matemáticas ver <https://www.somatematica.com.br/charadas.php> <acesso 16 jan. 2019>;
- ❖ Verificação de outras charadas matemáticas conhecidas pelos alunos e familiares;
- ❖ Transformação de situações cotidianas em problemas lógico-matemáticos;
- ❖ Resolver problemas matemáticos envolvendo as 04 operações, utilizando informações sobre o tema História da África;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

História

- ❖ Elaboração de roteiro de entrevista e visita às casas de pessoas mais velhas para saber sobre seus brinquedos e brincadeiras preferidas. Registrar com fotos e/ou vídeos quando possível;
- ❖ Socialização dos áudios e/ou vídeos gravados durante entrevista;
- ❖ Produção de textos sobre as impressões deixadas pelas visitas;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Geografia

- ❖ Roda de conversa sobre os recursos naturais utilizados nas confecções de brinquedos antigos e a relação com a preservação ambiental;
- ❖ Verificação das brincadeiras de rua praticadas na comunidade (ver como se dá a ocupação desses espaços, paisagem, pontos de referência, necessidade de capina de campos de futebol, observação quanto a presença de animais, etc.);
- ❖ Conversa sobre os perigos do uso de cerol em pipas;
- ❖ Propor jogos e brincadeiras envolvendo nomes de estados e suas capitais, nomes de países, continentes, etc. (a critério do professor);
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ciências

- ❖ Roda de conversa sobre os benefícios do brincar para a manutenção a saúde física e mental;
- ❖ Elaboração de jogos diversos envolvendo questões de ciências (baralho de animais e sua classificação quanto a classe e ordem, trilha ecológica, jogo de memória com hábitos de higiene, caça-palavras, etc.);
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Artes

- ❖ Exibição de imagens variadas de brinquedos antigos que remetam às comunidades quilombolas;
- ❖ Identificação e verbalização dos nomes dos brinquedos, como se brinca, o material que é confeccionado, etc;
- ❖ Preparação para confecção de brinquedos antigos mais populares entre os moradores da comunidade (Atividade integradora);
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Educação Física

- ❖ Apresentação e execução de brincadeiras e jogos africanos;
- ❖ Execução de brincadeiras populares conhecidas pela comunidade;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Inglês

- ❖ Leitura de canções, parlendas, adivinhas, quadrinhas e ditados populares;
- ❖ Pesquisa de vocábulos em dicionários;
- ❖ Tradução de parlendas, quadrinhas e ditados populares para o inglês;
- ❖ Produção de cartazes com as traduções feitas em sala de aula;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Filosofia

- ❖ Conversa sobre as características das brincadeiras e jogos africanos, bem como as atividades em grupo, as possibilidades corporais, o aproveitamento dos recursos naturais e mais simples, etc.
- ❖ Conversa sobre a importância de valorizar os brinquedos e brincadeiras antigas, como forma de resgate de parte da cultura da sua comunidade;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

Ensino Religioso

- ❖ Explorar o significado mítico da “roda” na cultura religiosa africana;
- ❖ Inclusão de outras atividades a critério do professor.

8. Atividade integradora

São sugestões para a atividade integradora:

- ❖ Produção de mural com figuras, desenhos, pinturas, textos produzidos e outras atividades realizadas em sala de aula em cada uma das disciplinas;
- ❖ Montagem de mural com registros e informações das visitas;
- ❖ Confecção de brinquedos antigos mais populares na comunidade;
- ❖ Produção de um caderno de adivinhas, parlendas, quadrinhas e ditados populares;
- ❖ Produção de um caderno com adivinhas, parlendas quadrinhas e ditados populares inventados pelos alunos.

9. Atividade de socialização

A atividade integradora poderá ser socializada com a comunidade em geral por meio de:

- ❖ Minifeiras para apresentação em murais das diversas produções dos alunos em sala de aula;
- ❖ Minifeiras para apresentação em murais dos registros e informações das visitas;
- ❖ Exposição dos brinquedos e encenações de brincadeiras aprendidas durante a semana;
- ❖ Exposição dos cadernos de adivinhas, parlendas e quadrinhas populares e inventadas;
- ❖ Reunir a comunidade para propor a criação de uma BRINQUEDOTECA COMUNITÁRIA.

Folha de regist



A large rectangular area enclosed by a red border, containing numerous horizontal lines for writing. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page, providing a template for recording information.

ANEXOS



pt.vectorhq.com

ANEXO 01

Sou África...

(Énia Stela Lipanga)

De olhos brancos
Que sente nos poros
A nascerça da humanidade
Vidas do transato tempo
Que nascem do rio da minha respiração
África sou
Meu pretérito ferido pela escravidão
Meus olhos com sonhos da imensidão
Outrora fustigada pela solidão
Sólida hoje, viva na vida dos meus filhos
África rasgada em lágrimas na então esfera
Renascida e cheia de esperança
Em meu ventre...
frutos da minha perseverança
Sou mãe...
pois ofereço a atmosfera
Bela e cheia de cores da natureza
Colorida de águas, banhada de infância
África de bela beleza
Sou África.

(Fonte: <http://intertimento.blogspot.com/2015/03/poema.html> <acesso 31 out. 2018>)

ANEXO 02

A matemática no Egito Antigo

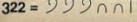
(Vinicius Carvalho Back)

O sistema de numeração

Os egípcios utilizavam um sistema de numeração não-posicional, isto é, a posição em que os símbolos que representavam as quantidades eram colocados não era relevante. A principal desvantagem do sistema de numeração egípcio (e de outros sistemas não-posicionais) era a representação de números bastante grandes, pois esta se tornava uma tarefa muito trabalhosa devido à repetição de símbolos.

Para os egípcios, a principal operação matemática era soma, da qual derivavam todas as outras operações com números inteiros. Para multiplicar, por exemplo, 2×4 , os egípcios somavam $2+2+2+2$. Ainda não dispunham de técnicas que lhes permitisse pensar na multiplicação e na divisão como operações independentes da soma. Era comum o uso de tabelas para facilitar cálculos que envolviam outros tipos de operação.

O sistema de numeração dos egípcios era representado por meio de hieróglifos. Inicialmente, consistia da unidade e as 6 primeiras potências de 10, como pode ser observado na tabela abaixo:

	Um traço vertical = 1 unidade
	Um osso de calcanhar invertido = 10
	Um laço (rolo de corda) = 100
	Uma flor de lótus = 1.000
	Um dedo dobrado = 10.000
	Um girino = 100.000
	Uma figura ajoelhada = 1 milhão
Todos os outros números eram escritos combinando os números-chave. Por exemplo:	
322 = 	$(100 + 100 + 100 + 10 + 10 + 1 + 1 = 322)$

³ O sistema de numeração egípcio

As frações unitárias

Devido às cheias do Nilo, os habitantes das margens precisavam medir seu terreno periodicamente para efetuar o cálculo da porção do terreno perdido para o vizinho. Essas medições eram efetuadas com cordas por encarregados do governado (os estiradores de corda). Embora as medições fossem bastante precisas, dificilmente a área do terreno depois da cheia cabia um número inteiro de vezes na área do terreno antes das cheias. Para contornar este tipo de problema, os egípcios criaram os números fracionários, que eram representados por frações.

Os egípcios utilizavam com frequência a fração $\frac{2}{3}$, a qual era representada através de um símbolo hierático (como se fosse um padrão). Também eram hábeis na decomposição de frações em frações unitárias, isto é, frações onde o numerador é 1. Acredita-se, pelos registros de cálculos contidos no Papiro Rhind, que dispunham de técnicas inteligentes de decomposição em frações unitárias. Por exemplo, a fração $\frac{3}{5}$ era representada como a soma $(\frac{1}{3})+(\frac{1}{5})+(\frac{1}{15})$.

No Papiro Rhind, encontra-se uma tabela de decomposição em fração unitária dos números $\frac{2}{5}$, $\frac{2}{6}$, $\frac{2}{7}$, ..., $\frac{2}{101}$. Estudiosos do Papiro Rhind constataram que as frações da forma $\frac{2}{3k}$ eram representadas pela soma $(\frac{1}{2k})+(\frac{1}{6k})$, e as frações da forma $\frac{2}{5k}$ eram representadas $(\frac{1}{3k})+(\frac{1}{5k})$, embora curiosamente, a fração $\frac{2}{95}$ seja a única deste tipo decomposta de maneira distinta. Ela aparece decomposta na soma $(\frac{1}{60})+(\frac{1}{380})+(\frac{1}{570})$.

O calendário Solar

Os egípcios foram os primeiros a utilizar um calendário, tomando por referência o sol. Acredita-se que tenha surgido por volta de 3000 a.C. e sua criação tenha sido motivada pela falta de parâmetros precisos na previsão das épocas de plantio.

Cada ano começava com a enchente anual do Nilo, possuindo 365 dias divididos em 12 meses de 30 dias (por influência das fases da lua), e mais 5 dias de festas para comemorar o aniversário dos deuses Osíris, Hórus, Ísis, Neftis e Set.



⁴ O calendário solar do Egito Antigo

Os astrônomos da Grécia utilizaram o calendário egípcio como referência para seus estudos astronômicos, e por influência destes o ocidente também passou a utilizá-lo.

As pirâmides

As pirâmides eram templos que os faraós mandavam construir para lhes servir de túmulo. Foram construídas mais de 170 no Egito e na Núbia. A beleza, grandiosidade e engenhosidade com que foram construídas demonstram o alto grau de sofisticação artística e científica dos egípcios. A admiração por estas belas construções perdura até nossos dias.

As maiores pirâmides do Egito, as pirâmides de Queóps, Quéfren e Miquerinos, são conhecidas como “as pirâmides de Gizé”, pois ficam nas proximidades da cidade de Gizé. A maior das 3 é a pirâmide de Queóps, possuindo 147 metros de altura e tendo por base um quadrado de 234 metros de lado. Era orientada pelos 4 pontos cardeais celestes, tendo como entrada a face norte. Segundo Heródoto, 100 mil operários levaram 30 anos para colocar no lugar os 2 milhões e meio de blocos de pedra usados na sua construção.

Em 1997, o arquiteto francês Jean-Pierre Houdin apresentou estudos que indicam que as pirâmides de Gizé podem ter sido construídas de dentro para fora a partir de uma rampa interna, formando um túnel em espiral.



⁵ As pirâmides de Gizé

As pirâmides revelam que os egípcios possuíam técnicas de engenharia bastante avançadas para a época. No entanto, a construção desses monumentos permanece um mistério até os dias de hoje, pois não existem registros históricos que apresentem detalhadamente as técnicas utilizadas pelos engenheiros do Egito Antigo.

(Fonte: Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/erematsul/comunicacoes/38VINICIUSCARVALHOBECK.pdf> <acesso 21 out. 2018>)

ANEXO 03

Os Egípcios e a Matemática

(Marcos Antônio Lenes de Araújo)

O Egito guarda segredos
Que nem podemos imaginar
É a terra das pirâmides
Tem muita história pra contar

Contar a história da Matemática
De suas descobertas e realizações
Deixam todos impressionados
Despertando a imaginação

Nas cheias do Rio Nilo
Os egípcios agricultores
Usavam muita Matemática
Seus princípios e valores

A marcação dos campos precisava
De conhecimentos de agrimensura
E muitas habilidades eles mostraram
Na defesa da agricultura

O calendário egípcio pode provar
Que em muitas áreas se destacaram
Na geometria e na astronomia
Muitos conhecimentos eles deixaram

As fascinantes pirâmides do Egito
Construções de grandiosa beleza
Com rigor geométrico foram erguidas
Uma matemática de inigualável riqueza

Homens sábios e estudiosos
Na mitologia e religiosidade
Grandes estudos em Arqueologia
Herança Cultural da Humanidade

(Fonte: Disponível em: <https://www.somatematica.com.br/poemas/p95.php> <acesso 04 jan. 2019>)

ANEXO 04

ÁFRICA: ORIGEM HISTÓRICA DO NOME

José Carlos Cocamaro

A África é uma Península triangular ligada à Ásia pelo istmo de Suez cortado pelo canal do mesmo nome. Limitada ao Norte pelo Mar Mediterrâneo, ao Sul pelos Oceanos, Atlântico e Índico, ao Leste pelo Mar Vermelho e Oceano Índico e ao Oeste pelo Oceano Atlântico. É o segundo maior continente do mundo. É 3 vezes maior que a Europa, 4 vezes maior que o Brasil e 412 vezes maior que Portugal continental. Tem uma área de 30.27 milhões km², perdendo apenas para o continente Asiático que tem de superfície 44.30 milhões km².

A divisão política do continente africano compreende 53 países independentes, com uma população total estimada hoje em mais de 681 milhões de seres humanos. Mas, a curiosidade que caracteriza este pequeno artigo, não se prende tão somente aos dados da situação geográfica do continente nem aos dados demográficos acima descritos, pois a maioria de nós já tem/temos conhecimento dos mesmos nos bancos escolares, pelo menos os que tiveram a oportunidade de ter uma instrução um pouco mais extensa...África! O que vem a significar esta palavrinha de 6 letras que na classificação da língua portuguesa é uma palavra tónica por possuir um acento que se pronuncia com mais intensidade; trissilábica, por possuir três sílabas e proparoxítona, por ter o acento tónico na antepenúltima sílaba?

Eis a questão!

É de extrema importância ressaltar antes de tudo que, o nome do nosso continente não foge à regra, pois a maioria dos nomes de países que hoje constituem o continente negro, embora oriundos de palavras genuinamente locais, surgiu/surgiram dos primeiros contatos dos colonizadores com as populações autóctones. Podemos dizer, de um mal-entendido linguístico. O nativo, indagado alguma coisa assim: Como se chama? Como se chama este lugar? Ele, sem entender absolutamente nada, responde algo que lhe pareceu ter sido perguntado, associando o som ouvido à palavra que conhece. E, o inquiridor, que também desconhece totalmente a língua do aborígine e, ávido de ter uma resposta, capta o som, balbucia a palavra e escreve de sua forma o som ouvido sem mais nem menos. O que importa é algo registado!

A palavra África deriva de AVRINGA ou AFRI, nome da tribo Berbere que na antiguidade habitava o Norte do continente. Os berberes são descendentes dos antigos Númidas que habitavam a região chamada Numídia, entre o país de Cartago e atual Mauritânia, conquistada pelos romanos ao rei Jugurta, cuja capital era a cidade de Cirta, hoje Constantina, na Argélia.

O nome África começou a ser usado pelos romanos a partir da conquista da cidade de Cartago para designar províncias a Noroeste do Mar Mediterrâneo africano, onde hoje situam-se a Tunísia e a Argélia. Recordar-se que Cartago foi uma das famosas cidades de antiguidade da África. Foi fundada no séc.VII a. C. pelos Fenícios, sob a direção da Princesa Tiriana Dido ou Elisa, filha de Muto, rei de Tiro, (atual cidade de Sur no Líbano) que após a morte do seu marido Siqueu, fugiu para a África e fundou a cidade de Cartago numa península, perto da qual se encontra hoje a cidade de Túnis, capital da Tunísia. Em pouco tempo, Cartago tornou-se capital de uma poderosa república marítima, substituindo-se a cidade de Tiro no Ocidente. Criou colônias na Sicília e na atual Espanha. Enviou navegadores ao Atlântico Norte. Entretanto, as colônias cartaginesas na Sicília suscitaram vistas ambiciosas dos romanos que cultivaram uma ferrenha rivalidade que culminou com as 3 guerras chamadas Púnicas.

No final da 2ª guerra púnica, os romanos conseguiram apoderar-se da bela e sumptuosa cidade de Cartago, sob o comando de Cipião - o Africano, apesar dos esforços empreendidos por Aníbal para impedir que os romanos apoderassem dela. Cartago restabeleceu-se dessa derrota, mas foi definitivamente destruída na 3ª guerra púnica, por Cipião Emiliano. Reconstruída pouco depois, floresceu novamente do séc. I a VI da nossa era e foi uma verdadeira capital da África romana. Mas, no ano 698 caiu nas mãos dos árabes e começou a decadência.

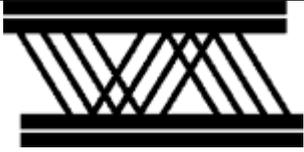
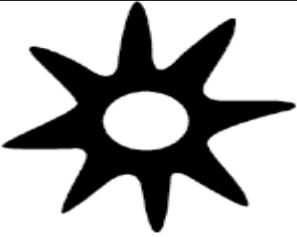
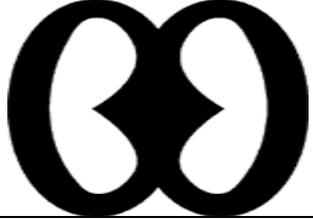
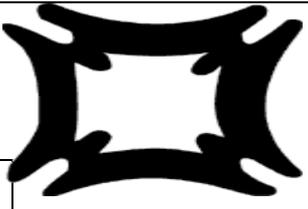
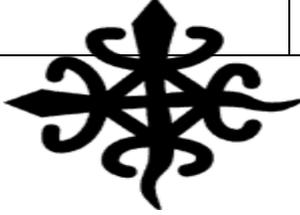
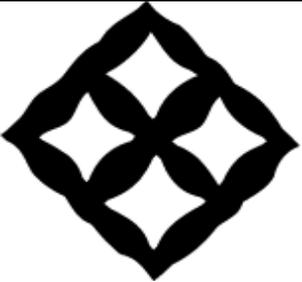
Portanto, no século XVI, com a necessidade dos Europeus de avançarem para o interior e para o sul do continente negro, o nome África generalizou-se para todo o continente que passou a chamar-se de "África".

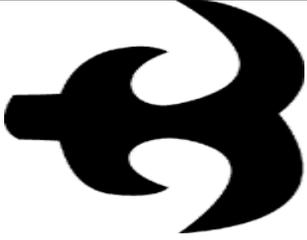
A palavra África significa também: façanha, proeza, valentia, algo difícil de se realizar. Este segundo e pseudo significado, embora recheado de um certo preconceito de um lado, de outro dignifica-nos como africanos, pois mostra a nítida resistência à penetração estrangeira no interior do nosso continente e traduz a realidade verdadeira da época. Foi dado pelos Europeus expedicionários, principalmente os portugueses, como consequência das enormes dificuldades que tiveram em penetrar no interior do continente.

A resistência dos nativos causava aos estranhos e indesejáveis visitantes, baixas humanas e muitas vezes retrocediam à face das dificuldades e perigo de serem dizimados pelo inimigo que eles mal conheciam e o pior de tudo, conheciam mal o seu terreno. Por isso, todos aqueles que se dispusessem a fazer parte das chamadas expedições em África eram considerados destemidos e valorosos militares, dispostos "a fazer uma África" isto é, a mostrar sua coragem, a guerrearem, enfrentando o incerto ou inimigo desconhecido. Portanto, estavam dispostos a "meter uma lança em África", que significa dizer, levar a cabo uma empresa difícil.

(Fonte: Texto disponível em <http://www.didinho.org/Arquivo/africaorigemhistoricadonome.htm> <acesso 15 jan. 2019>)

ANEXO 05

<p>NYAME NTI Pela graça de Deus Simboliza a fé e a confiança em deus</p>		<p>ADÔBE DE OWO FORO Serpente que escala a arvore. Simboliza a prudência</p>	
<p>NSOROMMA Criança do Céu (estrelas) Símbolo da Guarda Um lembrete que o deus é o pai e zela por todos os povos</p>		<p>NYAME BIRIBI WO SORO Deus está no céu. Simboliza a esperança</p>	
<p>NKYI Símbolo da iniciativa, do dinamismo e da versatilidade</p>		<p>NKONSOKONSON Ligação símbolo da unidade das relações. Lembra que na unidade encontra-se a força</p>	
<p>GYEN NYAME Simboliza a supremacia de deus</p>		<p>FIHANKRA Recinto doméstico, casa, lar. Símbolo de proteção, segurança e espiritualidade</p>	
<p>NEFU Crocodilos Siameses símbolo da democracia e da unidade O estômago siamês une os crocodilos, contudo eles lutam pelo alimento excedente. Este símbolo popular lembra que a guerra e o tribalismo são prejudiciais a tudo que acoplam neles.</p>			
<p>EBAN: cerca Símbolo do amor e da segurança a residência ao Akan é um lugar especial. Uma residência que tenha uma cerca em torno dela é considerada uma residência ideal. A cerca simbolicamente separa e fixa a família da parte externa. Por causa da segurança e da proteção que uma cerca tem o símbolo.</p>			

<p>DWENNIMMEN Chifre de RAM Símbolo da humanidade com a Força</p>		<p>AKOMA O coração Simboliza a paciência e a tolerância</p>	
<p>DENKYEM Crocodilo. Simboliza a adaptabilidade</p>		<p>AKOKO NAN O pé de uma galinha</p>	
<p>BI DO BI INKA ninguém deve morder os outros. Simboliza a paz e harmonia</p>		<p>AKOMA NTOSO Corações Ligados Simboliza a compreensão e o acordo</p>	
<p>AKOBEN O Chifre da Guerra. Simboliza a vigilância</p>		<p>ADINKRAHENE É o chefe dos símbolos adinkra. Simboliza a liderança, o carisma e a grandiosidade</p>	

(Fonte: Autor desconhecido. Disponível em www.scribd.com <acesso 18 dez. 2018->)

ANEXO 06

AMA DE LEITE

(Maria da Conceição do Amparo Alves)

Venderam o meu sonho
Venderam o amor
Venderam meu sorriso
Venderam minha dor
Vendido em leilão
Moendo em moinho
Plantei meu suor
Reguei com o meu sangue
Meu sonho maior

Meu corpo bonito
Minha bela cor
O filho no ventre
Pertencem ao senhor

Filho nos braços
Foste arrancado
Vendido em leilão
Praças e mercados

Gritos e gemidos
Lágrimas roladas ao chão
Leite esbanjado
Serve ao filho patrão

Dança, minha negra, dança
Ao som dos tambores
Grita, minha negra, grita
Grita teus clamores

Canta, minha negra, canta,
Que alguém há de te escutar
Dança, minha negra, dança
Que a liberdade virá.

(Fonte: Poesias e poemas Consciência Negra. Organização do prof. Eduardo Rohling, s/d. Disponível em www.scribd.com <acesso 19 nov. 2018>)

ANEXO 07

Quadro 1: Quadro geral de Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) no Brasil.

Nº	UF	TOTAL DE CERTIDÕES EXPEDIDAS	Nº CRQs IDENTIFICADAS
01	ACRE	0	0
02	ALAGOAS	67	68
03	AMAZONAS	8	8
04	AMAPÁ	40	40
05	BAHIA	619	747
06	CEARÁ	48	49
07	DISTRITO FEDERAL	0	0
08	ESPIRITO SANTO	35	40
09	GOIÁS	46	53
10	MARANHÃO	511	699
11	MINAS GERAIS	255	328
12	MATO GROSSO DO SUL	22	22
13	MATO GROSSO	70	77
14	PARÁ	199	256
15	PARAIBA	36	39
16	PERNAMBUCO	140	151
17	PIAUI	81	86
18	PARANÁ	35	37
19	RIO DE JANEIRO	38	39
20	RIO GRANDE DO NORTE	24	24
21	RONDÔNIA	8	8
22	RORAIMA	0	0
23	RIO GRANDE DO SUL	125	126
24	SANTA CATARINA	13	13
25	SERGIPE	31	35
26	SÃO PAULO	56	59
27	TOCANTINS	38	45
TOTAL		2.547	3.051

(Fonte: Fundação Cultural Palmares. Adaptado a partir de informações disponíveis em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551 <acesso 20 dez. 2018>)

ANEXO 08

Canto das três raças

(Clara Nunes)

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil
Um lamento triste sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativoiro
E de lá cantou
Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
Do quilombo dos palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos infidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou
E de guerra em paz, de paz em guerra
Todo povo dessa terra
quando pode cantar, canta de dor

ôôôôôô
ôôôôôô ôô

E ecoa noite e dia
É ensurdecador
Aí, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria

Soa apenas como um soluçar de dor

ôôôôôô
ôôôôôô ôô
ôôôôôô
ôôôôôô ôô

Ninguém ouviu...

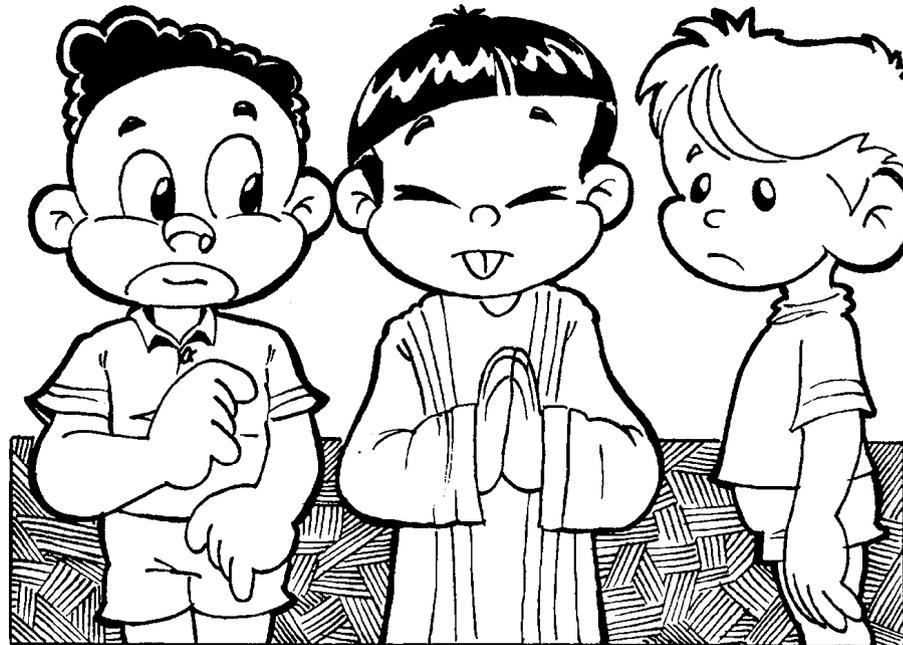
ANEXO 09

Discriminação Racial

Quando uma pessoa acredita que a sua raça é melhor do que as outras dizemos que essa pessoa é **racista**. E a esse tipo de crença damos o nome de **racismo**.

Até o século passado, até mesmo os cientistas acreditavam que havia raças superiores (mais capazes, mais inteligente) e raças inferiores. Os cientistas acreditavam também que haviam raças puras e que essas raças “puras” eram melhores do que as “misturadas” (caso do mulato, por exemplo). Hoje sabemos que nada disso é verdade. Não existem raças “puras” e nem existe uma raça mais capaz do que outra. Mas por causa dessas crenças, muitos povos sofreram, como os judeus, durante a 2ª Guerra Mundial, perseguidos pelos nazistas. Ou como os índios, considerados, até hoje, por muita gente, como incapazes. Ou como os negros, escravizados pelos europeus durante séculos.

Como em quase todos os lugares, no Brasil também existe racismo. Mas o racismo que existe no Brasil se apresenta de forma diferente, se comparado ao de outros países como a África do Sul e os Estados Unidos, onde chegam a morrer inúmeras pessoas por perseguição racial. No Brasil, um século antes da abolição da Escravatura (1888), já havia leis contra o racismo; nessa época, o sacerdócio deixou de ser proibido e filhos e netos dos judeus, mulatos e negros. E passou-se a aceitar negros e mulatos no serviço público. E, neste século, com a “Lei Afonso Arinos”, de 1951, o racismo passou a ser considerado crime.



(Fonte: <https://soatividades.com> <acesso 02 nov. 2018>)

ANEXO 10

Responda a estas questões e você terá o início de uma autobiografia.

- 1) Qual seu nome completo?
- 2) Quantos anos você tem?
- 3) Você nasceu aqui no Brasil? Em que estado e cidade?
- 4) Em que colégio estuda?
- 5) Que carreira profissional você espera seguir?
- 6) Você está lendo algum livro? Qual?
- 7) Tem o hábito de ler revistas ou jornais? Cite o nome de algumas (alguns).
- 8) Você pratica algum esporte? Escreva o nome dele e por que o pratica.
- 9) Há alguma outra atividade que você faz e que não está relacionada ao colégio ou esporte? Fale sobre ela.
- 10) Qual o cantor ou conjunto que você mais aprecia?
- 11) Você tem o costume de assistir a programas de televisão? Que tipo de programação prefere?
- 12) O que você faz no final de semana?

(Fonte: "Projeto Autobiografia". Extraído de: <http://clubedoprofessor.com.br/cjd/projetos/Autobiografia/> <acesso 18 jan. 2019>)

ANEXO 11

Quilombolas de SE lutam para manter antigas tradições populares

Samba de roda é uma forma de preservar os costumes dos antepassados. Músicas e vestes são inspiradas na cultura africana.

Do Globo Rural



Nesta sexta (21) é comemorado o Dia do Folclore. Em Sergipe, uma comunidade quilombola luta para manter uma das mais antigas tradições populares do estado: o samba de roda.

A lida no campo já começa com música para animar o dia das 150 famílias que vivem na comunidade quilombola Patioba, que fica em Japaratuba, leste de Sergipe.

O sustento vem do milho verde. O ritmo de trabalho é intenso para tentar colher 10 mil espigas até o final de setembro, quando termina a safra, mas depois que o dia acaba na roça, as agricultoras têm outro compromisso. É hora de vencer o cansaço e se divertir em um grupo de dança.

A comunidade quilombola tem no samba de roda uma maneira de preservar os costumes dos antepassados. Ao som de músicas africanas, elas rodopiam enquanto agitam as saias, feitas para lembrar às que eram usadas pelas escravas.

A tradição é passada entre as gerações. Filhas e netas de Dona Juliana dos Santos, de 79 anos, também dançam o que ela aprendeu ainda pequena em casa.

A herança é mantida com orgulho pelo grupo. “A gente está buscando nosso resgate para não deixar acabar, estamos na luta pela preservação do samba de roda. É muito gratificante e eu adoro participar dessa brincadeira maravilhosa”, diz a agricultora Sueli Leite.

(Fonte: Programa Globo Rural (edição de 22/08/2014. Disponível em <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/vida-rural/noticia/2014/08/quilombola-de-se-lutam-para-manter-antigas-tradicoes-populares.html> <acesso 08 jan. 2019>)

ANEXO 12

Oxossi, o caçador de uma flecha só

(Vanda Machado)

Olofin era um rei africano da terra de Ifé. Cada ano, na época da colheita, Olofin comemorava, em seu reino, a Festa dos Inhames. Ninguém podia comer dos novos inhames antes da festa.

Chegado o dia, o rei instalava-se no pátio do seu palácio. Suas mulheres sentavam-se à sua direita. Seus ministros sentavam-se à sua esquerda. As pessoas reunidas comiam inhame pilado e bebiam vinho de palma. Elas comemoravam e brincavam.

De repente, um enorme pássaro voou sobre a festa. O pássaro voava à direita e voava à esquerda... Até que veio pousar sobre o teto do palácio. O pássaro causava espanto a todos. Era tão grande que o rei pensou ser uma nuvem cobrindo a cidade. Sua asa direita cobria o lado esquerdo do palácio. Sua asa esquerda cobria o lado direito do palácio. As penas do seu rabo varriam o quintal. E sua cabeça cobria o portal da entrada.

As pessoas, assustadas, comentavam:

- Ah! Que esquisita surpresa!
- Eh! De onde veio este desmancha-prazer?
- Como vamos nos livrar dele?—

Vamos, rápido, chamar os caçadores mais hábeis do reino. Trouxeram o “caçador das vinte flechas”. Ele lançou as vinte flechas, mas nenhuma atingiu o grande pássaro.

O rei mandou prender. Trouxeram o “caçador das quarenta flechas”. Ele lançou as quarenta flechas, mas nenhuma atingiu o pássaro. O rei mandou prender. Apresentou-se o “caçador das cinqüenta flechas”. Lançou suas cinqüenta flechas, e nenhuma atingiu o pássaro. O rei mandou prender.

Finalmente, apresentou-se o “caçador de uma só flecha”. A mãe desse caçador não tinha outros filhos; foi rapidamente consultar o babalaô e saber o que fazer para ajudar seu único filho. O babalaô ensinou-lhe um ebó e umas palavras “bem fortes”. Ela devia dizer três vezes: “Que o peito do pássaro aceite este presente”. Isso foi dito no momento exato em que o caçador atirava sua única flecha. A flecha atingiu o pássaro em pleno peito. O pássaro caiu pesadamente, debateu-se e morreu.

A notícia se espalhou: — Foi Oxóssi, o caçador de uma só flecha, quem matou o pássaro!

O rei deu como recompensa a metade de seu reino. Os três caçadores foram soltos da prisão. O “caçador de vinte flechas” ofereceu a Oxóssi vinte sacos de búzios. O “caçador das quarenta flechas” ofereceu-lhe quarenta sacos. O “caçador das cinqüenta flechas” ofereceu-lhe cinqüenta. E todos cantaram para Oxóssi. O babalaô também juntou-se a eles, cantando e batendo no seu agogô: Oxóssi! Oxóssi! Oxóssi!

ANEXO 13

A Menina que não falava

Certo dia, um rapaz viu uma rapariga muito bonita e apaixonou-se por ela. Como se queria casar com ela, no outro dia, foi ter com os pais da rapariga para tratar do assunto.

__Essa nossa filha não fala. Caso consigas fazê-la falar, podes casar com ela, responderam os pais da rapariga.

O rapaz aproximou-se da menina e começou a fazer-lhe várias perguntas, a contar coisas engraçadas, bem como a insultá-la, mas a miúda não chegou a rir e não pronunciou uma só palavra. O rapaz desistiu e foi-se embora.

Após este rapaz, seguiram-se outros pretendentes, alguns com muita fortuna, mas ninguém conseguiu fazê-la falar.

O último pretendente era um rapaz sujo, pobre e insignificante. Apareceu junto dos pais da rapariga dizendo que queria casar com ela, ao que os pais responderam:

__Se já várias pessoas apresentáveis e com muito dinheiro não conseguiram fazê-la falar, tu é que vais conseguir? Nem penses nisso!

O rapaz insistiu e pediu que o deixassem tentar a sorte. Por fim, os pais acederam.

O rapaz pediu à rapariga para irem à sua machamba, para esta o ajudar a sachar. A machamba estava carregada de muito milho e amendoim e o rapaz começou a sachá-los.

Depois de muito trabalho, a menina ao ver que o rapaz estava a acabar com os seus produtos, perguntou-lhe:

__ O que estás a fazer?

O rapaz começou a rir e, por fim, disse para regressarem a casa para junto dos pais dela e acabarem de uma vez com a questão.

Quando aí chegaram, o rapaz contou o que se tinha passado na machamba. A questão foi discutida pelos anciãos da aldeia e organizou-se um grande casamento.

A Origem do Tambor

Dizem na Guiné que a primeira viagem à Lua foi feita pelo Macaquinho de nariz branco.

Segundo dizem, certo dia, os macaquinhos de nariz branco resolveram fazer uma viagem à Lua a fim de trazê-la para a Terra.

Após tanto tentar subir, sem nenhum sucesso, um deles, dizem que o menor, teve a idéia de subirem uns por cima dos outros, até que um deles conseguiu chegar à Lua.

Porém, a pilha de macacos desmoronou e todos caíram, menos o menor, que ficou pendurado na Lua. Esta lhe deu a mão e o ajudou a subir.

A Lua gostou tanto dele que lhe ofereceu, como regalo, um tamborinho.

O macaquinho foi ficando por lá, até que começou a sentir saudades de casa e resolveu pedir à Lua que o deixasse voltar.

A lua o amarrou ao tamborinho para descê-lo pela corda, pedindo a ele que não tocasse antes de chegar à Terra e, assim que chegasse, tocasse bem forte para que ela cortasse o fio.

O Macaquinho foi descendo feliz da vida, mas na metade do caminho, não resistiu e tocou o tamborinho. Ao ouvir o som do tambor a Lua pensou que o Macaquinho houvesse chegado à Terra e cortou a corda.

O Macaquinho caiu e, antes de morrer, ainda pode dizer a uma moça que o encontrou, que aquilo que ele tinha era um tamborinho, que deveria ser entregue aos homens do seu país.

A moça foi logo contar a todos sobre o ocorrido. Vieram pessoas de todo o país e, naquela terra africana, ouviam-se os primeiros sons de tambor.

Os segredos da nossa casa

Certo dia, uma mulher estava na cozinha e, ao atiçar a fogueira, deixou cair cinza em cima do seu cão.

O cão queixou-se:

__ A senhora, por favor, não me queime!

Ela ficou muito espantada: um cão a falar! Até parecia mentira...

Assustada, resolveu bater-lhe com o pau com que mexia a comida. Mas o pau também falou:

__O cão não me fez mal. Não quero bater-lhe!

A senhora já não sabia o que fazer e resolveu contar às vizinhas o que se tinha passado com o cão e o pau.

Mas, quando ia sair de casa a porta, com um ar zangado, avisou-a:

— Não saias daqui e pensa no que aconteceu. Os segredos da nossa casa não devem ser espalhados pelos vizinhos.

A senhora percebeu o conselho da porta. Pensou que tudo começara porque tratara mal o seu cão. Então, pediu-lhe desculpa e repartiu o almoço com ele.

Coração-Sozinho

O Leão e a Leoa tiveram três filhos; um deu a si próprio o nome de Coração-Sozinho, o outro escolheu o de Coração-com-a-Mãe e o terceiro o de Coração-com-o-Pai.

Coração-Sozinho encontrou um porco e apanhou-o, mas não havia quem o ajudasse porque o seu nome era Coração-Sozinho.

Coração-com-a-Mãe encontrou um porco, apanhou-o e sua mãe veio logo para o ajudar a matar o animal. Comeram-no ambos.

Coração-com-o-Pai apanhou também um porco. O pai veio logo para o ajudar. Mataram o porco e comeram-no os dois.

Coração-Sozinho encontrou outro porco, apanhou-o mas não o conseguia matar. Ninguém foi em seu auxílio. Coração-Sozinho continuou nas suas caçadas, sem ajuda de ninguém. Começou a emagrecer, a emagrecer, até que um dia morreu.

Os outros continuaram cheios de saúde por não terem um coração sozinho.

(Fonte: http://muralafrica.paginas.ufsc.br/files/2011/11/CONTOS_AFRICANOS.pdf <acesso 23 out. 2018>)

ANEXO 14

ARTE AFRICANA

A arte africana é um conjunto de manifestações artísticas produzidas pelos povos da África subsaariana ao longo da história.

História e características da arte africana

O continente africano acolhe uma grande variedade de culturas, caracterizadas cada uma delas por um idioma próprio, tradições e formas artísticas características. O deserto do Saara atuou e continua atuando como uma barreira natural entre o norte da África e o resto do continente. Os registros históricos e artísticos demonstram indícios que confirmam uma série de influências entre as duas zonas. Estas trocas culturais foram facilitadas pelas rotas de comércio que atravessam a África desde a antiguidade.

Podemos identificar atualmente, na região sul do Saara, características da arte islâmica, assim como formas arquitetônicas de influência norte-africana. Pesquisas arqueológicas demonstram uma forte influência cultural e artística do Egito Antigo nas civilizações africanas do sul do Saara.

A arte africana é um reflexo fiel das ricas histórias, mitos, crenças e filosofia dos habitantes deste enorme continente. A riqueza desta arte tem fornecido matéria-prima e inspiração para vários movimentos artísticos contemporâneos da América e da Europa. Artistas do século XX admiraram a importância da abstração e do naturalismo na arte africana.

A história da arte africana remonta o período pré-histórico. As formas artísticas mais antigas são as pinturas e gravações em pedra de Tassili e Ennedi, na região do Saara (6000 AC ao século I da nossa era).



Igbo-Ukwu: arte africana em bronze

Outros exemplos da arte primitiva africana são as esculturas modeladas em argila dos artistas da cultura Nok (norte da Nigéria), feitas entre 500 AC e 200 DC. Destacam-se também os trabalhos decorativos de bronze de Igbo-Ukwu (séculos IX e X) e as magníficas esculturas em bronze e terracota de Ifé (do século XII al XV). Estas últimas mostram a habilidade técnica e estão representadas de forma tão natura/lista que, até pouco tempo atrás, acreditava-se ter inspirações na arte da Grécia Antiga.

Os povos africanos faziam seus objetos de arte utilizando diversos elementos da natureza. Faziam esculturas de marfim, máscaras entalhadas em madeira e ornamentos em ouro e bronze. Os temas retratados nas obras de arte remetem ao cotidiano, a religião e aos aspectos naturais da região. Desta forma, esculpiam e pintavam mitos, animais da floresta, cenas das tradições, personagens do cotidiano etc.

Chegada ao Brasil

A arte africana chegou ao Brasil através dos escravos, que foram trazidos para cá pelos portugueses durante os períodos colonial e imperial. Em muitos casos, os elementos artísticos africanos fundiram-se com os indígenas e portugueses, para gerar novos componentes artísticos de uma magnífica arte afro-brasileira.

(Fonte: Extraído do texto Arte Africana e Indígena. Disponível em <https://pt.scribd.com/doc/66311762/Arte-Africana-e-Arte-Indigena> <acesso 24 nov. 2018>)

ANEXO 15

A FORMAÇÃO E CONFIGURAÇÃO DA TERRA NOS MITOS DOS ORIXÁS

(Rafael Rabello de Lima)

Os mitos dos orixás falam da criação do mundo, relatam uma infinidade de situações envolvendo, os deuses e os homens, os animais e as plantas, elementos da natureza e da vida em sociedade. Dessa maneira, os mitos passam a ter uma profunda questão geográfica, pois fundamentam a relação existente entre homem, natureza e o espaço. Pensando sobre este aspecto, foram usadas as mitologias sobre Iemanjá (Orixá das águas) e Oquê (Orixá da terra) nas aulas do cursinho comunitário da Unesp - Ourinhos (CACUO), para estudo nas aulas de Geografia acerca dos processos geológicos, geomorfológicos e hidrográficos, a partir de uma compreensão da natureza dos elementos água e terra e, até mesmo, da diferenciação entre os sexos masculino e feminino.

Oquê surge do fundo do mar:

No princípio, Olocum reinava só no mundo. Olorum fez o mundo de água e era Olocum quem governava. Tudo no início era mar, tudo era Olocum e Olorum já estava entediado com a vastidão sem fim das águas. Foi então que Oraniã, com toda a força que lhe dera Olorum fez surgir do fundo do oceano o primeiro monte de terra, a primeira colina sobre as águas, a montanha Oquê. Oquê que significa montanha na língua dos antigos, ele surgiu das profundezas dos mares pela vontade de Olorum, desde então passou a existir além dos mares, as terras de Oquê. Assim nasceu Oquê o orixá das montanhas, sobre o monte a vida dos humanos foi possível. Olodumarê então reuniu os demais orixás em cima de Oquê e indicou a cada um de seus filhos onde seria o seu domínio neste mundo. Os orixás puderam reinar sobre a terra, mas muitos que vieram depois esqueceram Oquê, sem Oquê nenhum dos Orixás poderia fazer nada, por isso devesse sempre fazer oferendas e ele. O que aconteceria se oque voltasse para o fundo das águas e deixasse Olocum dominando o mundo sozinho?

Iemanjá foge de oquerê e corre para o mar:

Quando Iemanjá conheceu Oquê, Oquê ficou encantando com sua beleza, propôs-lhe casamento. Ela concordou desde que nunca fizesse alusão aos seus seios. Seus seios eram grandes e volumosos, pois Iemanjá havia amamentado muitos filhos. Em troca ela nunca falaria dos defeitos de Oquê, não falaria de seus testículos exuberantes, de sua maneira de beber demais, nem entraria em seus aposentos pessoais. Esses eram os Tabus de Iemanjá e Oquê. Um dia Oquê voltou para casa embriagado, tropeçou em Iemanjá, vomitou no chão da sala. Iemanjá o reprimiu chamando de bêbado, Chamou de imprestável. Oquê perdeu o domínio das palavras, ficou enfurecido e ofendeu Iemanjá, fazendo comentários grosseiros sobre seus seios, Iemanjá falou mais sobre os defeitos dele, como bebia demais e sua exagerada genitália. Entrou no quarto dele e apontou a confusão que lá reinava. Não havia mais uma reconciliação possível. Os tabus foram quebrados. Oquê quis surrar Iemanjá e ela fugiu. Iemanjá saiu em fuga para Olocum, o mar. Mas Oquê, que a perseguia, tentou impedi-la de abandoná-lo, transformou-se ele próprio numa altíssima montanha, que impedia o curso de Iemanjá para o mar, Oquê transformou-se para impedi-la de encontrar o mar. Iemanjá ficou presa neste dia e chamou em seu auxílio seu filho Xangô, seu filho poderoso, Xangô pediu oferendas e no dia seguinte provocou a chuva. E quando a tempestade ficou forte, Xangô lançou um raio, que num estante dividiu a montanha Oquê em dois, formando um vale profundo para a passagem da sua mãe, o rio livre começou a correr pro mar. Assim Iemanjá foi se aconchegar no colo de Olocum se tornando a rainha do Mar.

(Fonte: Fragmento do texto "Mito, simbolismo e oralidade: a interpretação geográfica dos mitos dos orixás". Disponível em http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1468281959_ARQUIVO_LIMA,R.R.Mito.simbolismooralidade.TrabalhocompletoENG2016.pdf <acesso 14 out. 2018>)

ANEXO 16

MITO DA CRIAÇÃO

Olodumare o Todo em Tudo, a Natureza, o Algo do Nada, criou o Universo em 4 dias. Em cada dia criou 4 Odus, num total de 16 Odus principais, ou seja, 16 kàdàrà (predestinações) possíveis, que desdobrando-se entre si, perfazem o total de 256 Odus.

Cada Odù aponta uma direção, um ponto de início e fim, alterando e influenciando dia após dia a conduta de tudo que possui vida. Os 16 odus principais correspondem aos pontos de adoração do Universo, que são os pontos cardeais, colaterais e subcolaterais. Itan Dídá Àiyé (história da criação do mundo) Ofun Meji criou o Universo.

Após os primeiros momentos da formação do cosmos Ofun Meji deu início à geração de seus filhos (os demais odus). O primogênito foi Oyeku Meji, pois no princípio só havia trevas. Em seguida criou Ejiogbe (segundo alguns relatos ambos nasceram no mesmo dia).

Após conceber Oyeku Meji, Ofun Meji entrega-lhe seu cetro real para que com o mesmo abra o PORTAL DA LUZ. Tão logo o mesmo fosse aberto surgiria à luz e a mesma se dispersaria pelo Universo, iluminando-o em todas as direções. Ofun Meji recomendou a Oyeku Meji abstinência ao emu.

Certo dia Oyeku Meji ao retornar de suas ocupações dispersou-se de seu irmão e embriagou-se com emu, desobedecendo às determinações do pai. Ejiogbe sentiu falta do irmão e retornou pelo caminho percorrido, encontrando-o embriagado e adormecido. Por mais que tentasse não conseguiu acordá-lo.

Em face disso Ejiogbe recolheu o cetro real e retornou sozinho ao Orun, onde Ofun Meji os aguardava. Tão logo chegou o pai perguntou:

- Onde está teu irmão, o guardião do cetro que conduzes?
- Ele bebeu em excesso e adormeceu. Tentei acordá-lo em vão. Como era hora de retornar, resolvi eu mesmo trazer o cetro real.
- Tu não bebeste?
- Não! O Sr Sabe que não desobedeço às tuas ordens, meu pai.
- Sendo assim confiarei a ti a guarda do cetro real. Tu substituirás teu irmão a partir deste instante.

Ao se recuperar da embriaguez e sentir a falta do cetro real, Oyeku Meji retornou ao Orun totalmente desorientado. Ao cruzar os umbrais do orun foi interpelado por seu pai:

- Por que me desobedeceu, meu filho?
- Não resisti ao desejo veemente do emu, e o pior é que não sei onde deixei o vosso cetro, e nem onde está meu irmão.
- Felizmente ambos não estão perdidos. Teu irmão recolheu o cetro real e o trouxe de volta para mim. Devido ao teu procedimento, de hoje em diante estarás subordinado ao teu irmão mais novo.

A partir daí é que Ejiogbe passou a ocupar o primeiro lugar por ordem de chegada ao Aiyé. Oyeku Meji resignou-se a seguir fielmente Ejiogbe, o qual, piedoso suplicou ao pai:

- Oyeku Meji é meu irmão mais velho, e face a sua fraqueza e desobediência tornou-se meu servo, o que me entristece. Seria possível dar a ele a guarda das noites e das trevas, uma vez que confiaste à mim os dias e a luz?

Com pena, Ofun Meji confiou a Oyeku Meji a vigília da noite, das trevas, do sono e da insônia, enfim a guarda de tudo que ocorre à noite seja na terra, no ar ou nas águas.

Mais uma vez Ofun Meji chamou Ejiogbe a sua presença e o encarregou de disseminar a luz aos mais longínquos recantos do Universo, criando assim as estrelas. Deu-lhe como auxiliar Èsù (por isso Exu percorre os quatro cantos do mundo com seu ogó).

As determinações foram cumpridas, ficando do alto do céu o sol a reinar sobre os dias e a lua sobre as noites, e as estrelas a brilhar nas madrugadas.

(Fonte: TRAPP, Denise. Lendas dos Orixás e características bio-tipos dos seus filhos, s/d. Disponível em www.scribd.com <acesso 19 jan. 2019>)

ANEXO 17

OUTRAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

PAJELANÇA

Durante o ritual terapêutico, o pajé reza e fuma ao mesmo tempo, baforando a fumaça do tabaco sobre o corpo do doente. Enquanto isto sustenta em uma das mãos o maracá, cujo ruído assinala a aproximação do espírito. O pajé pode alcançar o transe fumando e hiperventilando continuamente, o que lhe provoca visões que lhe direcionam para compreender os atos estranhos que se sucedem na aldeia, ou para predizer sucessos e insucessos.

A pajelança é um ato-ritual de cura, levada à cabo por vários pajés. Nestas ocasiões eles se reúnem para fins curativos ou cuidar da realização de um feitiço que beneficie todas as comunidades participantes do evento.

A crença da pajelança é assentada na figura do encantamento, ou seja, é um culto à encantaria. Encantados são os seres invisíveis que habitam as florestas, o mundo subterrâneo e aquático, regiões conhecidas como "encantes". Os pajés servem de instrumentos para a ação dos encantados. Para tornar-se pajé, o indivíduo precisar ter um dom de nascença ou "de agrado" (adquirido).

O CATIMBÓ

A Jurema é uma árvore que floresce no agreste e na caatinga nordestina; da casca de seu tronco e de suas raízes se faz uma bebida mágico-sagrada que alimenta e dá força aos encantados do "outro-mundo". É também essa bebida que permite aos homens entrar em contato com o mundo espiritual e os seres que lá residem.

O Catimbó, envolve como padrão a ingestão da bebida feita com partes da Jurema, o uso ritual do tabaco, o transe de possessão por seres encantados, além da crença em um mundo espiritual onde as entidades residem.

Para seus adeptos, o mundo espiritual tem o nome de Juremá e é composto por reinados, cidades e aldeias. Nestes Reinos e Cidades residem os encantados: os Mestres e os Caboclos. "Cada aldeia tem três 'mestres'. Doze aldeias fazem um Reino com 36 'mestres'. No reino há cidades, serras, florestas, rios. Quanto são os Reinos? Sete, segundo uns. Vajucá, Tigre, Candindé, Urubá, Juremal, Fundo do Mar, e Josafá. Ou cinco, ensinam outros. Vajucá, Juremal, Tanema, Urubá e Josafá".

Troncos da planta são assentados em recipientes de barro e simbolizam as cidades dos principais mestres das casas. Estes troncos, juntamente com as princesas e príncipes, com imagens de santos católicos e de espíritos afro-ameríndios, maracas e cachimbos, constituirão as Mesas de Jurema. Chama-se Mesa o altar junto ao qual são consultados os espíritos e onde são oferecidas as obrigações que a eles se deva.

As princesas são vasilhas redondas de vidro ou de louça dentro das quais são preparadas a bebida sagrada e, em ocasiões especiais, onde são oferecidos alimentos ou bebidas aos encantados. Os príncipes são taças ou copos, que normalmente estão cheios com água e eventualmente com alguma bebida do agrado da entidade.

OS HABITANTES DO JUREMÁ

Duas categorias de entidades espirituais tem seus assentamentos nas mesas de Jurema, os Caboclos e os Mestres.

Os Caboclos são identificados como entidades indígenas que trabalham principalmente com a cura através do conhecimento das ervas, dão passes e realizam benzeduras com ervas e folhagens. São associados às correntes espirituais mais elevadas, as que trabalham para o bem, mas que também podem ser perigosas quando usados contra alguém. Por isso são muito temidos.

Uma outra categoria de entidades que recebem culto na Jurema é a dos Mestres. Os mestres são descritos como espíritos curadores de descendência escrava ou mestiça. Pessoas que, quando em vida, possuíam conhecimento de ervas e plantas curativas. Por outro lado, algo trágico teria acontecido e eles teriam morrido, se "encantando", podendo assim voltar para "acudir" os que ficaram "neste vale de lágrimas". Alguns deles se iniciaram nos mistérios e "ciência" da Jurema antes de morrer. Outros adquiriram esse conhecimento no momento da morte, pelo fato desta ter acontecido próximo a um espécime da árvore sagrada.

O símbolo dos mestres é o cachimbo ou “marca”, cujo poder está na fumaça que tanto mata como cura, dependendo se a fumaçada é “às esquerdas” ou “às direitas”. Essa relação com a “magia da fumaça” é expressa nos assentamentos dos mestres, onde sempre se encontra presente “rodias” de fumo de rolo, nos cachimbos e nas toadas.

As marcas são gravadas nos cachimbos, e indicam as vitórias alcançadas pelo mestre que o usa. Quando em terra, os mestres já chegam embriagados e falando embolado. São brincalhões, falam palavrões, mas são respeitados por todos. Dançam tendo como base o ritmo dos Ilus e a letra das toadas. Como oferendas, recebem a cachaça, o fumo, alimentos preparados com crustáceos e moluscos diversos. Com essas iguarias, agrada-se e fortifica-se os mestres. A bebida feita com a entrecasca do caule ou raiz da Jurema e outras ervas de “ciência” (Junça, Angico, Jucá, entre outras) acrescidas à aguardente, é, entretanto, a maior fonte de força e “ciência”, para estas entidades.

Também trabalham no Catimbó as Mestras. Tais mestras são peritas nos "assuntos do coração", são elas que dão conselhos as moças e rapazes que queiram casar-se, que realizam as amarrações amorosas, que fazem e desfazem casamentos.

JUREMAÇÃO

Muitos juremeiros dizem que “um bom mestre já nasce feito”; contudo alguns ritos são utilizados para “fortificar as correntes” e dar mais conhecimento mágico-espiritual aos discípulos. O ritual mais simples, porém de “muita ciência” é o conhecido como “juremação”, “implantação da semente”, ou “Ciência da Jurema”. Este ritual consiste em plantar no corpo do discípulo, por baixo de sua pele, uma semente da árvore sagrada. Existem três procedimentos para isso. Em um primeiro, o próprio mestre promete ao discípulo e após algum tempo, misteriosamente, surge a semente em uma parte qualquer do corpo. Um segundo procedimento é aquele em que o líder religioso realiza um ritual especial, onde dá a seus afilhados a semente e o vinho de Jurema para beber. Após este rito, o iniciante deve abster-se de relações sexuais por sete dias consecutivos, período em que todas as noites ele deverá ser levado em sonhos, por seus guias espirituais, para conhecer as cidades e aldeias onde aqueles residem. Ao final deste período, a semente ingerida deverá reaparecer em baixo de sua pele. Num terceiro procedimento, o juremeiro implanta a semente da Jurema, através de um corte realizado na pele do braço.

Reuniões e Festas

Uma “Mesa” pode ser aberta “pelas direitas” ou “pelas esquerdas”. Nas abertas “pelas direitas”, só as entidades mais elevadas devem se fazer presentes. Incorporadas elas dão passes, receitam banhos de ervas e defumações.

Quando se abre uma mesa “pelas esquerdas” qualquer tipo de entidade espiritual pode vir. Os trabalhos não precisam, necessariamente, visar o mal de alguém, contudo, aberto os trabalhos por este lado da “ciência”, já é possível devolver aos inúmeros inimigos, que estão sempre a espreita, os males que estes possam estar fazendo.

Orações e saudações feitas, canta-se para abrir a “mesa” e chamar os guias. Em algumas casas estes dão sua presença, afirmando que protegerão seus discípulos durante a realização dos trabalhos. Subindo o último Índio ou Caboclo, é o momento de todos, exceto o juremeiro-mor, se prostrarem de joelhos no chão e pedir ao Juremá licença para entrar em seus domínios; é que os “Senhores Mestres” já vem chegando...

Os discípulos pedem benção aos Juremeiros mais velhos na casa. Saúdam com benzenções a Mesa da Jurema e os artefatos dos Mestres. A Jurema é dita aberta. Os Senhores Mestres começam a chegar.

É o momento das consultas que sempre têm clientela certa. Momento onde coisas sérias são tratadas com irreverência, sem que no entanto percam a gravidade e o apressado dos mestres e mestras, sempre prontos a ajudar a seus afilhados. Nos casos mais graves, entretanto, o mestre logo marca um dia mais conveniente, onde poderá realizar “trabalhos em particular”. É assim que o mestre, traz os recursos financeiros necessários para a manutenção da casa de culto e do seu discípulo. Quando os Mestres se vão, chegam as Mestras.

O CANDOMBLÉ

O Candomblé é uma religião de origem africana, com seus rituais e (em algumas casas) sacrifícios; através dos rituais é que se cultuam os Orixás.

O Candomblé é dividido em nações, que vieram para o Brasil na época da escravidão.

São duas nações com suas respectivas ramificações:

Nação Sudanesa: Ijexá, Ketu, Gêge, Mina-gêge, Fom e Nagô

Nação Bantu: Congo, Angola-congo, Angola.

Desde muito cedo, ainda no século XVI, constata-se na Bahia a presença de negros bantu, que deixaram a sua influência no vocabulário brasileiro (acarajé, caruru, amalá, etc.). Em seguida verifica-se a chegada de numeroso contingente de africanos, provenientes de regiões habitadas pelos daomeanos (gêges) e pelos iorubás (nagôs), cujos rituais de adoração aos deuses parecem ter servido de modelo às etnias já instaladas na Bahia.

Os navios negreiros transportaram através do Atlântico, durante mais de 350 anos, não apenas mão-de-obra destinada aos trabalhos de mineração, dos canaviais e plantações de fumo, como também sua personalidade, sua maneira de ser e suas crenças.

As convicções religiosas dos escravos eram entretanto, colocadas às duras penas quando aqui chegavam, onde eram batizados obrigatoriamente “para salvação de sus almas” e deviam curvar-se às doutrinas religiosas de seus “donos”.

Primeiros Terreiros de Candomblé

A instituição de confrarias religiosas, sob a ordem da Igreja Católica, separava as etnias africanas. Os negros de Angola formavam a Venerável Ordem Terceira do Carmo, fundada na igreja de Nossa Senhora do Rosário do Pelourinho. Os daomeanos reuniam-se sob a devoção de Nosso Senhor Bom Jesus das Necessidades e Redenção dos Homens Pretos, na Capela do Corpo Santo, na Cidade Baixa. Os nagôs, cuja maioria pertencia a nação Ketu, formavam duas irmandades: uma de mulheres, a de Nossa Senhora da Boa Morte, outra reservada aos homens, a de Nosso Senhor dos Martírios.

Através dessas irmandades (ou confrarias), os escravos ainda que de nações diferentes, podiam praticar juntos novamente, em locais situados fora das igrejas, o culto aos Orixás.

Várias mulheres enérgicas e voluntárias, originárias de Ketu, antigas escravas libertas, pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte da Igreja da Barroquinha, teriam tomado a iniciativa de criar um terreiro de candomblé chamado Iyá Omi Asé Airá Intilé, numa casa situada na ladeira do Berquo, hoje visconde de Itaparica.

As versões sobre o assunto são controversas, assim como o nome das fundadoras: Iyalussô Danadana e Iyanasso Akalá segundo uns e Iyanassô Oká, segundo outros.

O terreiro situado, quando de sua fundação, por trás da Barroquinha, instalou-se sob o nome de Ilê Iyanassô na Avenida Vasco da Gama, onde ainda hoje se encontra, sendo familiarmente chamado de Casa Branca de Engenho Velho, e no qual Marcelina da Silva (não se sabe se é filha carnal ou espiritual de Iyanassô) tornou-se a mãe-de-santo após a morte de Iyanassô.

O primeiro “toque” deste candomblé foi realizado num dia de Corpus Christi e o Orixá reverenciado foi Oxossi.

CANDOMBLÉ DE CABOCLO

O Candomblé, ao desembarcar no País com os escravos, encontrou aqui um outro culto de natureza mediúnic, chamado "Pajelança", praticado pelos índios nativos em variadas formas. Em ambos os cultos havia a comunicação de Espíritos.

Com o tempo, alguns terreiros começaram a misturar os rituais do Candomblé com os da Pajelança, dando origem a um outro culto chamado "Candomblé de Caboclo". Naturalmente, os Espíritos que se manifestavam eram os de índios e negros, que o faziam com finalidades diversas.

A exemplo de toda nossa cultura, o candomblé de caboclo é um a miscigenação de europeus, africanos e ameríndios, uma verdadeira mistura de crenças e costumes que suas entidades trazem em suas passagens pela terra conforme suas falanges ou linhas que se dividem em Caboclos de Pena, a linha só há índios brasileiros, Caboclo de couro que pertence a linha dos homens que lidavam com gado, marujos que são aqueles que viviam no mar e outras como os famosos baianos que é a linha que representa o trabalhador nordestino que padeceu nos sertões brasileiros, assim como falange de Zé Pilintra que a história conta que foi um "malandro" injustiçado que se tornou encantado. Estes últimos são mais comuns nos cultos de umbanda da a região sudeste do país.

Influências Ketu, Gêge, Catolicismo, Ameríndia

Usam dentro da ritualística o gongá ou peiji (palavra de origem indígena que quer dizer altar), onde misturam imagens de todos os tipos: santos da Igreja Católica, pretos-velhos, crianças, índios, sereias, etc.

Trazem do Candomblé as festividades que louvam os Orixás e utilizam os atabaques (ilus); no lugar das sessões realizam as giras. A vestimenta é igual à do Candomblé; usam roncó, camarinha, feitura e na saída ocorre a personificação do Orixá (o médium sai com a vestimenta do Orixá); utilizam sacrifício (matança) de animais.

Nas sessões normais os caboclos utilizam cocares, arcos, flechas e no que se refere aos trabalhos, o nome dado é “Mandinga”.

Utilizam o ipadê ou padê, exigência dos Exús; os cântigos são denominados orikis e misturam cântigos em português e em iorubá.

OMOLOCÔ

Influências: Angola, Congo, Ketu, Gêge, Catolicismo, Ameríndia.

Também denominado de Umbanda Mista, Umbanda Cruzada, Umbanda Traçada.

É o mais próximo da Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas; segundo pesquisadores, este Candomblé estaria em transição para a Umbanda.

QUIMBANDA

A lei de Quimbanda tem um chefe supremo, a quem chamam de “Maioral da Lei de Quimbanda”, entidade esta que se entende diretamente com os chefes das Sete Linhas da Lei de Umbanda, aos quais presta obediência, recebendo e acatando ordens de São Miguel Arcanjo, por intermédio deles.

Divide-se a Lei de Quimbanda da mesma forma que a Lei de Umbanda, isto é em Sete Linhas e as subdivisões também são feitas de modo igual à outra. E desta forma temos:

Linha das Almas	Chefe Omulum	povo dos cemitérios.
Linha dos Caveiras	Chefe João Caveira	
Linha de Nagô	Chefe Gererê	povo de Ganga (Encruzilhadas)
Linha de Malei	Chefe Exú Rei	povo de Exú (Encruzilhadas)
Linha de Mossurubi	Chefe Caminaloa	Selvagens africanos (zulús, cafes)
Linha de Caboclos Quimbandeiros	Chefe Pantera Negra	Selvagens Americanos
Linha Mista	Chefe Exú da Campina ou Exú dos Rios	Composta de espíritos de várias raças

Os espíritos desta última linha (Mista), se comprazem na prática do mal, como todos os componentes das outras linhas, porém, agem indiretamente, isto é, arregimentam espíritos sofredores, desconhecedores do estado espiritual em que se encontram, para colocá-los junto da pessoa ou grupo de pessoas a quem desejam fazer o mal, provocando assim, no indivíduo, moléstias diversas, pelo contato fluídico desses espíritos com o perispírito da vítima. Geralmente, verifica-se que o espírito atuante transmite às vítimas as moléstias de que era portador, quando ainda preso a matéria, na Terra.

Os espíritos das outras Linhas da Lei de Quimbanda são astutos, egoístas, sagazes, persistentes, interesseiros, vingativos, etc.; porém, agem diretamente e se orgulham das “vitórias” obtidas. Muitas vezes praticam o bem e o mal, a troco de presentes nas encruzilhadas, nos cemitérios, nas matas, no mar, nos rios, nas pedreiras e nas campinas.

Os médiuns de Magia Negra são também interesseiros e só trabalham a troco de dinheiro ou de presentes de algum valor.

Entre todos os espíritos Quimbandeiros, os mais conhecidos, são os Exús, porque os exércitos deles são enormes e poderosos. Agem em todos os setores da vida na Terra e, dessa forma, são conhecidos os nomes de muitos chefes de Falanges e Legiões.

Ex: Exú Veludo, Exú Tiriri, Exú Mirim, Exú da Campina, Pombo-Gira, etc.

Todos os espíritos da lei de Quimbanda possuem luz vermelha sendo que o chamado “Maioral”, possui uma irradiação de luz vermelha tão forte que nenhum de nós suportaria sua aproximação.

Existe a necessidade da existência desses espíritos quimbandeiros. É através deles que pagamos nossas faltas, sofrendo a conseqüência de nossas maldades e erros. São eles portanto, os agentes incumbidos de concorrer para as nossas provações, consoante as faltas do passado, ou mesmo do presente. São os **Senhores do Carma**.

UMBANDA (RAMIFICAÇÕES)

Hoje, temos varias ramificações da Umbanda que guardam raízes muito fortes das bases iniciais, e outras, que se absorveram características de outras religiões, mas que mantêm a mesma essência nos objetivos de prestar a caridade, com humildade, respeito e fé.

Alguns exemplos dessas ramificações são:

"Umbanda tradicional" - Oriunda de Zélio Fernandino de Moraes";

"Umbanda Popular" - Que era praticada antes de Zélio e conhecida como Macumbas ou Candomblés de Caboclos; onde podemos encontrar um forte sincretismo - Santos Católicos associados aos Orixas Africanos";

"Umbanda Branca e/ou de Mesa" - Com um cunho espírita - "kardecista" - muito expressivo. Nesse tipo de Umbanda, em grande parte, não encontramos elementos Africanos - Orixás -, nem o trabalho dos Exus e Pomba-giras, ou a utilização de elementos como atabaques, fumo, imagens e bebidas. Essa linha doutrinaria se prende mais ao trabalho de guias como caboclos, pretos-velhos e crianças. Também podemos encontrar a utilização de livros espíritas - "kardecistas - como fonte doutrinária;

"Umbanda Esotérica" - É diferenciada entre alguns segmentos oriundos de Oliveira Magno, Emanuel Zespo e o W. W. da Matta (Mestre Yapacany), em que intitulam a Umbanda como a Aumbhandan: "conjunto de leis divinas";

"Umbanda Iniciática" - É derivada da Umbanda Esotérica e foi fundamentada pelo Mestre Rivas Neto (Escola de Síntese conduzida por Yamunisiddha Arhapiagha), onde há a busca de uma convergência doutrinária (sete ritos), e o alcance do Ombhandum, o Ponto de Convergência e Síntese. Existe uma grande influência Oriental, principalmente em termos de mantras indianos e utilização do sanscrito;

Outras formas existem, mas não têm uma denominação apropriada. Se diferenciam das outras formas de Umbanda por diversos aspectos peculiares, mas que ainda não foram classificadas com um adjetivo apropriado para ser colocado depois da palavra Umbanda.

(Fonte: Extraído de SOCIEDADE ESPIRITUALISTA MATA VIRGEM. Curso de Umbanda. Disponível em: <https://renatopaulo-cultura.webnode.com.br/news/curso-completo-de-umbanda-dasociedade-espiritualista-mata-virgem/> <acesso 16 jan. 2019>)

ANEXO 18

Paranauê

(Grupo Capoeira Angola)

Vou dizer minha mulher, Paraná
Capoeira me venceu, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

Vou me embora pra favela, Paraná
Como já disse que vou, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

E desvera que o morro, Paraná
Se mudou para cidade, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

Vou me embora dessa terra, Paraná
Como já disse que vou, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

Eu aqui não sou querido, Paraná
Mas na minha terra eu sou, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

Cantando com alegria, Paraná
Mocidade es que mata, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

O enfeite de uma mesa, Paraná
É um garfo e uma colher, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

O enfeite de uma cama, Paraná
É um homem e uma mulher, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

Mulher pra ser bonita, Paraná
Não precisa se pintar, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná (bis)

ANEXO 19

HISTÓRIA DA CAPOEIRA



A história da capoeira nos remete ao período da escravidão.

A história da capoeira está diretamente ligada ao período da escravidão no Brasil, no qual africanos eram escravizados e trazidos de seu continente para trabalhar sob condições humilhantes nas lavouras de cana-de-açúcar do nordeste brasileiro. Inicialmente, a capoeira pode ser definida como uma arte marcial que os escravos desenvolveram como forma de luta contra a opressão e os castigos aplicados pelos senhores de engenho.

Tal luta consistia principalmente no uso de pés e cabeça para a aplicação dos golpes. Como os europeus usavam somente os braços, tinham uma clara desvantagem em um eventual confronto direto com um capoeirista, fato que levou os senhores de engenho a proibir a prática da arte marcial entre os escravos.

Contudo, estes encontraram uma solução para tal proibição ao incorporar sua música com a capoeira, de forma que tudo parecesse uma espécie de dança típica aos olhos dos brancos. Os feitores viam aquilo e pensavam que os negros estavam apenas brincando; às vezes até achavam bonitas todas aquelas coreografias. Foi assim que, disfarçadamente, a capoeira sobreviveu a anos de proibição.

No Código Penal de 1890, por exemplo, a prática da arte marcial era punida com rigidez: prisão, trabalhos forçados e até deportação do acusado. A liberação da capoeira só se tornou realidade em 1934, durante o governo de Getúlio Vargas, quando uma apresentação do famoso mestre Bimba encantou o presidente e o fez, inclusive, a considerar a capoeira como um promissor esporte nacional.

(Fonte: Disponível em <http://www.historiadetudo.com/historia-da-capoeira> <acesso 28 out. 2018>)

ANEXO 20

IDENTIDADE

(Cantor e compositor: Jorge Aragão)

Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai...
Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história
Se o preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade
Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai...
Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história
Se o preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade
Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai...
Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história

ANEXO 21

CHARADAS MATEMÁTICAS

1. Existem 10 peixes dentro um aquário. Dois se afogaram, quatro fugiram nadando e três morreram de forma natural. Quantos peixes restaram no aquário?

Resposta: 10. Em primeiro lugar porque peixe é um animal aquático. Portanto eles não podem morrer afogados. Em segundo lugar eles não podem fugir nadando, pois estão dentro de um aquário. Em último lugar, os que morreram irão continuar no reservatório a menos que sejam retirados por alguém. Sendo assim, todos os peixes continuam no mesmo lugar.

2. De que número é possível tirar metade dele e obter como resultado nada?

Resposta: O número 8. Afinal, ao se retirar metade dele na escrita se obtém o número 0.

3. Quais são os números consanguíneos?

Resposta: Os números primos.

4. O que o filho do matemático fala quando quer ir ao banheiro?

Resposta: Pi-pi.

5. Qual é o resultado da seguinte equação: $6:2(1+2)$

Resposta: 9. Afinal segundo as regras matemáticas é preciso resolver o que está entre os parênteses. Ou seja, a adição cujo resultado é 3. Logo depois é preciso resolver a divisão e por último a multiplicação.

6. Se três gatos comem três ratos em três minutos, em quanto tempo 100 gatos comem 100 ratos?

Resposta: Três minutos, afinal é a mesma proporção que a questão inicial.

7. Se meu avô tem quatro filhos e cada filho por sua vez também tem quatro filhos, quantos primos eu tenho?

Resposta: 12 primos. Porque três são meus irmãos e um sou eu.

8. Em um cesto há cinco maçãs, que devem ser divididas entre cinco pessoas. No entanto, uma das frutas deve permanecer no cesto. Como essa divisão pode ser feita?

Resposta: Uma das pessoas deve pegar a última maçã com o cesto.

9. O que é que pode aumentar 50% do seu valor quando posto de cabeça para baixo?

Resposta: O número 6, já que de cabeça para baixo ele vira o número 9.

10. Sérgio e Jorge ganharam cada um, uma caixa contendo 12 chocolates. Sérgio comeu apenas alguns poucos doces da sua caixa. Enquanto Jorge comeu o equivalente ao que restou para Sérgio. Quantos chocolates restaram para os dois juntos?

Resposta: 12.

11. Em um carro estavam 1 avô, 2 pais, 2 filhos e 1 neto. Quantas pessoas no total estavam no carro?

Resposta: 3 pessoas.

12. Uma pessoa estava levando três vacas para o pasto. No caminho uma delas morreu. Quantas vacas ficaram?

Resposta: Apenas uma, a que morreu, já que as outras seguiram para o pasto.

13. Dois pais e dois filhos sentam para tomar café. Cada um comeu um ovo, quantos eles comeram no total?

Resposta: 3.

14. Uma garrafa com a rolha custa R\$1,10. Sabe-se que a garrafa custa dez vezes mais que a rolha, quando esta custa?

Resposta: R\$0,10. Já que 10 vezes R\$0,10 é igual a R\$1. Somando os dois valores o resultado é o valor final da garrafa.

15. Uma mulher irá ter um bebê. Se ele for menino ficará faltando apenas um filho para que o número de meninos seja igual ao de filhas. No entanto, se o bebê for uma menina, o número de filhas da mulher será o dobro do número de meninos. Quantos filhos ela tem e qual é o sexo deles?"

Resposta: 8 filhos. Sendo 3 meninos e 5 meninas.

16. Um peixe pesa 10 quilos a mais que a metade do seu peso. Quanto exatamente ele pesa?

Resposta: 20 quilos, já que metade de 20 é 10. Logo $10+10=20$ quilos.

17. Em uma igreja haviam 4 velas. Dois ladrões entraram no local e cada um levou mais uma vela. Quantas velas ficaram na igreja?

Resposta: 6. Afinal os ladrões levaram velas para a igreja e não da igreja.

18. Um homem estava andando por uma rua e contou 10 árvores no seu lado direito. Ao voltar pelo mesmo local ele vê 10 árvores do seu lado esquerdo. Quantas árvores ele viu no total?

Resposta: 10, já que as árvores que ele viu ao voltar eram as mesmas.

19. Uma pessoa lê 5 páginas de um determinado livro por dia. Com isso, ela consegue terminar a leitura 16 dias antes, do que se estivesse lendo apenas 3 páginas por dia. Quantas páginas esse livro tem?

Resposta: O livro possui 120 páginas. O cálculo que deve ser feito para se chegar até esta resposta é o seguinte. N é o número de páginas que o livro possui.

Sendo assim, $N/5=(N/3)-16$. Ou seja, o número total de páginas dividido pelas cinco que foram lidas no dia é igual ao número total dividido por três, menos os 16 que são os dias de diferença.

$$\begin{aligned}(N/5)-(N/3)&=16 \\ (3N-5N)/15 &= -16 \\ 3N-5N &= -16 \times 15 \\ -2N &= -240 \\ N &= 120.\end{aligned}$$

(Fonte: Disponível em <https://www.estudokids.com.br/charadas-matematicas-respostas/> <acesso 25 jan. 2019>)

SUGESTÕES DE VÍDEOS E FILMES

VÍDEOS

- ✚ A história da capoeira (Giancarlo Hilario): <https://www.youtube.com/watch?v=nngZA7wDS3I> <acesso 27 set. 2018>
- ✚ Aspetos da Cultura Quilombola: <https://www.youtube.com/watch?v=MFCVDJQTsel> <acesso 01 set. 2018>
- ✚ Brasil possui mais de cinco mil territórios quilombolas: <https://www.youtube.com/watch?v=1dgpZF9-S8U> <acesso 22 out. 2018>
- ✚ Breve História da Cultura Africana: <https://www.youtube.com/watch?v=RPzxt1iZGiA> <acesso 29 set. 2018>
- ✚ Bruna e galinha D'Angola (Gercilga de Almeida): https://www.youtube.com/watch?v=bYIRHi_gy2M <acesso 25 nov. 2018>
- ✚ Capoeira: <https://www.youtube.com/watch?v=2zmABDdNQlo> <acesso 13 set. 2018>
- ✚ Direitos dos quilombolas: https://www.youtube.com/watch?v=zjj3ii_GYrY <acesso 17 set. 2018>
- ✚ Disque Quilombola: https://www.youtube.com/watch?v=GStv-f_bcfU <acesso 09 jan. 2019>
- ✚ Documentário quilombolas (Refúgios da escravidão): <https://www.youtube.com/watch?v=sOxfJ7-6ffg> <acesso 01 set. 2018>
- ✚ Eu (Palavra Cantada): http://www.youtube.com/watch?v=2cqcWHs7a_E <acesso 26 out. 2018>
- ✚ Exposição Corpo na Arte Africana: <https://www.youtube.com/watch?v=dvV0h74wsOw> <acesso 02 set. 2018>
- ✚ Filme Candomblé: https://www.youtube.com/watch?time_continue=102&v=VcWGBs_14H0 <acesso 06 dez. 2018>
- ✚ História da África: <https://www.youtube.com/watch?v=CAUom6E7Wp8> <acesso 25 set. 2018>
- ✚ História da África e Cultura Afro - Parte I - Professor: Sandro Corrêa: <https://www.youtube.com/watch?v=LlzXGsqmb4o> <acesso 25 set. 2018>
- ✚ Melhor e Mais Justo: O Brasil é Quilombola 1/2: https://www.youtube.com/watch?v=ljG0mJyWy_M <acesso 07 out. 2018>
- ✚ Mestre Ciência usa a capoeira para ajudar no desenvolvimento das crianças da Apae: <http://g1.globo.com/pr/parana/paranativ-1-edicao/videos/t/cascavel/v/mestre-ciencia-usa-a-capoeira-para-ajudar-no-desenvolvimento-das-criancas-da-apae/6958480/> <acesso 19 set. 2018>
- ✚ Mitologia Africana - Olorum e a Origem dos Orixás: <https://www.youtube.com/watch?v=oF27Rr9zVfY> <acesso 26 set. 2018>
- ✚ Origem Africana (Marcos Rasta): https://www.youtube.com/watch?v=kOzYOW_eWyc <acesso 10 out. 2018>
- ✚ Personalidades Negras: <https://www.youtube.com/watch?v=mf-QCo8lqSg> <acesso 20 set. 2018>
- ✚ Preconceito e estereótipos (Portal Geledes): <https://www.geledes.org.br/plano-de-aula-preconceitos/> <acesso 3 dez. 2018>
- ✚ Quilombo (Quiz TV Escola): https://www.youtube.com/watch?v=N92tZ_KxXyE <acesso 16 set. 2018>
- ✚ Quilombo de Palmares: <https://www.youtube.com/watch?v=F35QbpTfZLs> <acesso 06 nov. 2018>
- ✚ VIDA NO QUILOMBO - Quilombolas preservam tradições, mas não querem parar no tempo: <https://www.youtube.com/watch?v=fmT1SNAmijE> <acesso 17 set. 2018>
- ✚ Raça humana: https://www.youtube.com/watch?v=y_dbLLBPXLo <acesso 06 nov. 2018>
- ✚ Saborosas memórias quilombolas: <https://www.youtube.com/watch?v=0Au0VmQ1vR4> <acesso

30 nov. 2018>

- ✚ Tradições Kalungas: <http://tvbrasil.etc.com.br/saojorgecavaleirodastradicoes/episodio/conheca-as-tradicoes-kalungas> <acesso 13 out. 2018>
- ✚ Território do brincar: https://www.youtube.com/watch?time_continue=110&v=c5uMtTjPp9c <acesso 27 set. 2018>
- ✚ Vista Minha Pele: <https://www.youtube.com/watch?v=JlvjTmQgXOA> <acesso 18 set. 2018>

FILMES

- ✚ A Rota do Escravo - A Alma da Resistência: <https://www.youtube.com/watch?v=HbreAbZhN4Q> <acesso 24 set. 2018>
- ✚ Besouro: <https://www.youtube.com/watch?v=NhrSlxqDSEw> <acesso 30 set. 2018>
- ✚ Ninguém nasce assim: https://www.youtube.com/watch?time_continue=26&v=6H_xfUCLWBY <acesso 05 out. 2018>
- ✚ O Grande Desafio: <https://www.youtube.com/watch?v=gir6aka1c60> <acesso 03 jan. 2019>
- ✚ O Xadrez das Cores: http://www.portacurtas.com.br/pop_160.asp?Cod=2932&exib=5937 <acesso 08 out. 2018>
- ✚ Olhos Azuis: <https://www.youtube.com/watch?v=mph1tuACRo4> <acesso 14 nov. 2018>
- ✚ Quilombo (A história do Quilombo dos Palmares): <https://www.youtube.com/watch?v=J-z0M-vcCB4> <acesso 12 nov. 2018>

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de [et al]. ENTRE-VISTAS: abordagens e usos da história oral / Marieta de Moraes Ferreira (Coordenação); Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. Uma história do negro no Brasil / Wlamyra R. de Albuquerque, Walter Fraga Filho. _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- BEDESCHI, Luciana; Zanchetta, Maria Inês. Cidadania quilombola / texto de Luciana Bedeschi. -- São Paulo: Instituto Socioambiental, 2008.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Escravo, nem pensar: almanaque do alfabetizador. Convênio MEC/OIT/ONG Repórter Brasil. Brasília, 2006.
- CAMPOS, Hélio, 1947. Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba / Hélio Campos (Mestre Xaréu). - Salvador: EDUFBA, 2009.
- CENPAH. Racismo e sua incidência no Brasil: uma reflexão dos missionários combonianos do Nordeste. Cartilha Pílulas para enfrentar o racismo no Brasil, novembro/2011.
- GONÇALVES, Dinalva Pereira; GONÇALVES, Pêdra Paula Pereira. HISTÓRIA E MEMÓRIA DE QUILOMBO: RAÍZES, RELATOS DA COMUNIDADE RAMAL DE QUINDIUA EM BEQUIMÃO/MA. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 9, p. 199-223, dez. 2017. Disponível em <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/486> < acesso 04 dez. 2018>
- GONÇALVES, Edson Poujeux. AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: origens, desenvolvimento e influências no Brasil e no sertão paraibano. Seminário Evangélico de Patos: Patos, 2007.
- LIMA, Reginâmio B. Memórias de velhos: Sobre terras e gentes. Rio Branco (AC): Boni, 2008.
- MARANHÃO. Secretaria do Estado da Educação. Documento Curricular do Território Maranhense para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. São Luís, 2019.
- MARTINS, Paulo Cezar Borges. Introdução à sociologia jurídica da luta pela cidadania e direitos humanos do negro no Brasil. Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas - Vitória da Conquista, Ano III, n. 3, p. 71-80, 2005.
- MITOLOGIA AFRICANA. Disponível em <http://www.lunaeamigos.com.br/africa/africa15.htm> < acesso 04 dez. 2018>
- OLIVEIRA, Luís R. Cardoso de. Racismo, direitos e cidadania. Estudos Avançados 18 (50), 2004.
- ORIGEM DA CAPOEIRA. Disponível em: <http://www.capoarte.com.br/> <acesso 19 dez. 2018>
- ROCHA, Sebastião. Folclore: roteiro de pesquisa. Comissão Mineira de Folclore: Belo Horizonte, 1996. Disponível em www.scribd.com <acesso 18 set. 2018>
- SANTOS, Joel Rufino dos. Como eu Ensino: a escravidão no Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

SANTOS, Joel Rufino dos. Gosto de África: histórias de lá e daqui. São Paulo: Globo, 2005

SANVITO, Paulo Celso (Org.). Direitos humanos e a questão da diversidade. São Paulo: CRUZEIRO DO SUL EDUCACIONAL, s/d. Disponível em www.scribd.com <acesso 01 dez. 2018>

SILVA, Renato Araújo da. (1973). Arte Afro-Brasileira: altos e baixos de um conceito. São Paulo: Ferreavox, 2016.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Síntese da coleção História Geral da África: Pré-história ao século XVI / coordenação de Valter Roberto Silvério e autoria de Maria Corina Rocha, Mariana Blanco Rincón, Muryatan Santana Barbosa. – Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Quilombos no Brasil e a singularidade de Palmares. Salvador, 2014. Disponível em <https://docplayer.com.br/19144329-Quilombos-no-brasil-e-a-singularidade-de-palmares.html> <acesso 30 nov. 2018>

SOUZA, Ana Lúcia Silva [et al.]. De olho na cultura: pontos de vista afro-brasileiros _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005.

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues V657. História da África / Raphael Rodrigues Vieira Filho. Salvador: COORDENAÇÃO UAB / UNEB, 2012.

VISENTINI, Paulo Fagundes. História da África e dos africanos / Paulo Fagundes Visentini, Luiz Dario Teixeira Ribeiro, Analúcia Danilevich Pereira. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Sites consultados:

<http://jorcemar.blogspot.com/2012/09/mitologia-africana.html> <acesso 20 out. 2018>

<http://www.capoarte.v10.com.br> <acesso 19 dez. 2018>

<http://www.cartaeducacao.com.br/aulas/culturas-ludicas-em-areas-ribeirinhas/> <acesso 9 nov. 2018>

<http://www.disquequilombola.com.br/bastidores/telefone-de-lata/> <acesso 29 out. 2018>

<http://www.historiadetudo.com/historia-da-capoeira> <acesso 18 out. 2018>

https://www.ebiografia.com/nelson_mandela <acesso 29 set. 2018>

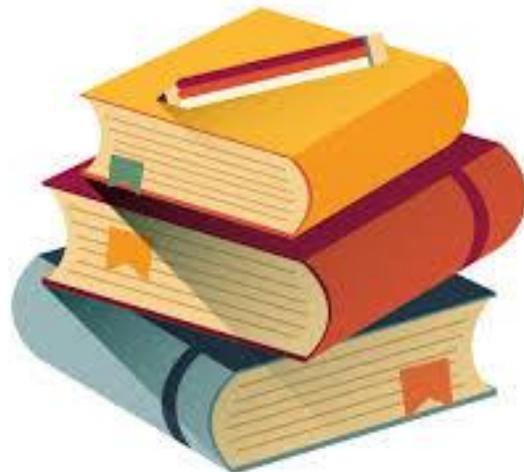
<https://www.geledes.org.br> <acesso 8 out. 2018>

<https://www.google.com/search?q=religião+africana+para+crianças&sa> <acesso 5 dez. 2018>

<http://www.pucrs.br/edipucrs/erematsul/comunicacoes/38VINICIUSCARVALHOBECK.pdf> <acesso 10 dez. 2018>

<https://www.somatematica.com.br/poemas/p95.php> <acesso 29 nov. 2018>

TEXTOS – BASE



passeidireto.com

Oficina Pedagógica 1 **HISTÓRIA DA ÁFRICA, MINHA HISTÓRIA**

TEXTO-BASE 01

Metodologia e pré-história da África

Durante muito tempo, os historiadores acreditaram que os povos da África não haviam desenvolvido uma história autônoma, no quadro de uma evolução que lhes fosse peculiar. Tudo o que representava uma aquisição cultural parecia ter sido levado até eles do exterior por vagas migratórias vindas da Ásia. A teoria camítica foi sustentada por muitos linguistas e difundida da Alemanha para além da Europa ocidental, até no período entre as duas guerras, quando ela deveria desmoronar.

O primeiro golpe veio em 1924 com a descoberta do *Australopithecus*, na província do Cabo (África do Sul). Seguiram-se outras descobertas tanto no norte como no sul da África. Todos esses documentos demonstram que o desenvolvimento do homem em toda a sua variedade racial teve lugar, desde as origens, no interior do continente africano. Assim, a teoria segundo a qual a África foi povoada por vagas migratórias provenientes do exterior tornou-se insustentável, sendo a África o único continente onde se encontram, numa linha evolutiva ininterrupta, todos os estágios do desenvolvimento do homem. Fica assim confirmada a teoria de Darwin, que apontava a África como o lugar de origem do homem.

Em geral, os indicadores antropológicos fornecem referências mais estáveis que os fatos da língua, que sofrem transformações rápidas, por vezes no espaço de algumas gerações. Pode-se afirmar que a distribuição dos tipos “raciais” modernos no continente africano reproduz, em essência, o modelo antigo dos grandes grupos antropológicos. Os vários tipos mediterrânicos são representados no norte da África desde uma era muito longínqua. A África Oriental foi habitada por povos do tipo etiopídeo, enquanto a parte sul do continente foi ocupada por grupos san; os pigmeus apareceram, provavelmente, nas florestas tropicais e equatoriais, constituindo um grupo distinto.

A “raça” negra de tipo conhecido como sudanes ou “congoles” individualizou-se para se adaptar as condições das latitudes tropicais, principalmente na África Ocidental. Esqueletos do tipo negroide de várias épocas foram encontrados no Saara e na Nigéria meridional, fato que sugere ter sido a região foco original desse tipo humano. A partir do estudo das pinturas rupestres no Saara, fica claro que a população negra predominou nessa região. A antiga população da Líbia era bastante heterogênea, assim como a composição étnica da população do Vale do Nilo, onde grupos etiopídeos e afro-mediterrânicos misturaram-se a negros do tipo sudanes. O mesmo tipo de miscigenação provavelmente ocorreu em todas as bacias fluviolacustres vizinhas ao deserto: baixo Senegal, médio Níger, Chade.

Os antropólogos supõem que o africano da floresta tinha estatura baixa e pele clara, enquanto o africano da savana e do Sahel seria esguio e de pele escura. Entretanto, cabe evitar uma visão parcial, já que muitos fatores operam simultaneamente. Por exemplo, a migração de grupos com heranças genéticas diferentes mobilizava duas fontes possíveis de mutação: primeiro, a mudança de biótipo, em seguida, o encontro de grupos diferentes, com a possibilidade de cruzamento. No entanto, deve-se ter sempre em mente a combinação dos fatores postos em jogo pelo próprio movimento da história, como no caso controverso dos pigmeus e dos san. De qualquer modo, a mais antiga população da África meridional não deve ser restringida aos pigmeus nas florestas e aos san nas savanas. Ao lado destes, outros povos devem ter existido. Descobriu-se em Angola o grupo dos kwadi, que aproxima-se muito dos san. Também os otavi, remanescentes de grupos antigos. Tal complexidade transparece nos planos lexical e fonético das línguas banto. Assim, existem discrepâncias entre elas, muitas vezes resultado da influência de um substrato linguístico preexistente.

As savanas da África Oriental foram, sem dúvida, a primeira região do continente a ser povoada. Hoje são habitadas por negros de língua banto, que foram precedidos pelos grupos san e khoi-khoi. Outros povos da mesma região falam línguas cuchíticas ou pertencentes a outros grupos. Todas essas línguas são anteriores a expansão das línguas banto, algumas das quais apareceram em épocas relativamente recentes.

TEXTO-BASE 02

O ambiente geográfico, os grandes grupos étnicos e a cultura africana

Foi na África que surgiu o Homo Sapiens, há cerca de 160 mil anos, bem como a primeira civilização, o Egito, há 5 mil anos. A evolução da espécie humana teve início na África Oriental e na Meridional, ponto de partida para a colonização do restante do continente e do mundo, quando estas foram se adaptando a novos ambientes e especializando-se até surgirem grupos étnico-linguísticos diferenciados. Mas somente nas últimas décadas do século XX a África deixou de ser um continente subpovoado. Diante de todas essas dificuldades, as sociedades africanas acabaram se especializando em maximizar o número de vidas humanas e as formas de colonizar a terra.

Durante muito tempo os sistemas agrícolas foram móveis, ou seja, eram adaptados ao ambiente ao invés de o transformarem. O pensamento social centrava-se, portanto, na fertilidade e na defesa do homem perante a natureza. As populações, de número restrito e que detinham grandes extensões de terra, manifestavam as diferenças sociais a partir do controle sobre o povo, a posse de metais preciosos e a criação de gado onde o ambiente permitia (sobretudo no leste e no sul).

Assim, na África o poder estava mais relacionado ao controle de pessoas e rebanhos do que ao domínio permanente de uma porção de terra. Daí que os chamados “impérios africanos” não representavam exatamente entidades territoriais, com fronteiras definidas, como na Europa. E esses impérios, por não permanecerem longo tempo em um lugar, deixaram uma quantidade relativamente limitada de ruínas arquitetônicas. As grandes migrações africanas se encerraram muito recentemente, há pouco mais de dois séculos, ou seja, paralelamente à penetração europeia.

Algumas regiões escaparam a essas limitações, como, por exemplo, o norte da África, embora submetido a um distanciamento relativo em referência ao restante do continente pelo Saara. Do outro lado, na maior parte da África Tropical, o primeiro envolvimento com o mundo exterior em larga escala ocorreu por conta do tráfico de escravos e do comércio de sal, ouro, marfim, algumas especiarias e óleo de palma. Por ironia, um continente subpovoado foi o grande exportador de pessoas em troca de mercadorias. Hoje, o continente procura superar os efeitos do imperialismo e do colonialismo, característicos do século XIX, e da interrupção de seu desenvolvimento espontâneo.

O continente africano está separado da Europa pelo Mar Mediterrâneo e da Ásia pelo Mar Vermelho, mas liga-se a ela por meio da sua extremidade nordeste, o Istmo de Suez. A principal subdivisão da África refere-se às duas regiões que ficam ao norte e ao sul do Deserto do Saara – África Subsaariana, ou África Negra, e norte da África, ou Magreb (ocidente, em árabe). Sendo o terceiro maior continente da Terra, a África ocupa, juntamente com as ilhas adjacentes, uma superfície de aproximadamente 30 milhões de km², mais de 20% do total da massa terrestre, formando um espaço compacto. Com exceção dos Montes Atlas, no norte, do maciço etíope e do Drakensberg sul-africano, o território africano é um planalto vasto e ondulado, marcado por quatro grandes bacias hidrográficas: a do Nilo, a do Níger, a do Congo e a do Zambeze.

A África pode ser dividida, geograficamente, em três regiões distintas: o planalto setentrional, os planaltos central e meridional e as montanhas do leste. Em geral, a altitude do continente aumenta de noroeste para sudeste. A característica peculiar do planalto setentrional é o Deserto do Saara, que se estende por mais de um quarto do território africano. As faixas litorâneas baixas, com exceção da costa mediterrânea e da costa da Guiné, são estreitas e elevam-se bruscamente em direção ao planalto. O litoral se caracteriza por extensões contínuas, quase sem reentrâncias e portos de águas profundas e com uma plataforma continental muito exígua, o que limita as possibilidades de pesca e jazidas de petróleo off-shore. Por fim, os rios praticamente não são navegáveis a grandes embarcações, devido a um grande número de corredeiras, dificultando o acesso ao interior do continente. Outra característica peculiar é que boa parte dos rios africanos corre para o interior do continente, não atingindo o mar.

A África é riquíssima em recursos minerais, possuindo em seu subsolo a maioria dos minerais conhecidos, sobretudo os mais raros e valiosos, muitos deles em quantidades notáveis. Sua principal atividade econômica refere-se à mineração, principalmente nas grandes jazidas de carvão, reservas de petróleo e de gás natural, bem como as maiores reservas do mundo de ouro, diamantes, cobre, bauxita, manganês, níquel, rádio, germânio, lítio, titânio e fosfato. Os principais países produtores desses minérios são República Democrática do Congo, África do Sul e Namíbia, que juntos, por exemplo, representam aproximadamente 98% da produção mundial de diamantes. O ouro é extraído, principalmente, no território sul-africano, no Zimbábue e em Gana, representando 50% do total comercializado mundialmente.

A profunda contradição do continente africano fica explícita numa comparação referente à energia. Há aproximadamente 66 bilhões de barris de petróleo apenas ao sul do Saara e inúmeras jazidas de gás natural, mas a maior parte da energia consumida na África provém da lenha (90%). A segunda atividade econômica mais importante no continente é a agricultura, praticada de três formas específicas – a de subsistência, em sistema de rotação de terras, desenvolvida por nativos nas áreas de floresta e savana; a permanente, realizada por povos berberes no Marrocos, felás no Egito e alguns povos negros da África Ocidental e da Meridional; e a plantation, cultivo de produtos tropicais em

grande escala, direcionada para a exportação. Dentre esses produtos agrícolas exportados encontram-se, principalmente, o café, o cacau, a borracha, a cana-de-açúcar, o algodão, o amendoim e o azeite de dendê.

Já a pecuária é pouco praticada nas áreas equatoriais e tropicais, mas, na zona norte africana (Egito, Líbia, Marrocos, Argélia e Tunísia), há grandes criações de camelos, ovinos e caprinos. O nível de industrialização africano é bastante baixo, existindo, no entanto, ao norte do continente, indústrias relativamente bem desenvolvidas, especialmente no Egito (alimentícia, petrolífera, têxtil e siderúrgica) e na Argélia (óleos vegetais e máquinas agrícolas). No sul africano, também há industrialização média no Zimbábue (alimentícia e de energia) e na África do Sul (têxtil, alimentícia, química, siderúrgica, metalúrgica e de equipamentos de transporte).

Atualmente vive no continente africano quase um bilhão de pessoas, com uma densidade de 30,6 habitantes por km². A população urbana é de, aproximadamente, 40%, ao passo que a rural é de 60%. O continente está dividido em cerca de oitocentos grupos étnicos, cada qual com sua própria língua e cultura. A distribuição populacional da África é muito irregular. As regiões desérticas são quase desabitadas. Em compensação, nas regiões às margens do Rio Nilo, nos vales do Marrocos, na Tunísia, na Nigéria, na área urbano-industrial da África do Sul e na região dos grandes lagos a densidade é bastante elevada. Ruanda e Burundi, por exemplo, destacam-se por estarem entre as mais altas densidades demográficas do mundo.

Na parte norte do continente, inclusive no Saara, predominam os povos caucasoides, principalmente berberes e árabes, constituindo, aproximadamente, a quarta parte da população do continente. Ao sul do Saara predominam os povos negroides, cerca de 70% da população africana. Na África Meridional ainda existem alguns elementos dos povos khoisan, os habitantes originais. Os pigmeus concentram-se na bacia do Rio Congo e na Tanzânia. Agrupados principalmente na África Meridional vivem 5 milhões de brancos de origem europeia.

Na África são faladas mais de mil línguas diferentes, que são divididas em quatro famílias: as afroasiáticas, as khoisan, as nígero-congolesas e as nilo-saarianas. Além do árabe, as mais faladas são o suaíle e o hausa. Há também várias línguas que pertencem a famílias de línguas não africanas, como a malgaxe, que é uma língua austronésia (malaia), e o afrikaaner (derivado do holandês, mas que se pode considerar uma língua “nativa”), pertencente à família das línguas indo-europeias, assim como a maioria das línguas crioulas da África. Além disso, a maior parte dos países africanos adotou, pelo menos como uma de suas línguas oficiais, uma língua europeia (português, francês e inglês nas respectivas ex-colônias), sendo que essas línguas são, geralmente, faladas pela população urbana desses países e, particularmente, por todas as pessoas com uma escolaridade signi-cativa. As línguas alemã, italiana e espanhola são ainda faladas por minorias na Namíbia e Camarões, Eritreia, Líbia e Somália, Marrocos, Saara Ocidental e Guiné Equatorial, respectivamente.

O entendimento das religiões africanas tradicionais se torna mais complicado devido à incorporação pelas mesmas de outros elementos provindos dos contatos com o exterior, notadamente do islamismo, e mais tarde do cristianismo. Assim, segundo Tedanga (2005), para caracterizar as práticas religiosas na África tradicional os estudiosos das religiões e antropólogos do mundo moderno fabricaram todo tipo de denominação reducionista e ideológica das crenças africanas. Nesse sentido, encontramos na literatura conceitos como animismo, fetichismo, ancestralismo, magismo e totemismo, entre outros. Independentemente do termo ou conceito que se use, percebe-se a carga reducionista. No entanto, se consideramos que fetichismo, animismo ou totemismo são três fenômenos da vida humana, é normal que a religião africana tenha interesse por eles, embora seja abusivo reduzir o conjunto de suas crenças focando somente esses elementos.

Importa dizer que as religiões da África são tão diversas quanto as línguas e etnias do continente, já que cada uma delas tem seus deuses, gênios ou ancestrais cuja adoração, ritos, oração ou sacrifício segue uma lógica única. Por isso, segundo Dieng (2007), à primeira vista tudo parece ser diferente entre as religiões dos dogons, dos malis e dos zulus da África do Sul, ou entre os pangos e os iorubás da Nigéria. Porém, um olhar mais aproximado pode diagnosticar algumas características fundamentais, que são idênticas entre esses cultos essencialmente destinados a ligar os homens ao mundo invisível, seja na forma natural ou sobrenatural. Na África, os povos têm mais ou menos a mesma concepção sobre seus ancestrais, sobre os gênios, seus modos de encarnação ou de reencarnação, bem como o entendimento sobre os vivos. Portanto, pode-se encontrar no totemismo e no fetichismo uma relação sutil entre o homem, o animal e a natureza.

Grosso modo, a cultura e a religião são dois elementos fundamentais para o entendimento da sociedade tradicional africana desde o período pré-colonial até a atualidade. Porém, continuam pouco conhecidas e, principalmente, encaradas a partir do etnocentrismo ocidental, pois sempre foi importante justificar a presença estrangeira no continente africano. Mas, independentemente dos aspectos negativos dessa presença, importa dizer que as crenças tiveram uma influência profunda sobre a organização social africana, centrada no núcleo tradicional, baseada no clã dirigido pelos anciãos.

Oficina Pedagógica 2

A HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL: da escravidão de ontem às comunidades de hoje

TEXTO-BASE 01

O sistema colonial: o latifúndio, a escravidão e o tráfico negreiro

As relações entre a África e o Brasil ocorreram nos marcos do antigo sistema colonial. O Brasil passou a integrar a economia mundial, formada a partir do século XVI, quando começaram a se estabelecer as redes comerciais interoceânicas, mas, evidentemente, em uma posição periférica. A colônia existia em função da metrópole e do mercado europeu, e seu grau de prosperidade dependia das altas e baixas de seus produtos (pau-brasil, açúcar, ouro, diamantes, couros, algodão, arroz, anil e tabaco) no mercado internacional.

A história econômica do Brasil colonial estruturou-se sobre três grandes pilares – a dependência externa, o latifúndio e a escravidão. O latifúndio caracterizou-se, economicamente, pela monocultura e, em termos sociais, pela mentalidade aristocrática do proprietário rural. A abundância de terras e a baixa produtividade fomentaram a permanente ampliação das propriedades. Assim, em um contexto de abundância de terras e escassez de mão de obra, pode-se considerar que o escravo era preferível a um assalariado, pois este último poderia tornar-se facilmente proprietário. Para o escravo, era impossível abandonar o trabalho da plantation. Além disso, o tráfico viabilizava economicamente a manutenção de entrepostos e de bases na costa africana, articulando, realmente, um império marítimo mundial.

A mão de obra indígena escravizada foi utilizada inicialmente em regiões mais pobres. Entretanto, a escravidão dos africanos e de seus descendentes foi a mais significativa. Milhões de escravos africanos entraram no Brasil até o século XIX, vindos da Guiné, Angola e Moçambique em três grandes levas, de acordo com a procedência predominante – da Guiné, no século XVI, de Angola, no século XVII e da Costa do Ouro (ou Costa da Mina, para os portugueses), no século XVIII. A imprecisão dos dados relativos ao tráfico legal e a estimativa para os números de contrabando impede um censo confiável. Todavia, sugere-se que cerca de 10 milhões de homens e mulheres foram levados da África pelo tráfico atlântico. Ressalta-se que o número de homens escravos foi imensamente superior ao de mulheres.

No Brasil, os principais portos negreiros, nos séculos XVI e XVII, foram os de Pernambuco e da Bahia. Com a descoberta de ouro, no século XVIII, o eixo transferiu-se para o Rio de Janeiro. Sob o ponto de vista econômico, o tráfico de escravos foi um dos maiores empreendimentos comerciais do mundo atlântico. O tráfico transformou-se rapidamente de uma atividade isolada, no século XVI, em um esquema organizado por sociedades comerciais, no século XVIII.

Por outro lado, o tráfico envolveu comunidades inteiras na África. Os europeus, aproveitando-se das guerras entre os diferentes grupos africanos, nas quais os vencidos eram aprisionados e vendidos aos seus representantes comerciais no litoral africano, providenciavam o embarque para a América mediante o pagamento do imposto de saída. A operação de compra e venda do escravo acontecia mediante o pagamento em moeda, ouro e prata e, mais frequentemente, pelo escambo. Fumo, tecidos, pólvora e armas eram trocados por escravos. Importante destacar, a introdução das armas de fogo nas sociedades africanas foi elemento decisivo para a desestruturação das comunidades tradicionais.

Os escravos africanos eram transportados em navios superlotados, sem condições de higiene e mal alimentados. Estima-se em torno de 30% a mortalidade dos cativos. Essa passou a ser uma preocupação para os traficantes, que viram sua margem de lucro diminuída. Nas primeiras décadas do século XIX, por exemplo, a mortalidade dos escravos africanos caiu para algo entre 7% e 10%. Os navios negreiros funcionavam também como correio e embaixada nas relações entre a África e o Brasil. Não só funcionavam como forma de comunicação entre as autoridades africanas e seus súditos no cativeiro,

como dos exilados políticos com seus partidários, que continuavam a atuar na África. A escravidão serviu também como desterro político.

No Brasil, o escravo recém-chegado era transportado para o mercado, operação sob a qual incidia novo imposto, dessa vez de entrada, antes de, finalmente, ser vendido ao comprador final por um preço médio que evoluiu de 20 mil réis no final do século XVI para 50 mil réis em 1650, 200 mil réis na primeira metade do século XVIII e 300 mil réis no início do século XIX. O escravo africano foi utilizado em quase todas as atividades econômicas e havia claramente a preferência pelo negro, pois os africanos tinham, em geral, um padrão cultural mais próximo às necessidades dos portugueses – conheciam melhor do que os índios a agricultura e possuíam mais habilidades para a utilização dos metais e para o artesanato. Em outras palavras, dominavam com mais destreza as técnicas de produção.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito à ampliação do tráfico e sua organização em sólidas bases empresariais, o que permitiu criar um mercado negreiro transatlântico e garantir estabilidade ao fluxo de mão de obra, aumentando a oferta. A atuação da Igreja, a partir da ação dos jesuítas, também contribuiu para a preferência pelos negros ao condenar a escravização dos indígenas. Por fim, o escravo negro era utilizado nas regiões de maior poder aquisitivo, enquanto o índio continuou servindo como mão de obra nas regiões menos abastadas, impossibilitadas de importar o africano e excluídas por isso das rotas do tráfico.

(Texto de Analúcia Danilevicz Pereira. In: História da África e dos africanos / Paulo Fagundes Visentini, Luiz Dario Teixeira Ribeiro, Analúcia Danilevicz Pereira. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013)

TEXTO-BASE 02

Quilombos no Brasil e a singularidade de Palmares

O objetivo deste texto é oferecer a profissionais da Educação formal e não-formal subsídios a respeito da contribuição dos Quilombos articulados a outros diferentes núcleos de resistência ao colonialismo, à escravidão, à dominação ocidental-europeia e, ao mesmo tempo, apontar para o significado dessa memória de nossos antepassados e sua continuidade afro-brasileira, na sociedade contemporânea. Essas organizações, são hoje, denominadas Comunidades Remanescentes de Quilombos.

Os Quilombos representam uma das maiores expressões de luta organizada no Brasil, em resistência ao sistema colonial-escravista, atuando sobre questões estruturais, em diferentes momentos histórico-culturais do país, sob a inspiração, liderança e orientação político ideológica de africanos escravizados e de seus descendentes de africanos nascidos no Brasil. O processo de colonização e escravidão no Brasil durou mais de 300 anos. O Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravidão, através de uma lei que atirou os ex-escravizados numa sociedade na qual estes não tinham condições mínimas de sobrevivência.

Quilombo é um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização sócio-econômico-política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural. (NASCIMENTO, 1980, p.32).

Desde o princípio da colonização no século XVI, os africanos escravizados se engajaram num combate firme contra a condição de escravizados em núcleos de resistência diversos. Os quilombos, entre os quais destaca-se a República de Palmares, a Revolta dos Alfaiates, Balaiada, Revolta dos Malês,

entre tantos outros núcleos que continuam no pós-abolição em oposição às consequências da escravidão, continuam numa luta por uma liberdade que sempre lhes foi negada (NASCIMENTO, 1980).

Os Quilombos continuam sendo sociedades livres, igualitárias, justas/soberanas em busca de felicidade. Eram sociedades político-militares, que nasceram de movimentos de insurreições, levantes, revoltas armadas, proclamando a queda do sistema escravocrata. Frequentemente aqueles movimentos tomavam a forma de quilombos à semelhança de Palmares. Os quilombos existiram em múltiplos pontos do país em decorrência das lutas ocorridas em diferentes lugares onde houvesse negação de liberdade, dominação, desrespeito a direitos, acrescidas de preconceitos, desigualdades e racismo.

A dimensão dos quilombos variava de acordo com a proporção de habitantes, tamanho das terras ocupadas, e estrutura da produção agrícola organizada nos lugares onde se eram estruturados. Os quilombos eram sociedades avançadas, do ponto de vista da organização, dos princípios, de valores, de práticas de socialização, de regime de propriedade.

Nessa perspectiva de articulação entre a luta dos quilombos e a densidade da resistência negra em outras iniciativas, na dinâmica do combate à escravidão, Nascimento (1980) nos lembra que a memória dos afro-brasileiros não se inicia com o tráfico de africanos escravizados, nem nos primórdios da escravização dos africanos no século XV. Ao contrário, os africanos trouxeram consigo saberes a respeito das mais diversas áreas do conhecimento: culturas, religiões, línguas, artes, ciências, tecnologias.

Africanos de diferentes grupos étnicos mesclam-se nos quilombos, como forma de resistir a uma determinação política anterior de separá-los de tudo o que significasse expressão identitárias de um povo: línguas, famílias, costumes, religiões, tradições. Tudo isso é retomado em todos os momentos da resistência quilombola, na reinvenção de políticas e estratégias de luta pela liberdade, sempre com postura crítica, face ao colonizador, ao escravocrata, ao imperialista.

Esses núcleos de resistência têm continuidade e interação com os quilombos através de suas quilombolas tradições, valores, costumes, mitologias, rituais, formas organizativas, organização familiar, experiência de socialização, o que alguns autores denominam de comunalismo africano.

Os quilombos viviam nas florestas, nas matas, nas montanhas e, ao mesmo tempo, em contato com a sociedade envolvente que as rodeava, as vigiava, controlava e perseguia.

Hoje, no Brasil, estudos realizados por diferentes profissionais educadores, sociólogos, antropólogos, historiadores e juristas buscam determinados critérios para denominar a luta quilombola: comunidades negras rurais, terras de pretos, remanescentes de comunidades de quilombos, hoje Comunidades Remanescentes de Quilombos compreendendo: descendentes dos primeiros habitantes da terra; trabalhadores rurais que ali mantém sua residência habitual ou permaneçam emocionalmente vinculados (LINHARES, 2002).

Oficina Pedagógica 3 **PRECONCEITO, RACISMO E DIREITOS ÉTNICOS**

TEXTO-BASE 01

Teorias relativas às “raças” e história da África

Se admitirmos que a espécie humana pertence a um único tronco, a teoria das “raças” só pode ser desenvolvida dentro do contexto do evolucionismo. A raciação se inscreve no processo geral da evolução diversificadora. Baseia-se num estoque gênico diferente, causado por oscilação genética ou por seleção natural. Esta conduz a uma diversificação adaptativa. Na África, ambos os processos devem ter ocorrido. Do ponto de vista biológico, os homens de uma “raça” têm em comum alguns fatores genéticos que num outro grupo “racial” são substituídos por seus alelos; entre os mestiços, coexistem os dois tipos de genes.

Contudo, os métodos tradicionais de análise das raças humanas, como o hemotipológico e o populacional, encontram dificuldades para se sustentar, porque seus parâmetros se multiplicam enormemente e apresentam resultados que levam a conclusão de que os indivíduos do mesmo grupo “racial” diferem mais uns dos outros que as “raças”. É por isso que cada vez mais especialistas adotam a posição radical que consiste em negar a existência de qualquer raça.

Em 1952, Livingstone publicava seu famoso artigo “Da não existência das raças humanas”. Diante da enorme complexidade e da inconsistência dos critérios para qualificar as raças, ele recomendava a renúncia ao sistema lineano de classificação, sugerindo uma árvore genealógica. Nessa linha de pensamento, alguns especialistas concluem que “toda teoria das raças é insuficiente e mítica”. É por isso que a UNESCO declarou: “A raça é menos um fenômeno biológico do que um mito social”.

Porém, mesmo que essa abordagem fosse mais científica, mesmo que esses territórios genéticos mutáveis fossem realmente aceitos pelas comunidades em questão, poderíamos dizer que os sentimentos de tipo “racial” seriam suprimidos? O mito racial tem permanecido vivo e alguns morfologistas impenitentes continuam a alimentar esse fogo.

De todas as teses, hipóteses e teorias, devemos conservar o caráter dinâmico dos fenômenos “raciais”, tendo em mente que se trata de um dinamismo lento e espesso, que se exerce sobre uma enorme quantidade de registros. Nessa dinâmica, dois componentes agem em conjunto: o patrimônio genético e o meio ambiente. As mudanças que resultam da interação desses dois fatores intervêm seja sob a forma incontrollável da seleção e da migração genica (mestiçagem), seja sob a forma casual da oscilação genética ou da mutação. Em resumo, é toda a história de uma população que explica sua presente facies “racial”, incluindo, através da interpretação das representações coletivas, as religiões, os costumes alimentares, de vestuário e outros.

O que dizer da *situação racial do continente africano*? Embora não se possa traçar uma fronteira linear, dois grandes grupos “raciais” são identificáveis no continente africano dos dois lados do Saara: no norte, o grupo árabe-berbere (líbios, semitas, fenícios, assírios, gregos, romanos, turcos etc.); no sul, o grupo negro. Convém notar que as mudanças climáticas provocaram durante milênios numerosas mesclas populacionais. A variedade dos fenótipos africanos é sinal de uma evolução longa do continente. Com certeza, a história da África não é uma história de “raças”.

Contudo, para justificar uma certa história, abusou-se demais do mito pseudocientífico da superioridade de algumas “raças”. Ainda hoje, o mestiço é considerado branco no Brasil e preto nos Estados Unidos da América. A ciência antropológica, que já demonstrou amplamente não haver nenhuma relação entre a raça e o grau de inteligência, constata que essa conexão as vezes existe entre raça e classe social. A preeminência histórica da cultura sobre a biologia é evidente desde a aparição do gênero *homo* no planeta. Quando irá tal evidencia impor-se aos espíritos?

TEXTO-BASE 02

Os direitos humanos e as minorias

É inegável que a Declaração Universal dos Direitos Humanos refletiu a necessidade de proteção específica de certas populações, grupos e indivíduos que ao longo dos tempos foram violados em seus direitos, sendo este justamente o caso dos afrodescendentes, usualmente, vítimas de preconceito e racismo.

Aliás, nesse sentido surgiu a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial adotada pela Organização das Nações Unidas em 21 de dezembro de 1965 e ratificada pelo Brasil em 27 de março de 1968, a qual integra o denominado sistema especial de proteção dos direitos humanos que, ao contrário do sistema geral, é endereçado a um sujeito de direito concreto, visto em sua especificidade e na concreticidade de suas diversas relações. Daí apontar-se não mais ao indivíduo genérica e abstratamente considerado, mas ao indivíduo especificado, considerando-se categorizações relativas ao gênero, idade, etnia, raça [...].

Assim, visando eliminar e combater doutrinas e práticas racistas, a Convenção estabelece que, por discriminação racial entende-se qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência, baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que têm por objetivo ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício em um mesmo plano (em igualdade de condição) de direitos humanos e liberdades fundamentais no domínio político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro domínio de vida pública.

Por outro lado, a Constituição Federal de 1988, reafirma que um dos objetivos principais da República Federativa do Brasil é combater o preconceito e qualquer forma de discriminação (inciso IV do artigo 3º), devendo ser punida qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais (inciso XLI do artigo 5º), em especial a prática do racismo, crime inafiançável e imprescritível (inciso XLII do artigo 5º).

Nessa esteira merecem destaque na legislação infraconstitucional pátria:

- Lei 7716/89: define os diversos crimes resultantes de preconceito de raça e de cor, o Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/10) que visa garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica;
- §3º do artigo 140 do Código Penal: define o crime de injúria racial;
- Lei 12.711/12 e Decreto 7.824/12: A chamada “Lei de Cotas” garante percentuais mínimos de vagas nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico e de nível médio para estudantes pretos, pardos, indígenas e também para aqueles de famílias de rendas menores egressos das escolas públicas.

Oficina Pedagógica 4 HISTÓRIA DA MINHA COMUNIDADE E BIOGRAFIA DOS ANCIÃOS

TEXTO-BASE 01

Uma breve sistematização das histórias ouvidas e contadas

No tempo da escravidão, existiam no território maranhense, muitas fazendas de criação de gado, plantação de cana-de-açúcar, além de grandes engenhos destinados a produção de gêneros como açúcar, cachaça, garapa, rapadura, e onde todo o trabalho era realizado pelos escravos africanos.

Nessa época, havia na cidade de Bequimão/MA uma grande quantidade dessas fazendas com engenhos. Uma delas, de propriedade de espanhóis, ficava situada num lugar chamado “Baiano”. Seu dono se chamava Vital Rodrigues, e posteriormente, com a morte deste, a fazenda foi passada para seu filho Francisco Rodrigues, o *Chicó*, como era mais conhecido.

Na propriedade, além da grande variedade de criação de animais, existia também uma pequena fábrica de tecido, além de um engenho de cana-de-açúcar. Tanto durante o período de escravidão, como depois deste, todas as pessoas que ali viviam e trabalhavam/serviam, tiravam de lá o seu sustento.

Com a Abolição da Escravatura em 1888, o Brasil caminhou aos poucos para uma grande crise econômica, em razão da não possibilidade de importação de novos escravos. Com isso, a maioria das fazendas e engenhos maranhenses declinou, o que levou ao abandono das mesmas por parte de seus donos. E foi o que aconteceu em Baiano: com a falência, os filhos de Chicó, venderam o engenho para uma pessoa da cidade de Pinheiro (município vizinho), repartiram seus quinhões de terra e procuraram outros locais para morar.

Naquela situação, muitos dos ex-escravos e seus descendentes, por não terem para onde ir, acabaram permanecendo na mesma localidade, formando assim um grande quilombo, composto por comunidades que hoje trazem o nome de Santa Rita, Mafra, Quindiuá e Ramal de Quindiuá.

A comunidade Ramal de Quindiuá, acima mencionada, traz uma história de formação bem particular. Para entender como tudo aconteceu, se faz necessário destacar um segundo ponto, relacionado agora a uma pessoa específica, peça importante na constituição desta comunidade: *Guilhermina Rosa Amorim*.

Guilhermina era filha de escravos e nasceu na cidade de Alcântara/MA, há mais de 150 anos. Ainda jovem, como tantos outros negros escravizados, arriscou uma fuga para escapar do regime de escravidão. Segundo memórias de seus descendentes, a mesma fez o trajeto a pé até encontrar abrigo na fazenda do Baiano.

Apesar de a referida fazenda também possuir escravos, naquele lugar, assim como em tantos outros, a submissão já não se manifestava de forma tão severa; pois naquele período a escravidão brasileira já apontava para o seu fim. Em geral, as pessoas serviam em troca de mantimentos ou de alguns trocados.

Guilhermina, ao perceber que aquele poderia ser um lugar seguro para não ser encontrada pelo seu antigo dono, logo se misturou aos escravos existentes no local. Pouco tempo depois, casou-se com Gregório Antonio Amorim, com o qual formou uma família com 07 filhos: Augênio Diego Amorim, Aurino Amorim, Pedro Olicio Amorim, José Amorim, Vita Amorim, Felícia Amorim, e Pedro Emiliano Amorim. A família passou a morar num local um pouco afastado do Baiano, cerca de 2km distante, o qual denominaram de “Carará”. Com algum tempo, os filhos também casaram e formaram suas famílias naquele mesmo local. Além disso, posteriormente, outras famílias foram se deslocando para lá. Guilhermina morreu no Carará, há pouco mais de 40 anos, com 110 anos de idade. Segundo depoimentos, a mesma sempre foi dedicada ao trabalho na lavoura e até hoje, existe na região do Baiano, inúmeros bananais plantados por ela.

O tempo se passou e por volta dos anos 60, houve por parte do então governo do Estado, a proposta de construção de uma rodovia, assim como uma ponte em cima do rio Pericumã, a qual ligaria Bequimão a cidade de Central do Maranhão. Posteriormente, foi aberta uma estrada (o que seria o primórdio desta rodovia), que se inicia a partir do povoado de Quindiuá e termina na beira do rio Pericumã.

A formação da comunidade Ramal de Quindiuá, se deu a partir da abertura da via mencionada. Os moradores das regiões do *Carará* e do *Baiano* migraram para a beira da estrada pela facilidade de acesso para a sede do município. Por conta da proximidade com o início da via de acesso com povoado de Quindiuá, a região ocupada pelos novos moradores passou a ser chamada de *Ramal de Quindiuá*.

TEXTO-BASE 02

Biografia de Nelson Mandela

Nelson Mandela (1918-2013) foi presidente da África do Sul. Foi o líder do movimento contra o Apartheid - legislação que segregava os negros no país. Condenado em 1964 à prisão perpétua, foi libertado em 1990, depois de grande pressão internacional. Recebeu o “Prêmio Nobel da Paz”, em dezembro de 1993, pela sua luta contra o regime de segregação racial.

Nelson Mandela (1918-2013) nasceu em Mvezo, África do Sul, no dia 18 de julho de 1918. Nascido em uma família de nobreza tribal, da etnia Xhosa, recebeu o nome de Rolihlahla Dalibhunga Mandela. Em 1925 ingressou na escola primária, onde recebeu da professora o nome de Nelson, em homenagem ao Almirante Horatio Nelson, seguindo um costume de dar nomes ingleses a todas as crianças que frequentavam a escola.

Com nove anos, com a morte do seu pai, Mandela foi levado para a vila real, onde ficou aos cuidados do regente do povo Tambu. Ao terminar sua formação elementar, entrou na escola preparatória Clarkebury Boarding Institute, um colégio exclusivo para negros, onde estudou cultura ocidental. Ingressou no Colégio Healdtown, onde era interno.

Em 1939, Mandela ingressou no curso de Direito, na “Universidade de Fort Hare”, a primeira a ministrar cursos para negros. Por se envolver em protestos, junto com o movimento estudantil, contra a falta de democracia racial na instituição, foi obrigado a abandonar o curso. Mudou-se para “Joanesburgo”, onde se deparou com o regime de terror imposto à maioria negra.

Em 1943, concluiu o bacharelado em Artes pela Universidade da África do Sul. Após obter autorização, continuou os estudos de Direito, por correspondência, na universidade de Fort Hare. Mais tarde receberia o título de "Doutor Honoris Causa", na tentativa de compensar a sua expulsão.

A segregação racial, a falta de direitos políticos e civis e o confinamento dos negros em regiões determinadas pelo governo branco provocava a luta clandestina do negro. O principal instrumento de representação política desses negros era o Congresso Nacional Africano (CNA), cujo líder maior era Nelson Mandela. Em 1944, junto com Walter Sisulo e Oliver Tambo, fundou a Liga Jovem do CNA. Nesse mesmo ano casou-se com Evelyn Mase, com quem teve quatro filhos. Em 1956 o casal se separou. Em 1958 casou-se com a militante antiapartheid, Winnie Madikizela, de quem viria a se separar em 1992.

Em 1960, centenas de líderes negros foram perseguidos, torturados, presos, condenados e assassinados. Entre eles estava Mandela. Preso em 1962, foi condenado em 1964 à prisão perpétua. Na década de 80, intensificou-se a condenação internacional ao apartheid que culminou com um plebiscito que terminou com a aprovação do fim do regime.

Em 11 de fevereiro de 1990 Mandela foi libertado. Em 1993, Nelson Mandela e o presidente Frederick De Klerk, assinaram uma nova Constituição sul-africana, colocando um ponto final em mais de 300 anos de dominação política da minoria branca. Essa nova Constituição simbolizava o fim oficial do Apartheid, e preparava a África do Sul para um regime de democracia multirracial. Em 1993 Mandela recebeu o Prêmio Nobel da Paz, dividido com o presidente, que junto com Mandela procurava um caminho para o fim da segregação.

Em abril de 1994, houve eleições na África do Sul, quando Mandela foi eleito presidente da República e De Klerk, vice-presidente. Mandela governou até 1999. Foi premiado pela Anistia Internacional, em 2006, pela sua luta em favor dos direitos humanos.

Nelson Rolihlahla Mandela faleceu em Joanesburgo, África do Sul, no dia 5 de dezembro de 2013.

Oficina Pedagógica 5

COSTUMES E TRADIÇÕES: a cultura do meu quilombo

TEXTO-BASE 01

A tradição no folclore

A tradição é o conjunto de fatos e elementos (materiais, sociais e espirituais) que uma época ou uma geração doa ou entrega a que lhe sucede para que esta, por sua vez, o retransmita, com seus fatos ou elementos incorporados, à sua imediata sucessora.

Tradição equivale a atualidade de fatos ou fenômenos no tempo e no espaço porque ela é o fator de identidade - união, caráter, coerência e coesão - de um povo através dos tempos. Um fato folclórico é essencialmente um fato tradicional, isto quer dizer, um fato entregue ou doado de uma geração à outra. O jogo da "amarelinha" ou "maré" ou "maê" é folclórico não porque nossos avós e pais brincaram, mas porque nós e nossos filhos brincamos e brincam. Ele é tradicional porque, vindo do passado, é atual e presente, além de ter uma função social e ser de domínio público. Ao contrário da História que é a ciência dos fatos humanos do passado, o Folclore estuda os fatos tradicionais no presente.

Não existe povo que seja tão miserável que não tenha tradição, pois é ela que cria, fertiliza, alinhava, reproduz e incorpora os valores e realizações humanas de uma época. Ritos e costumes, técnicas e hábitos de trabalho, cantos e lendas, músicas e superstições, danças e jogos, enfim, todas as áreas da ação humana vivem, se recompõem, se cristalizam, se transformam, se criam, se difundem, se expandem, no tempo, no espaço e através da tradição.

Os povos que não se conhecem a si mesmos, porque não se estudam, não se pesquisam, ou não se descobrem, por ignorância, por desinteresse, por vergonha de suas origens ou por excesso de valorização de valores culturais importados, nunca terão sua identidade e autoestima formadas, nunca terão definida e conhecida sua personalidade e, portanto, jamais serão coerentes, autênticos e harmônicos.

TEXTO-BASE 02

Temas [da cultura] sugeridos para trabalhos escolares

	Temas	Assuntos específicos
01	Linguagem Popular	Termos e expressões mais característicos e usuais da comunidade; histórias, gírias, lendas, ditados e provérbios, gestos e mímicas, etc. e <i>sua explicação popular</i> .
02	Nomes Populares	Nomes ou apelidos com que o povo batiza ruas, caminhos, bairros, povoados, acidentes geográficos, etc. e <i>sua explicação popular</i> .
03	Apelidos	Apelidos de pessoas (ou alguma coisa) da comunidade e <i>sua explicação popular</i> .
04	Nome de Plantas e Animais	Nomes que o povo dá aos diversos animais e plantas caseiras, medicinais, etc. e <i>sua explicação popular</i> .
05	Comidas e Bebidas	Aquelas comuns na comunidade, diárias, festivas e ocasionais e suas respectivas receitas e formas de utilização populares.
06	Arte e Artesanato	Trabalhos de artistas e artesãos populares que, utilizando-se de instrumentos rudimentares ou as próprias mãos, produzem formas e objetos utilitários ou figurativos; descrição do processo e dados sobre os artesãos.
07	Medicina Popular	Chás, pomadas, garrafadas e outros remédios de confecção caseira, o seu preparo e formas de utilização; ervas medicinais e sua aplicação.
08	Ritos de Passagem	Comemorações populares de nascimento, batizado, namoro, noivado, casamento e morte; costumes populares de comemoração de datas festivas como Natal, Páscoa, Ano Novo, etc.
09	Religião	Cultos e cerimônias religiosas populares <i>fora do campo de ação litúrgica de qualquer igreja ou religião</i> .
10	Brinquedos e Brincadeiras	Aqueles <i>não aprendidos</i> nas escolas, parques infantis ou clubes; características, formas e requisitos das brincadeiras e sua explicação pelos próprios participantes.
11	Caça, Pesca e Agricultura	Instrumentos e técnicas de trabalho tradicionais na comunidade e <i>sua explicação popular</i> .
12	Superstições	Aquilo que as pessoas da comunidade acreditam que façam bem ou mal; registrar <i>a explicação popular</i> .
13	Tipos Populares	Vendedores, pregoeiros, músicos ambulantes, etc. da comunidade; suas características, maneiras de viver, trabalhar, etc.
14	Casos Contados	Casos ("causos") de pescadores, caçadores, etc., contados por eles mesmos.
15	Danças	Aquelas danças (livres e abertas a todos), tradicionais da comunidade; características, tipos e épocas das danças e <i>sua explicação popular</i> .
16	Folgedos Populares	As danças e coreografias adotadas por grupos específicos, organizados e tradicionais na comunidade; formas de organização e dos rituais destes grupos e sua explicação por eles mesmos.
17	Festas Cíclicas	Aspectos populares e tradicionais das festas religiosas e profanas que tem caráter cíclico e anual: Natal, Ano Novo, Reis, Carnaval, Quaresma, Semana Santa, Páscoa, Divino Espírito Santo, Mês de Maria, Juninas, Rosário, etc., descrição das manifestações e <i>características populares (não litúrgicas) e tradicionais destas festas</i> .
18	Festas Religiosas em Geral	Festas dedicadas aos diversos santos, padroeiros e às datas santificadas da comunidade; descrição das características e aspectos populares.

Oficina Pedagógica 6 **ARTE, MITOS E CONTOS AFRICANOS**

TEXTO-BASE 01

As formas da arte africana

A pintura é empregada na decoração das paredes dos palácios reais, celeiros, das choupas sagradas. Seus motivos, muito variados, vão desde formas essencialmente geométricas até a reprodução de cenas de caça e guerra. Serve também para o acabamento das máscaras e para os adornos corporais. A mais importante manifestação da arte africana é, porém, a escultura. A madeira é um dos materiais preferidos. Ao trabalhá-la, o escultor associa outras técnicas (cestaria, pintura, colagem de tecido).

MÁSCARAS:



Fonte: Portal Geledes

As “máscaras” são as formas mais conhecidas da plástica africana. Constituem síntese de elementos simbólicos mais variados se convertendo em expressões de vontade criadora do africano, foram objetos que mais impressionaram os povos europeus desde as primeiras exposições em museus do Velho Mundo, através de milhares de peças saqueadas do patrimônio cultural da África, embora sem reconhecimento de seu significado simbólico.

A máscara transforma o corpo do bailarino que conserva sua individualidade e, servindo-se dele como se fosse um suporte vivo e animado, encarna a outro ser gênio, animal mítico que é representando assim momentaneamente. Uma máscara é um ser que protege quem a carrega. Está destinada a captar a força vital que escapa de um ser humano ou de um animal, no momento da morte. A energia captada na máscara é controlada e posteriormente redistribuída em benefício da coletividade.

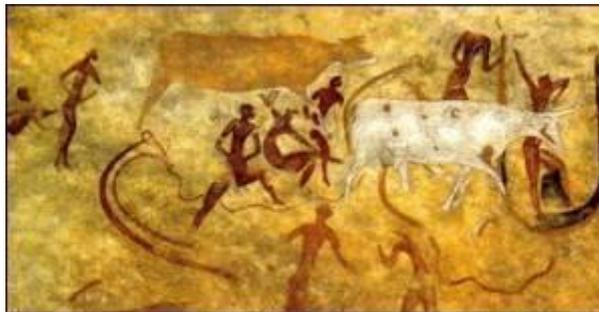
DANÇA:



Fonte: Portal Geledes

Na dança africana, cada parte do corpo movimenta-se com um ritmo diferente. Os pés seguem a base musical, acompanhados pelos braços que equilibram o balanço dos pés. O corpo pode ser comparado a uma orquestra que, tocando vários instrumentos, harmoniza-os numa única sinfonia. Outra característica fundamental é o polícentrismo que indica a existência no corpo e na música de vários centros energéticos, assim como acontece no cosmo. A dança africana é um texto formado por várias camadas de sentidos. Esta dimensionalidade é entendida como a possibilidade de exprimir através e para todos os sentidos. No momento que a sacerdotisa dança para Oxum, ela está criando a água doce não só através do movimento, mas através de todo o aparelho sensorial. A memória é o aspecto ontológico da estética africana. É a memória da tradição, da ancestralidade e do antigo equilíbrio da natureza, da época na qual não existiam diferenças, nem separação entre o mundo dos seres humanos e os dos deuses.

PINTURA:



Fonte: Portal Geledes

A pintura parece ser atividade bastante apreciada por essas tribos, realizadas em superfícies como pedras. O melhor exemplo desse tipo de prática pode ser dado pelas pedras decoradas do Saara, pintadas durante interrompidos períodos de tempo. Essas pinturas eram realizadas por nômades pastores que por ali passavam e, muito provavelmente, faziam parte de seus ritos de iniciação para a vida adulta, tema frequente da arte primitiva.

ESCULTURA E ARQUITETURA:



Fonte: Portal Geledes

Entretanto, têm sido de povos agricultores os mais conhecidos exemplos da arte africana, como esculturas, a princípio colecionadas por arqueólogos e etnografistas do Século 19. A arquitetura também pôde desenvolver-se nessas áreas. Entre os povos migratórios, a escultura só pode ser realizada em pequena escala. Os Ife, cuja cultura floresceu entre o ano 1000 e 1500 da Era Cristã, na região da Nigéria, eram conhecidos pelo seu estilo de esculturas em bronze mais naturalistas (principalmente nas representações da cabeça, uma vez que o restante do corpo não possuía aproximação com as proporções reais). É bastante variado os tipos de trabalhos encontrados desse povo, sobretudo pela enorme quantidade de artistas que os realizavam.



Fonte: Portal Geledes

MÚSICA:

A música popular da África, como a música tradicional africana, é vasta e variada. A maioria dos gêneros contemporâneos de música popular africana baseada na polinização cruzada com a música popular ocidental. Muitos gêneros da música popular como blues, jazz, salsa e rumba derivam em diversos graus dos musicais tradicionais da África, levadas para as Américas por escravos africanos. Embora não haja distintamente música pan-africana, não são comuns formas de expressões musicais, especialmente no interior das regiões.

No dia 28 de outubro de 1846, o Presidente da República Joaquim Suárez, aboliu a escravidão no Uruguai num processo que começou em 1825. Com a abolição da escravatura, os rituais de dança e africanas foram descritas em alguns documentos em Montevideo e no campo, que ficaram conhecidos como Tangós.

O tango se desenvolveu simultaneamente em Montevideo e em Buenos Aires. Tradicionalmente considera-se uma criação de imigrantes italianos e espanhóis, os conhecedores opinam que a dança e a música africana influenciaram profundamente a música e os movimentos da dança que se associam com o tango.

Chegada ao Brasil: A arte africana chegou ao Brasil através dos escravos, que foram trazidos para cá pelos portugueses durante os períodos colonial e imperial. Em muitos casos, os elementos artísticos africanos fundiram-se com os indígenas e portugueses, para gerar novos componentes artísticos de uma magnífica arte afro-brasileira.

(Fonte: Plano de aula A ARTE AFRICANA E SUAS INFLUÊNCIAS. Disponível em <https://www.geledes.org.br> < acesso 30 set. 2018 >)

TEXTO-BASE 02

Mitologia Africana

LENDAS DOS ORIXÁS

As lendas são fatos míticos contados sobre homens ou deuses. Todos os povos, em todas as épocas do mundo sentiram a necessidade de que seus deuses ou heróis fossem mais fortes, mais poderosos, mais felizes e mais próximos do povo, do que os dos povos vizinhos ou mesmo dos inimigos. Com os Orixás não foi diferente. Histórias lindas e maravilhosas definem os fundamentos e a vida humanizada dos Orixás. O Orixá é considerado um antepassado espiritual.

Iemanjá

É considerada a mãe dos orixás, é um dos orixás mais festejados no Brasil. Yemanjá veste branco e azul ou verde claro e as contas de seus filhos são de vidro verde claro transparente, ou azul claro. Seu dia é sábado. Sua saudação é Odô Iá! Yemanjá estava perdida

em seus pensamentos quando dela se aproxima seu filho Exu que lhe diz:

- Mãe por todos os caminhos que percorri pelo mundo tive todas as belezas que quis, mas nenhuma delas era tão bela como você!
- O que diz meu filho, não estou compreendendo!
- Estou lhe dizendo que és a mulher mais linda que já vi e voltei para possuí-la.

E dizendo isso atirou-se sobre Yemanjá, tentando violentá-la. Yemanjá não podia permitir que aquilo acontecesse e resistiu bravamente, lutou tanto que pela violência da luta, seus seios foram dilacerados. Enlouquecido e arrependido Exu "caiu no mundo", sumindo na linha do horizonte.

Diz-se que dos seios dilacerados de Yemanjá, saíam lágrimas profundamente tristes e tantas que se tornaram toda a água salgada do mundo, de onde se originaram todos os mares e oceanos.

Omolu/Obaluaê

De origem Jeje, é o deus da varíola, da peste, das doenças da pele e hoje em dia da Aids. Omolu e Obaluaê, são as manifestações velho e jovem de um mesmo Orixá, chamado Xapanã. Suas cores são o vermelho, o amarelo e o preto, que veste sob capuz de palha-da-costa enfeitado com búzios. Seus colares são também de búzios e contas de louça branca intercaladas com pretas ou, então, brancas intercaladas com pretas e vermelhas. Dança portando um instrumento denominado Xaxará, espécie de cetro. Homenageado às segundas feiras. Sua saudação é Atotô!

Lenda: Houve uma festa e todos os Orixás estavam presentes. Menos Omolu que ficara do lado de fora. Ogum pergunta por que o irmão não vem e Nanã responde que é por vergonha de suas feridas causadas pelas doenças. Ogum resolve ajudá-lo e o leva até a floresta onde tece para ele uma roupa de palha que lhe cobre o corpo todo. O filá! Mas a ajuda não dá muito certo, pois muitos viram o que Ogum fizera e continuavam a ter nojo de dançar com o jovem Orixá, menos Iansã, ativa e corajosa, dança com ele e com eles o vento de Iansã que levanta a palha e para espanto de todos, revela um homem lindo, sem defeito algum. Todos os Orixás presentes, ficam estupefatos com aquela beleza, principalmente Oxum, que se enche de inveja, mas agora é tarde, Omolu, não quer mais dançar com ninguém. Em recompensa pelo gesto de Iansã, Omolu dá a ela o poder de também reinar sobre os mortos. Mas daquele dia em diante, Omolu declarou que somente dançaria sozinho!

Ogum

É o deus do ferro, da guerra e da tecnologia. Patrono dos ferreiros, engenheiros e militares. Seu dia é terça feira, veste azul escuro ou verde e vermelho. Seus filhos usam contas de louça azul escuro ou verde com riscos azuis. Dança com espada e enrola-se em mariô (folha nova do dendezeiro desfiada), é saudado com o grito Ogunhê!

Lenda: Ogum, Oxossi e Exu eram irmãos e filhos de Yemanjá. Ogum era calmo, tranquilo, pacato e caçador, ele é que provia a casa de alimentos, pois Exu gostava de sair no mundo e Oxóssi era contemplativo e descansado. Num belo dia, Ogum voltando de uma caçada, vê sua casa cercada por guerreiros de outras terras. Vendo sua casa em chamas e seus parentes gritando por socorro, tomou-se de uma ira incontrolável e sozinho derrotou todos os agressores, não deixando um só vivo. Daí em diante, Ogum iniciou seu irmão Oxóssi na caça e disse a sua mãe:

- Mãe, preciso ir, tenho de lutar, tenho de vencer, tenho de conquistar. Mas se em qualquer

momento, qualquer um de vocês, estiver em perigo, pense em mim, que voltarei de qualquer lugar para defendê-los.

Assim partiu e tornou-se o maior guerreiro do mundo, vencia a todos os exércitos sem mesmo ter um exército, tornou-se assim a verdadeira força da vitória.

Oxalá

É o orixá da criação e faz parte dos orixás denominados funfun, isto é, brancos, ou que se vestem de branco. Oxalá é o deus criador do homem e da cultura material. No Brasil tem o status de pai dos orixás e senhor supremo. Seu dia é sexta-feira, quando se costuma usar roupa branca para homenageá-lo. Suas contas são igualmente brancas, de louça, mas os filhos da qualidade Oxaguiã usam umas poucas contas azuis a cada sequência de contas brancas. É saudado com o brado: Êpa Babá!

Lenda: Oxalá, estava morrendo de saudades de um de seus filhos, Xangô, que morava em terras longínquas. Antes, porém de viajar, consultou Ifá, o Deus da Adivinhação, que desaconselhou a viagem. Mas ante a teimosia de Oxalá, determinou-lhe que durante a viagem, além de levar três mudas de roupas brancas, sabão e Ori, concordasse com tudo que as pessoas lhe pedissem sem jamais irritar-se. Durante o caminho Oxalá encontrou com um Exu, o senhor do Azeite-de-dendê, que o saudou efusivamente e pediu um abraço. Oxalá cumprindo as determinações de Ifá, abraçou-o, e Exu que carregava um barril do azeite sobre as costas, ao abraçá-lo derramou todo o azeite por cima dele e foi-se rindo, satisfeito de sua brincadeira. Oxalá, lembrando-se das determinações de Ifá, resignadamente, lavou-se com o sabão, passou Ori no corpo despachou a roupa suja e seguiu viagem. Mais adiante encontrou outro Exu, agora o dono do carvão, que também o saudou como o anterior e fez exatamente a mesma brincadeira, sujando-o de pó carvão retirando-se rindo também. Mas uma vez, Oxalá, se limpa, despacha a roupa suja, troca de roupa e segue a viagem, sem se aborrecer como Ifá determinara. Ao chegar ao reino de Xangô, viu um lindo cavalo branco, reconhecendo-o como um que em outras épocas havia dado de presente ao seu filho.

O cavalo também reconhecendo-o seguiu mansamente com ele. Nisso chegam os criados de Xangô, e ao verem Oxalá, sem o reconhecerem, e vendo-o levando o cavalo, tomam-no por um ladrão, agridem-no e jogam-no numa masmorra. Lá ficou durante sete anos. Durante esse tempo, o reino de Xangô sofreu muitas desgraças, a colheita era ruim, o gado foi dizimado pela seca, as mulheres ficaram estéreis e as pessoas morriam de fome. Xangô, sem saber o que estava acontecendo, mandou chamar os mais afamados adivinhos, chegando a consultar o maior de todos os oráculos, Ifá! Este revelou-lhe que o acontecido era em virtude de ter em suas masmorras um inocente. Xangô manda vasculhar todas suas prisões, até chegar a Oxalá. Levado o prisioneiro a frente do grande rei, este reconhece seu pai e imediatamente manda buscar água para lavá-lo. Todos se purificaram e vestiram-se de branco em seu respeito. Como Oxalá, mal podia andar, alquebrado pelos maus tratos e tempo em que ficou preso, Xangô deu-lhe Ayrá, que o carregou nas próprias costas, até o palácio de Oxaguiã, seu outro filho, onde morava anteriormente.

Xangô

Orixá do trovão e da justiça, protetor dos juizes, advogados, burocratas. Usa roupa branca e vermelha, e coroa na cabeça, pois é rei. Seu fio de contas se faz com essas cores. Dança com um machado duplo na mão (Oxé) e é dono de um instrumento musical usado só para ele: o Xerê, chocalho de latão. A Quarta-feira é seu dia e sua saudação é Kawó-Kabyesilé!

Lenda: certa vez, viu-se Xangô acompanhado de seus exércitos frente a frente com um inimigo que tinha ordens de seus superiores de não fazer prisioneiros, as ordens era aniquilar o exército de Xangô, e assim foi feito, aqueles que caíam prisioneiros eram barbaramente aniquilados, destroçados, mutilados e seus pedaços jogados ao pé da montanha onde Xangô estava. Isso provocou a ira de Xangô que num movimento rápido, bate com o seu machado na pedra provocando faíscas que mais pareciam raios. E quanto mais batia mais os raios ganhavam forças e mais inimigos com eles abatia. Tantos foram os raios que todos os inimigos foram vencidos. Pela força do seu machado, mais uma vez Xangô saíra vencedor. Aos prisioneiros, os ministros de Xangô pediam o mesmo tratamento dado aos seus guerreiros, mutilação, atrocidades, destruição total. Com isso não concordou com Xangô.

- Não! O meu ódio não pode ultrapassar os limites da justiça, eram guerreiros cumprindo ordens, seus líderes é quem devem pagar!

E levantando novamente seu machado em direção ao céu, gerou uma série de raios, dirigindo-os todos, contra os líderes, destruindo-os completamente e em seguida libertou a todos os prisioneiros que fascinados pela maneira de agir de Xangô, passaram a segui-lo e fazer parte de seus exércitos.

Oxum

É deusa das águas doces. É também a deusa do ouro, da fecundidade, do jogo de búzios e do amor. Veste amarelo, dourado, rosa e azul claro. Seu fio de contas é feito de contas de vidro amarelo claro ou escuro ou de louça amarelo claro, dependendo da qualidade. Dança com um espelho-leque na mão, o Abebê, e pode usar espada, quando é de qualidade guerreira. É a segunda (e a mais amada) esposa de Xangô.

Seu dia é sábado. Saudamo-la assim: Ora Ieiê Ô!

Lenda: Oxum queria saber o segredo do jogo de búzios que pertencia a Exu e este não queria lhe revelar. Ela então procura na floresta as feiticeiras, chamadas YAMI OXORONGÁ. As feiticeiras perguntam a Oxum o que faz ali e ela lhes pede como enganar a Exu e conseguir o segredo do jogo de búzios. As feiticeiras a muito querendo pregar uma peça a Exu, ensinaram toda a sorte de magias a Oxum, mas exigiram que ela lhes fizesse uma oferenda a cada feitiço realizado. Oxum concordou e foi procurar Exu.

Ao chegar perto do reino de Exu, este desconfiado perguntou-lhe o que queria por ali, que ela deveria embora e que ele não a ensinaria nada. Ela então o desafia a descobrir o que tem entre os dedos. Exu se abaixa para ver melhor e ela sopra sobre seus olhos um pó mágico que ao cair nos olhos de Exu o cega e arde muito. Exu gritava de dor e dizia; - Eu não enxergo nada, cadê meus búzios?

Oxum fingindo preocupação, respondia:

- Búzios? Quantos são eles?
- Dezesseis, respondeu Exu, esfregando os olhos.
- Ah! Achei um, é grande!
- É Okanran, me dê ele.
- Achei outro, é menorzinho!
- É Eta-Ogundá, passa pra cá...

E assim foi até que ela soube todos os segredos do jogo de búzios, Ifá o Orixá da adivinhação, pela coragem e inteligência da Oxum, resolveu-lhe dar também o poder do jogo e dividi-lo com Exu.

Nanã

Dona da lama do fundo dos rios, a lama que moldou todos os homens. Mãe de Oxumarê e Omulu. É o Orixá feminino mais velho do panteão, pelo que é altamente respeitada. Veste-se de branco e azul. Suas contas são de louça branca com riscos azuis. Traz na mão o Ibiri, seu cetro. Protege os enfermos desenganados e é patrona dos professores. Seu dia é a segunda-feira, e sua saudação é Saluba! Nanã proprietária de um cajado. A avó dos ORIXÁS também chamada de Nanã Buruku. É um VODUM da lama, dos pântanos. Tem também relações com a morte. Em certos mitos é considerada a esposa de OXALÁ e ainda mãe de OMULÚ e OXUMARÉ, orixás procedentes da mesma região que ela (DAOMÉ). Dizem os mitos que antes de criar o homem do barro, Oxalá tentou criá-lo de ar, de fogo, de água, pedra e madeira, mas em todos os casos havia dificuldades. O homem de ar esvanecia; não adquiria forma. O de fogo, consumia-se, o de pedra era inflexível e assim por diante. Foi então que Nanã se ofereceu a Oxalá, para que com ela criasse os homens, impondo, contudo, a condição de que quando estes morressem fossem devolvidos a ela. Sendo o barro, Nana está sempre no princípio de tudo, relacionada ao aspecto da formação das questões humanas, de um indivíduo e sua essência. Ela é relacionada também, frequentemente, aos abismos, tomando então o caráter do inconsciente, dos atavismos humanos. Nanã tanto pode trazer riquezas como miséria. Está relacionada, ainda, ao uso das cerâmicas, momento em que o homem começa a desenvolver cultura. Seja como for, Nanã é o princípio do ser humano físico. E assim é considerada a mais velha das iabás (orixás femininos).

Dizem os mitos que nunca foi bonita. Sempre ranzinza, instável, sua aparência afastava os homens, que dela tinham medo. Nanã, teve dois filhos com Oxalá: Obaluaiê e Oxumarê (a terra e o arco-íris) e uma filha, Ewá, que teria nascido de uma relação entre Nanã e Oxóssi, ou ainda, entre Nanã e Orunmilá, conforme o mito. Conforme os mitos de Obaluaiê e Oxumarê, ela os gerou defeituosos, por ter quebrado uma interdição e mantido relações sexuais com Oxalá, marido de Iemanjá. Abandonou a ambos, que foram criados por outros orixás, e acabou sozinha quando Ewá, para fugir de um casamento que sua mãe lhe impingia, fugiu de casa para morar no horizonte entre o céu e o mar. Alguns mitos dizem que ela é também a mãe de Iansã, os ventos, e que foi expulsa de casa para não matar sua mãe, a lama, ressecando-a.

Nanã sempre esteve em demanda com Ogum, que amava muito sua mãe Iemanjá, tomando partido desta na disputa que se estabeleceu entre elas pelo amor de Oxalá. Ogum muitas vezes tentou se apoderar dos territórios lamacentos de Nanã sem, no entanto, conseguir. Como diversão, Ogum gostava de provocar a orixá, que exigia de Oxalá que este fosse castigado, sem nunca ter conseguido, pois Ogum tinha fama de justo. Tantas vezes Ogum irritou Nanã que ela não recebe nenhuma oferenda feita ou cortada com objetos de metal e mesmo o sacrifício de animais feito em sua homenagem deve ser feito com faca de madeira ou coberta por um pano.

Lenda: Nanã era rainha de um povo e tinha poder sobre os mortos. Para roubar esse poder, Oxalá casou com ela, mas não ligava para a mulher. Então, Nanã fez um feitiço para ter um filho. Tudo aconteceu como ela queria mas, por causa do feitiço, o filho (Omulu) nasceu todo deformado; horrorizada, Nanã jogou-o no mar para que morresse. Como castigo pela crueldade, quando Nanã engravidou de novo, Orunmilá disse que o filho seria lindo mas se afastaria dela para correr mundo. E nasceu Oxumaré, que durante 6 meses vive no céu como o arco-íris, e nos outros 6 é uma cobra que se arrasta no chão.

Na aldeia chefiada por Nanã, quando alguém cometia um crime, era amarrado a uma árvore e então Nanã chamava os Éguns para assustá-lo. Ambicionando esse poder, Oxalá foi

visitar Nanã e deu-lhe uma poção que fez com que ela se apaixonasse por ele. Nanã dividiu o reino com ele, mas proibiu sua entrada no Jardim dos Éguns. Mas Oxalá espionou-a e aprendeu o ritual de invocação dos mortos. Depois, disfarçando-se de mulher com as roupas de Nanã, foi ao jardim e ordenou aos Éguns que obedecessem "ao homem que vivia com ela" (ele mesmo).

Quando Nanã descobriu o golpe, quis reagir, mas como estava apaixonada, acabou aceitando deixar o poder com o marido.

Certa vez, os Orixás se reuniram e começaram a discutir qual deles seria o mais importante. A maioria apontava Ogum, considerando que ele é o Orixá do ferro, que deu à humanidade o conhecimento sobre o preparo e uso das armas de guerra, dos instrumentos para agricultura, caça e pesca, e das facas para uso doméstico e ritual. Somente Nanã discordou e, para provar que Ogum não é tão importante assim, torceu com as próprias mãos os animais destinados ao sacrifício em seu ritual. É por isso que os sacrifícios para Nanã não podem ser feitos com instrumentos de metal.

(Texto de Jorcemar Albuquerque. Disponível em: <http://jorcemar.blogspot.com/2012/09/mitologia-africana.html> <acesso 20 nov. 2018>)

TEXTO-BASE 03

Bonsucesso dos pretos (lenda afro-brasileira)

No interior do Maranhão, tem uma vila que se chama Bonsucesso. Ninguém, porém, a chama assim. Todos dizem Bonsucesso dos Pretos. Por quê? Vou contar.

Há longo tempo, debaixo da escravidão, uma moleca desagradou ao senhor. Não sei o nome dela. Vamos chamá-la de Felipa, um nome que se usava muito antigamente.

Gozado essa coisa de nome.... No tempo do Onça, por aqui ninguém se chamava Simone, Mônica, Kareem ou Roberta. Era Felipa, Analeta, Jacinta, Jovina...

Aborrecido, o senhor usou seu triste direito de castigar. Mandou levarem Felipa à floresta. Fosse amarrada num pé de pau, até morrer de fome e sede. Isso se as onças e cobras não fizessem o serviço primeiro.

A mãe da escravinha se ajoelhou aos pés do dono:

— Perdoe, perdoe... — gemia. — Eu prometo ser sua escrava para o resto da minha vida.

— Escrava você já é — respondeu ele. — Não prometa o que não pode cumprir. Levante daí.

A própria esposa dele se meteu:

— Perdoa dessa vez. Dá outro castigo. No mato, ela morre.

— É pra morrer. Você é mulher, mas pode entender uma coisa: estamos cercados de escravos.

Se não formos duros, eles não nos respeitam. Se não nos respeitam, estamos fritos. De brancos aqui só temos eu, você e o padre. Já pensou? É negro para todo lado.

Pois o padre também pediu:

— Faça como Nosso Senhor. Perdoe.

O dono fitou a batina com desprezo:

— Nosso Senhor não viveu aqui, no meio dessa gente. Cuide das suas orações, que é melhor.

O feitor passou a corda nos pulsos de Felipa. E saiu com ela. Andou, andou, até achar uma clareira:

— Aqui está bom. Já verás, negra do diabo.

Passada uma semana, o dono chamou o feitor:

— Vá ver a negrinha. Confirme se já morreu.

O malvado viu os urubus e pensou: “O serviço acabou”.

Qual! Felipa continuava amarradinha. Mas inteira. Ao seu lado, uma gamela de frutas e outra de água.

— Quem te deu isso? — foi gritando.

— Minha madrinha.

— E tu lá tem madrinha? — e chutou de novo.

— Vá lá ver.

Outra vez, o feitor achou as gamelas. Dessa vez com favos de mel. Chutou tudo, como da primeira vez. Rogou uma praga:

— Que este moleque que te protege o carregue o demo!

— Não foi moleque — respondeu Felipa. — Foi minha madrinha.

O dono deixou passar um mês:

— Vá buscar o esqueleto.

Felipa estava melhor do que antes. Gordinha. O dono não acreditou:

— Você não está me mentindo? Traga a sujeita aqui, ou vai você pro tronco.

Quando o feitor chegou, Felipa já estava solta.

Achou estranho. Bateu o mato. Se houvesse alguém, ele achava. Nada. Botou Felipa na frente e veio pra fazenda. Imaginem a surpresa do povo quando cruzaram o terreiro. Na presença do amo, Felipa não baixou os olhos.

— Se você tem parte com o capeta, vá dizendo — ordenou ele. — Quem te deu comida e água?

— Minha madrinha.

— Faz de conta que eu acredito. Quem é tua madrinha?

— O senhor mande ver.

— Vamos fazer o seguinte. O feitor volta lá contigo. Se encontrar essa tua madrinha, você está livre. Se não...

O feitor afiou o facão, e lá foram. No lugar em que Felipa ficou amarrada, estava agora uma Nossassenhorazinha de dois palmos de altura.

Desconfiado, o feitor enganchou a imagem nas costas e lá veio.

— Como prometi – falou o senhor –, você está livre.

Puseram a santinha numa capela com altar de madeira lavrada. No outro dia, quando foram ver, cadê ela? O senhor apertou Felipa.

— Mande ver no pé de pau onde o senhor me prendeu.

Trouxeram a imagem de volta. No outro dia, ela voltou pro mato. E assim diversas vezes. Na décima vez, o senhor trancou a imagem num cofre de ferro que comprou em São Luís. Era do Reino, que pra ele o ferro da terra não valia nada.

A violência atraiu desgraças. Uma cobra mordeu o feitor e ele bateu as botas. Deu praga no algodão e se perdeu tudo. A senhora teve erisipela e ficou com perna de elefante. Cosme, o quilombola, passou por perto da fazenda, e vinte escravos fugiram pra se encontrar com ele. (Bom, esta última coisa foi desgraça somente pro senhor. Pros que fugiram, foi felicidade.)

O padre, que estava ali pra impedir desgraças, deu um conselho: botasse a imagem num prato, largasse no rio. Onde ela parasse, é que ela queria ficar. A senhora obrigou o marido a fazer promessas: se ficasse boa, libertava dez escravos. Pelo rio abaixo, a Nossassenhorazinha parou onde é hoje Bonsucesso dos Pretos, porque ali vivem, até hoje, os descendentes do povo de Felipa.

Oficina Pedagógica 7 RELIGIOSIDADE AFRICANA

TEXTO-BASE 01

Religiões de matriz africana no Brasil

UMA ORIGEM, VÁRIAS VERTENTES

Conheça as três principais religiões de matriz africana no Brasil



Religião dos orixás
Professada especialmente na Nigéria, é considerada a religião original da qual derivaram o candomblé e a umbanda. Foi trazida ao Brasil pelos lorubás (etnia africana) no século XIX. Cultua os orixás (deuses) sem sincretismo. Não reconhece o conceito de mal ou de diabo

Candomblé
Também cultua os orixás (deuses), mas com algumas referências ao catolicismo, traçando paralelos entre as divindades africanas e os santos católicos. Assim como sua religião originária, faz uso do oráculo do jogo de búzios e também não reconhece distinção entre o bem e o mal

Umbanda
Criada no Brasil no início do século XX, une elementos do candomblé com preceitos do espiritismo kardecista e alguns traços da cultura indígena. Cultua orixás e santos católicos. Em seus ritos, invoca a manifestação de espíritos, como caboclos e pretos velhos. Faz distinção entre o bem e o mal

Foto: João Castellano Ag. Istock

(Fonte: <https://www.google.com/search?q=religião+africana+para+crianças&sa> <acesso 24 out. 2018>)

TEXTO-BASE 02

As principais religiões afro-brasileiras

O CANDOMBLÉ

Religião afro-brasileira que cultua os orixás, deuses das nações africanas de língua Yorubá dotados de sentimentos humanos como ciúme e vaidade, e que tem suas origens no Bantu, Nagô e Yorubá.

O candomblé chegou ao Brasil entre os séculos XVI e XIX com o tráfico de escravos negros da África Ocidental. Sofreu grande repressão dos colonizadores portugueses, que o consideravam feitiçaria.

É a religião que mais conservou as fontes do panteão africano, servindo como base para o assentamento das divindades que regeriam os aspectos religiosos da Umbanda. É conhecido e praticado, não só no Brasil, como também em outras partes da América Latina onde ocorreu a escravidão negra - a Santería -- similar cubana, por exemplo, é muito famosa.

Em seu culto, para cada Orixá há um toque, um tipo de canto, um ritmo, uma dança, um modo de oferenda, uma forma de incorporação, um local próprio e uma saudação diferente. A autoridade suprema no Candomblé, o mestre, guia e chefe de um terreiro, encarregado de dirigir o culto aos orixás, é chamado Babalorixá, pai-desanto, babá ou babalaô.

A palavra candomblé é sinônimo de religião africana. Sempre foi e é usada ainda neste sentido. O Candomblé propriamente dito, é uma dança religiosa, de origem africana, na qual os iniciados reverenciam ou rezam para seus Orixás. A dança é, portanto, uma invocação. É praticada principalmente por pessoas do sexo feminino, chamadas "sambas". Homens também podem participar da dança, mas o bailado das "sambas" tem maior efeito invocador.

As reuniões são realizadas em barracões rústicos e erguidos de acordo com certos preceitos: o feitiço do barracão é retangular, com telhado coberto de palmas e ao seu redor são construídas casinholas para assentos dos santos.

Os deuses do Candomblé têm origem nos ancestrais africanos divinizados há mais de 5000 anos. Muitos acreditam que esses deuses eram capazes de manipular as forças naturais, por isso, cada orixá tem sua personalidade relacionada a um elemento da natureza.

As cerimônias são realizadas com cânticos, em geral, em língua nagô ou yorubá. Os cânticos em português são em menor número e refletem o linguajar do povo. Há sacrifícios de animais (galo, bode, pomba) ao som de cânticos e danças. A percussão dos atabaques constitui a base da música. O despacho exige azeite de dendê, farofa, cachaça e outras oferendas, variando conforme a necessidade.

Os filhos de santo são os sacerdotes dos orixás e nem todos são preparados para receber os santos. Existem os que sacrificam animais, os que cuidam dos guias quando os espíritos baixam e ainda os que tocam o atabaque e os que preparam a comida a ser oferecida. A síntese de todo o processo seria a busca de um equilíbrio energético entre os homens e a energia dos seres que habitam o orum, o suprarreal (que tanto poderia localizar-se no céu - como na tradição cristã - como no interior da Terra, ou ainda numa dimensão estranha a essas duas).

No Brasil, existem diferentes tipos de Candomblé, o Queto, na Bahia, o Xangô, em Pernambuco, o Batuque, no Rio Grande do Sul e o Angola, em São Paulo e Rio de Janeiro. Eles se diferenciam pela maneira de tocar os atabaques, pela língua do culto, e pelo nome dos orixás. A zona de maior propagação dessa religião encontra-se nos arredores de Salvador, Bahia.

O mais antigo terreiro de Candomblé da Bahia nasceu há 450 anos. É conhecido como Engenho Velho ou Casa Branca, e fica na avenida Vasco da Gama, em Salvador. Por volta de 1830 três mulheres negras conseguiram fundar o primeiro templo de sua religião na Bahia, conhecida como Ylê Yá Nassó, casa da mãe Nassó. (Nassó seria o título de princesa de uma cidade natal da costa da África). Seria o primeiro terreiro resistindo às opressões católicas. Da casa da mãe Nassó se originam outros que sobrevivem até hoje, e que fazem parte do grande CANDOMBLÉ DA BAHIA: o Gantóis, cuja ilustre dirigente foi mãe menininha do gantóis (falecida em 1986), e o Axé Opô Afonjá, em São

Gonçalo do Retiro, que, por sua vez, deram origem a muitas outras, em cada canto de Salvador, das principais cidades do interior e de outros estados brasileiros.

A UMBANDA

Religião afro-brasileira que mistura crenças e rituais africanos com europeus. As raízes umbandistas encontram-se em duas religiões trazidas da África pelos escravos: a cabula, dos bantos, e o candomblé, da nação nagô. Cavalcante Bandeira reporta-se aos mestres do idioma africano, citando o vocábulo umbanda como: “Arte de curar”, “Magia”, “Faculdade de curar por meio da medicina natural ou sobrenatural”; ou ainda “Os sortilégios que, segundo se presume, estabelecem e determinam a ligação entre os espíritos e o mundo físico”. O vocábulo “Umbanda” só pode ser identificado dentro das qualificadas línguas mortas. Assim, a palavra “UMBANDA” é oriunda do Sânscrito, que se pode traduzir por “DEUS AO NOSSO LADO” ou “AO LADO DE DEUS”.

Uma das religiões afro-brasileiras mais praticadas no Brasil, com maior propagação na Bahia e no Rio de Janeiro, a Umbanda brasileira começou a ser formada por volta de 1530, com a mistura de concepções religiosas trazidas pelos negros da África, na época da escravidão.

Todavia, o primeiro terreiro foi fundado somente em 15 de novembro de 1908, através de Zélio Fernandino de Moraes. Na época com 17 anos, Zélio, que fazia parte de uma família tradicional de Niterói, RJ, incorporava o chamado “Caboclo das Sete Encruzilhadas” e foi o responsável pela formação de sete tendas que acabaram difundindo a Umbanda. Todas as tendas funcionavam sob o lema: “manifestação do espírito para a caridade” e usavam rituais simples com cânticos baixos e harmoniosos.

Um mantra ou ponto cantado, é uma série de sílabas que invocam a energia dos Orixás ou de Entidades espirituais durante as sessões através da energia mental. A relação entre a fala, a respiração e o mantra podem ser mais bem demonstrados através do método pelo qual o mantra funciona.

Além do sincretismo clássico entre a herança religiosa africana e o Catolicismo, a Umbanda absorveu elementos do Espiritismo kardecista, de modo que, no decorrer dos rituais, o fiel se comunica com espíritos desencarnados. O sincretismo entre orixás e santos católicos é muito forte. Vejamos as principais correspondências:

Euá - Nossa Senhora das Neves.

Iansã - Santa Bárbara.

Ibejis - Cosme e Damião.

Iemanjá - Virgem Maria, principalmente Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Navegantes.

Logum - São Miguel Arcanjo e Santo Expedito.

Nanã - Santa Ana, mãe de Maria.

Obá - Santa Catarina, Santa Joana D’Arc e Santa Marta.

Obaluaiê - São Lázaro e São Roque.

Ogum - Santo Antonio e São Jorge.

Oxalá - Jesus.

Oxóssi - São Jorge e São Sebastião.

Oxum - Nossa Senhora das Candeias e Nossa Senhora Aparecida.

Oxumaré - São Bartolomeu.

Xangô - São Francisco de Assis, São Jerônimo, São João Batista e São Pedro.

Oficina Pedagógica 8

CAPOEIRA: símbolo da resistência negra

TEXTO-BASE 01

História da Capoeira

A história da capoeira nos remete ao período da escravidão.

A história da capoeira está diretamente ligada ao período da escravidão no Brasil, no qual africanos eram escravizados e trazidos de seu continente para trabalhar sob condições humilhantes nas lavouras de cana-de-açúcar do nordeste brasileiro. Inicialmente, a capoeira pode ser definida como uma arte marcial que os escravos desenvolveram como forma de luta contra a opressão e os castigos aplicados pelos senhores de engenho.

Tal luta consistia principalmente no uso de pés e cabeça para a aplicação dos golpes. Como os europeus usavam somente os braços, tinham uma clara desvantagem em um eventual confronto direto com um capoeirista, fato que levou os senhores de engenho a proibir a prática da arte marcial entre os escravos.

Contudo, estes encontraram uma solução para tal proibição ao incorporar sua música com a capoeira, de forma que tudo parecesse uma espécie de dança típica aos olhos dos brancos. Os feitores viam aquilo e pensavam que os negros estavam apenas brincando; às vezes até achavam bonitas todas aquelas coreografias. Foi assim que, disfarçadamente, a capoeira sobreviveu a anos de proibição.

No Código Penal de 1890, por exemplo, a prática da arte marcial era punida com rigidez: prisão, trabalhos forçados e até deportação do acusado. A liberação da capoeira só se tornou realidade em 1934, durante o governo de Getúlio Vargas, quando uma apresentação do famoso mestre Bimba encantou o presidente e o fez, inclusive, a considerar a capoeira como um promissor esporte nacional.

(Fonte: Texto extraído de: <http://www.historiadetudo.com/historia-da-capoeira> <acesso 15 dez. 2018>)

TEXTO-BASE 02

A origem da Capoeira

Adorno Camille

A existência da Capoeira resulta da longa luta por reconhecimento cultural travada ao longo dos quatro séculos de cativeiro. E o termo capoeira, nome dos guerreiros das capoeiras e de sua estranha forma de luta, que tornava homens desarmados capazes de enfrentar e vencer vários adversários, corporifica ainda hoje nos jovens praticantes do século XXI. Assim é que a luta dos africanos e seus descendentes afro-brasileiros subsiste no jogo da Capoeira.

A respeito das origens remotas da Capoeira é interessante transcrever Albano de Neves e Souza, que escreveu de Luanda, Angola, a Luís da Câmara Cascudo, afirmando: "Entre os Mucope do sul de Angola, há uma dança da zebra N'Golo, que ocorre durante a Efundula, festa da puberdade das raparigas, quando essas deixam de ser muficuemmas, meninas, e passam à condição de mulheres, aptas ao casamento e à procriação. O rapaz vencedor do N'Golo tem o direito de escolher esposa entre as novas iniciadas e sem pagar o dote esponsalício. O N'Golo é a Capoeira".

Em seguida, Albano de Neves e Souza passa a expor sua teoria a respeito da evolução do N'Golo no Brasil: "Os escravos das tribos do sul que foram através do entreposto de Benguela levaram a tradição de luta de pés. Com o tempo, o que era em princípio uma tradição tribal foi-se transformando numa arma de ataque e defesa que os ajudou a subsistir e a impor-se num meio hostil".

Neves de Souza acrescenta algumas informações e conclui pela origem africana da Capoeira: "Os piores bandidos de Benguela em geral são muxilengues, que na cidade usam os passos do N'Golo como arma. (...) Outra das razões que me levam a atribuir a origem da Capoeira ao N'Golo é que no Brasil é costume os malandros tocarem um instrumento aí chamado de Berimbau e que nós chamamos hungu ou m'bolumbumba, conforme os lugares, e que é tipicamente pastoril, instrumento esse que segue os povos pastoris até a Swazilândia, na costa oriental da África".

Estes relatos ilustram hipóteses quanto às origens da Capoeira. Note-se que essas danças são conhecidas no Brasil apenas através da literatura sobre o assunto. A história da Capoeira aguarda pesquisa minuciosa em terras africanas com o objetivo de constatar nessas danças os possíveis elementos formadores da Capoeira.

Danças com características de luta já foram identificadas em Cuba, Martinica, na Venezuela e em outras localidades das Américas, mas discute-se se teriam origens comuns à Capoeira. Concretamente, temos a luta dos negros, elaborada a partir de gestos e movimentos próprios dos africanos, cuja fonte primária é a terra de onde vieram os guerreiros: a África. De lá veio o elemento matriz no processo que culminou no jogo da Capoeira - o negro! - e os movimentos corporais da capoeira atual são fragmentos atualizados da memória negra afro-brasileira. Recriando a cultura africana nessa terra, os negros não ficaram passivos diante de sua nova condição.

Desterrados e escravizados, combateram o poder escravista com uma rica produção cultural, conquistando espaços e recriando sua autonomia e identidade étnica em solo brasileiro. E acabou brasileira esse jogo-luta, como testemunhou Charles Ribeyrolles, um francês que aproveitou o tempo vivido em nossa terra - exilado por Napoleão III - para retratar os costumes da nação que se formava: "No sábado à noite, finda a última tarefa da semana, e nos dias santificados, que trazem folga e descanso, concedem-se aos escravos uma ou duas horas para a dança. Reúnem-se no terreiro, chamam-se, agrupam-se, incitam-se e a festa principia. Aqui é a capoeira, espécie de dança pírrica, de evoluções atrevidas e combativas, ao som do tambor do congo".

Oficina Pedagógica 9
IDENTIDADE ÉTNICA E AUTOIMAGEM NEGRA

TEXTO-BASE 01

Menino de Cor
(José Sérgio Costa)

Sou defensor de minha raça,
De minha cor, de minha cultura
De meu povo.
Se defendo meus ideais,
É por que cresci sendo chamado de menino de cor,
É por que não tenho mais medo
As ofensas, deixei pra trás
Junto com a recusa e o desrespeito por minha cor.

Se defendo minha cultura,
É por que, como menino de cor
Me tornei rapaz de cor
E hoje sou um homem de cor

É porque sigo de cabeça erguida cantando o ilê aiê.
Viva o negro trabalhador...
Que em seu canto sedutor
Ouve agora o meu cantar.

Se saio agora do anonimato
E sou reconhecido pelo meu nome
É por que conquistei o meu lugar
E enfim serei lembrado,
Mas sempre me orgulharei
De ter a minha cor.

TEXTO-BASE 02

A beleza negra será política até que seja vista como natural

"Andromeda, supostamente a mulher mais linda do mundo, era no entanto da Nubia e portanto negra." Minha memória desse "no entanto" em um livro de texto da mitologia grega me assombrou - por toda minha adolescência e pela idade adulta – devido a sua afirmação, tanto explícita quanto implícita, da contradição entre ser negra e ser bonita.

Por Chi Onwurah

Isso claramente não era apenas um preconceito de um autor; quando eu era jovem isso se refletiu na ausência de mulheres negras na indústria da beleza e da moda. As mulheres negras, aparentemente, não usavam maquiagem, spray capilar ou perfume. Ou pior, os comerciantes sabiam que comprávamos seus produtos, mas ficaram tão envergonhados que preferiram não anunciar para nós.

Muitas no movimento feminista se posicionaram com firmeza contra a objetificação das mulheres brancas, mas falharam gravemente em denunciar outra opressão: a das mulheres negras. Existem várias críticas válidas contra a indústria da moda: a pressão sobre as garotas, as imagens de corpos poucos saudáveis, a ilusão de realidade nas páginas de revista de maquiagem, o impacto das embalagens no meio ambiente- mas, apesar de tudo isso, essa indústria tem um papel importante na contribuição para a normalização da negritude.

É por isso que estou hospedando o lançamento da Premiação da Moda e Beleza Negra 2017 (Black Beauty and Fashion Awards) no parlamento. O evento propõe promover a igualdade e celebrar a diversidade da beleza, dando a voz aos consumidores de produtos direcionados para a beleza negra.

Conseguimos avançar desde a época em que eu era criança- hoje em dia existem modelos com tons de pele mais escuros, e quase todo anuncio tem um representante afro. Mas ainda existe um longo caminho a ser percorrido.

A norma continua branca, até para mim. Quando eu fui eleita pela primeira vez como membra do parlamento, em 2010, eu não senti que poderia comparecer à posse com meu cabelo em seu estado natural, isto é, cacheado. Eu pensei que ele poderia não ser visto como "profissional": minha visão do que era normal estava nos moldes brancos, assim como a beleza de Andromeda havia sido descrita por não estar nesse mesmo padrão. Foi só após a insistência de um colega (branco) no argumento de que eu parecia muito mais feliz em casa com meu cabelo "pra fora" do que no parlamento com ele todo preso e endireitado que eu tomei coragem de ir com ele natural à câmara.

Houveram obstáculos até para isso. Desde internautas tirando sarro até reações mais sutis dos salões de beleza tradicionais. Me disseram que nenhum dos muitos cabelereiros conseguiriam cortar meu cabelo, já que nunca haviam aprendido como cortá-lo nos cursos e treinamentos; era apenas no nível avançado, aparentemente, que os cabelereiros aprendiam a cortar o cabelo afro. Na semana passada, inclusive, quando estava tentando marcar hora no salão, fui informada que a secagem com o secador era obrigatória por motivos de "saúde e segurança".

O cabelo de mulheres negras ainda não é visto como normal, e sua cor muito menos. Modelos negras tem sua pele constantemente clareada para que fiquem mais "europeias". Recentemente, o aplicativo Faceapp, programado para deixar os rostos mais atraentes nas fotos, foi flagrado deixando estes automaticamente mais brancos.

O rebaixamento da negritude tem fortes consequências na forma como as pessoas negras lidam com seu senso de autoestima- isso pode ter relação direta com altos níveis de doenças mentais na comunidade negra. Reflete também na maneira como pessoas negras são descritas e ofendidas online. Nas mídias sociais os memes racistas costumam comparar mulheres e homens negros com

macacos.

E existem também as consequências globais. Nos países em desenvolvimento, marcas de cosméticos supostamente respeitáveis aumentam seus lucros promovendo produtos que deixam seus clientes mais brancos- Garnier SuperBrilho para Homens e o Limpo e Amável da Unilever para Mulheres são apenas alguns exemplos.

Empresas multinacionais estão faturando bilhões sustentando os estereótipos raciais. Enquanto isso, estima-se que no Reino Unido as mulheres negras e asiáticas gastam em média 137.52 libras a mais em produtos de beleza, devido à falta de escolha.

É apropriado, portanto, sediar o lançamento da Premiação de Moda e Beleza Negra 2017 no novo parlamento, que seguiu as eleições gerais. Certamente ainda há muito progresso a ser feito, mas atualmente a câmara baixa do parlamento está mais diversificada do que jamais esteve. De 51 negros e minorias étnicas, 25 são mulheres. Temos ao nosso alcance uma gama de representações e diversas variações da beleza negra, assim como o país que procuramos representar.

Contudo, a realidade ainda é que o parlamento não possui uma grande representatividade afro. Posso ver se meu cabelo dá um jeito nisso.

(Fonte: The Guardian . Tradução por Alessandra Monterastelli. Disponível em <http://www.vermelho.org.br/noticia/299247-8> <acesso 15 dez. 2018>)

Oficina Pedagógica 10

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS DO MEU QUILOMBO

TEXTO-BASE 01

Conversas na lata e a mágica do barbante

A brincadeira, genuína forma de expressão das crianças, foi a principal linguagem usada no curta-metragem “Disque Quilombola”. No documentário, a história é contada durante conversas entre crianças de duas comunidades distantes no telefone de lata.

Como foi que nasceu a ideia do telefone de lata?

A ideia das conversas na lata surgiu porque queríamos deixar as crianças falarem de si da forma mais espontânea possível. Assim, em uma brincadeira, onde não há o certo e o errado, e o que fosse dito estaria valendo para compor uma conversa, conseguiríamos apresentar quem de fato são essas crianças. Explicamos anteriormente que estaríamos conversando com crianças que elas nunca tinham visto e apresentamos aspectos básicos de ambas as realidades. A partir daí elas compuseram suas perguntas e assuntos que gostariam saber dessas outras crianças. Os mesmos assuntos levantados para as perguntas foram tema para elas nos mostrarem sobre si, ou seja, como surgiu perguntas de comidas, brincadeiras e músicas, elas nos apresentaram essas coisas delas.

Como foi fazer a composição das falas na construção do filme?

Depois de filmar as perguntas e as atividades de um dos locais, a equipe de filmagem se deslocou para o outro local. Ali apresentaram para esse novo grupo de crianças o que as primeiras haviam perguntado. Na brincadeira do telefone de lata elas tentavam responder as questões que lhe chegaram, ao mesmo tempo que também faziam as suas perguntas.

Assuntos diversos surgiam nessas conversas, que não tinham relação direta com perguntas e respostas, mas que tornavam a brincadeira de fato uma brincadeira. Esse vai e vem de perguntas e respostas aconteceram duas vezes em cada local. Na hora da edição transcrevemos todas essas falas e aí foi nossa vez de brincar. Brincamos com o que foi dito e o que foi respondido, mesmo que uma pergunta nada tinha a ver com a resposta dada. Fizemos uma colagem das perguntas e respostas tentando achar uma forma divertida e espontânea de haver uma verdadeira conversa entre eles.

Como foi fazer o roteiro desse filme?

Construímos um roteiro baseado nas pesquisas que fizemos sobre esses locais, porém, tínhamos muito claro conosco, baseado nas inúmeras experiências anteriores de fazer documentário sobre crianças, que é preciso ter uma abertura para escutar o que as crianças querem dizer, e isso vai muito além do planejado. Estar aberto para redirecionar o roteiro, foi desde o início uma perspectiva desse filme. A ideia do telefone de lata seria, inclusive, um pequeno trecho do filme. Porém, ela ganhou tamanha força entre as crianças que ao final das gravações, quando vimos as imagens, percebemos que tínhamos nas mãos o filme dado pelas próprias crianças.

TEXTO-BASE 02

Culturas lúdicas em áreas ribeirinhas

Mitos e costumes ancestrais se misturam nos jogos de crianças que fazem de florestas e matas palcos para o faz de conta

Por Adriana Fridmann

Pará, Amazonas, Acre, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Vale do Jequitinhonha, Goiás... Em que recanto do Brasil não encontramos crianças a brincar? Moradoras de comunidades mais isoladas – do ponto de vista de quem vive nos grandes centros urbanos –, elas detêm culturas lúdicas absolutamente ignoradas e desconhecidas pela grande maioria de nós.

A não ser por alguns comprometidos pesquisadores que atravessam florestas, trilhas, riachos e, embrenhando-se junto a essas comunidades para conhecer e reconhecer sua diversidade cultural e suas infâncias. E quanto elas têm nos ensinado! Antes de tudo, a poder olhar para outras crianças, reconhecer suas singularidades e a riqueza dos seus cotidianos lúdicos.

As brincadeiras das crianças quilombolas, ribeirinhas, de comunidades indígenas e tantas outras, revelam não somente culturas particulares, mas um universo permeado de mitos, costumes ancestrais dos grupos nos quais nascem e se desenvolvem e, é claro, absolutamente conectado com a natureza e toda a beleza, possibilidades e mistérios que a mesma esconde e revela.

Nesses labirintos paisagísticos, embrenhados em florestas, matas, morros e tantos outros esconderijos, as crianças das diversas comunidades, seus valores e suas culturas, ocultam tesouros por nós desconhecidos.

Suas brincadeiras dizem-nos abertamente do nosso “analfabetismo lúdico”. E assim o convite é para adentrarmos um pouco nesses universos, conhecermos e aprendermos a brincar com o desconhecido, abrir espaço para as crianças serem nossos mestres e lermos, nas entrelinhas, o significado dos seus brincares.

Nesses territórios elas se transformam em donas de um saber que nos escapa: dominam tanto a terra que pisam, as árvores que escalam com seus hábeis pezinhos descalços, o curso do rio onde a brincadeira vira festa, os bichos que aparecem e desaparecem tornando-se parceiros. Os códigos que dominam, tanto em relação ao vínculo com a natureza quanto à transformação dela na criação de complexos brinquedos, têm suas origens em regras e valores absolutamente particulares das comunidades.

Um estudo realizado pelo psicoterapeuta Roberto Gambini com sonhos de crianças de uma comunidade indígena revelou que, hoje, elas vêm perdendo, nesse caldo de vivências multiculturais em que estão inseridas, muitos dos valores das culturas dos seus povos ancestrais por estes não estarem mais tão conectados com os mitos e as histórias, e pela influência produzida pela mídia nos seus cotidianos.

As línguas faladas dentro dessa diversidade de comunidades têm sido objeto de recolha e estudo de alguns sensíveis pesquisadores. No âmbito do brincar, Tião Rocha, Ângela Nunes, Clarice Cohn, Lídia Hortélio, Renata Meirelles, Lucilene Silva, alguns educadores do Primeira Infância Melhor no Rio Grande do Sul, entre outros, têm contribuído para desbravar essas culturas lúdicas infantis e trazê-las para a interlocução de crianças e educadores de outros territórios.

As crianças estão tão conectadas e integradas à natureza que seus brinquedos “nascem” das árvores, da terra, dos rios, dos mitos e costumes, por meio da sua imaginação, seus corpos e os ensinamentos dos pais e avós. Barquinhos, casinhas, piões, espingardas, petecas e faz de conta que reproduzem suas vidas e o universo adulto e contam quem elas são.

Rodas e cantigas em que crianças e adultos, juntos e muito à vontade, criam ritos e ritmos na vida desses brincantes. Galhos de árvores, troncos, bichos, milho, sementes, linhas, elásticos, tampinhas de garrafa, caixas de fósforos, ferros velhos, pedras, barbantes, latinhas, chinelos de borracha e faquinhas, isopor, miriti, madeiras, cortiças e muita habilidade e imaginação: é assim que crianças das inúmeras comunidades ribeirinhas constroem seus brinquedos e inventam suas brincadeiras.

(Fonte: Portal Carta Educação. Disponível em <http://www.cartaeducacao.com.br/aulas/culturas-ludicas-em-areas-ribeirinhas/> <acesso 10 jan. 2019>)

MINIDICIONÁRIO



AFRICANO

MINIDICIONÁRIO AFRICANO

- Abadá** - Veste branca ou de cor de mangas largas, usada pelo Yorubás.
- Abadô** - Parte da vestimenta da Orixá Oxum.
- Abalô** - Nome dado a Oxum quando brinca com o leque.
- Abará** - Bolo feito com massa de feijão-fradinho, cebola, camarão-seco, sal, enrolado com folhas de bananeira e cozido no vapor de água quente.
- Abassá** - Terreiro de Candomblé que segue os preceitos da nação Angola.
- Abatá** - Sapato ou qualquer tipo de calçado.
- Abê** - Tida como irmã gêmea de Badé, vodum feminino cultuado no Maranhão.
- Abebê** - espelho usado por Oxum e Iemanjá.
- Abelê** - leque usado por Oxum.
- Abiã** - Pessoa que está nascendo para o culto.
- Abikú** - Uma criança que morre logo após o parto para atormentar os pais, nascendo e renascendo indeterminadamente.
- Abiodun** - Título de um dos Obás de Xangô.
- Abô** - banho de proteção feito de ervas litúrgicas para o culto, concedido ao iniciado.
- Abomi** - Um dos nomes atribuídos a Oxum e a Xangô, em cultos ligados a água. Abomi quer dizer ao Orixá: aceite água.
- Acarajé** - comida ritual da Orixá Oyá-Iansã. Na África é chamado de àkàrà, enquanto je significa comer. No Brasil foram unidas as duas palavras acarajé.
- Acaçá** - é uma comida ritual do candomblé e da culinária baiana. Feito com milho branco ou milho vermelho. Todos Orixás recebem o Acaçá como oferenda.
- Adarrum** - Toque do Orixá Ogum.
- Adarrun** - Toque rápido e contínuo dos atabaques para chamar os Orixás nas cabeças dos filhos de santo; para forçar os deuses a descer.
- Adé** - Homem com trejeitos femininos, homem afeminado.
- Adiê** - Galinha preparada para sacrifício aos Orixás.
- Adjá** - sino de alumínio ou cobre de três bocas.
- Ado** - é uma Comida ritual feita de milho vermelho torrado e moído em moinho e temperado com azeite de dendê e mel, é oferecido principalmente à Orixá Oxum.
- Adobalé** - Nome dado ao ato de deitar-se no chão para ser abençoado pelo Orixá.
- Adoxu** - estado em que o iniciado já pode incorporar o orixá.
- Adun** - Comida de Oxum feita com milho torrado e moído, com um pouco de azeite de dendê e mel de abelhas.
- Adupê** - Bode.
- Afoman** - Um dos nomes do Orixá Omulu, em Candomblés baianos. Deriva de Afomó: contagioso, infeccioso
- Afejewe** - início da raspagem do iaô.
- Afoxé** - é um instrumento musical composto de uma cabaça pequena redonda, recoberta com uma rede de bolinhas de plástico parecido com o Xequerê sendo que o afoxé é menor.
- Afoxé** - é um ritmo do Candomblé.
- Afoxé** - também chamado de Candomblé de rua - é um cortejo de rua que sai durante o carnaval de Salvador, Bahia.
- Agodô** - Uma das qualidades de Xangô no Brasil.
- Agogô** - é um instrumento musical de metal usado no candomblé. O nome vem de akokô, palavra nagô que significa "relógio" ou "tempo", assim como um som extraído de um instrumento metálico. Compõe-se de dois pedaços de ferro, um menor que outro, ou dois cones ocos e sem base, de tamanhos diferentes, de folhas de flandres, ligados entre si pelos vértices.
- Águas de Oxalá** - Cerimônia de purificação do terreiro. Esta Cerimônia marca o início do ciclo de festas litúrgicas nos Candomblés de origem Yorubá e Jeje no Brasil.
- Agué** - Nome de um vodum Jeje, que corresponde ao orixá Ossain.
- Aguerê** - Dança de Iansã.
- Agueré** - Toque cadenciado com 2 variações: uma para Oyá, outro para Oxóssi. É conhecido como "quebra-pratos".
- Aguidavi** - são varetas utilizadas para a percussão dos atabaques no candomblé. São confeccionadas com pequenos galhos das árvores sagradas do candomblé. Seu uso é restrito aos rituais.
- Aiê** - A terra, o solo, sob o domínio de Obaluaiê.
- Airá** - Xangô velho - Uma das qualidades de Xangô.

- Aisum** - Ritual a que o iaô se submete na véspera da cerimônia de iniciação que consiste em jejuar e passar a noite em claro.
- Aiuká** - Fundo do mar, para o povo Banto.
- Ajapá** - Cágado, tartaruga. O animal sagrado de Xangô.
- Ajé** - Feiticeira
- Akã** - Faixa usada para amarrar no peito dos médiuns incorporados.
- Akepalô** - Sacerdote.
- Akessan** - Um dos nomes do Orixá Exú.
- Akikó** - Galo
- Akiri jgegbó** - Freqüentador do Candomblé.
- Akokem** - Galinha D'angola.
- Akukó** - O mesmo que Akikó - Galo.
- Alá** - Deus para os daomeanos da nação Jeje.
- Alabêê** - Tocador de tambores líder no terreiro. Aquele que canta pontos de Candomblé.
- Aladori** - pano amarrado à cabeça.
- Alafange** - Objeto semelhante a uma espada.
- Alafim** - Uma das qualidades de Xangô.
- Alagbê** - É o Ogan responsável pelos toques rituais, alimentação, conservação e preservação dos instrumentos musicais sagrados Atabaques. Nos ciclos de festas é obrigado a se levantar de madrugada para que faça a alvorada. Se uma autoridade de outro Axé chegar no terreiro, o Alagbê tem de lhe prestar as devidas homenagens.
- Alaketo** - Nação do povo Iorubá-Nagô.
- Alapini** - é o Sacerdote Supremo do Culto aos Egungun, o atual Alapini no Brasil é Mestre Didi Axiápá, presidente da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Axiápá.
- Alibã** - Polícia.
- Alojá** - A dança do ritual de Xangô.
- Aloyá** - Senhora Oyá. O mesmo que Iansã ou filho de Oyá.
- Aluá** - Bebida feita com farinha de milho ou de arroz, fermentada em água com cascas de frutas, gengibre e um pouco açúcar. É servida nos terreiros de Candomblé, principalmente aos caboclos.
- Aluaiê** - Nação Jeje - Angola
- Alubosa** - Cebola
- Alufam** - O mesmo que olufóm, Senhor da cidade de Ifóm, a que mais cultua Oxalá.
- Alujá** - Batida de tambor especial para Xangô.
- Amalá** - é comida ritual do Orixá Xangô. É feito com quiabo cortado, cebola ralada, pó de camarão, sal, azeite de dendê ou azeite doce.
- Amobirim** - Mulher que não casou, mulher solteira.
- Amorim** - pano virgem.
- Ana** - O mesmo que ontem.
- Anamburukê** - Um dos nomes de Nanã Burukê, a mais velha de todos os Orixás.
- Angola** - Região do sudoeste da África, de onde vieram negros escravos para o Brasil, trazendo vários dialetos de origem Bantu como Kimbundo, Embundo, Kibuko e Kikongo.
- Angorô** - Na nação angola, significa qualidade de Oxumarê.
- Aôbobo** - Saudação do Orixá Oxumarê.
- Apaoká** - Orixá da jaqueira, por ser muito cultuado nela.
- Apará** - Uma das qualidades da Orixá Oxum, quando se apresenta carregando uma espada.
- Aré** - Culto ao orixá Ogum na Nigéria.
- Arê** - Ruas e Encruzilhadas.
- Aress** - Um dos 12 ministros de Xangô.
- Ariaxé** - Banho ritual com folhas sagradas para os iniciados. Ariaxé também é o nome do local onde são feitos estes banhos.
- Aridã** - Fruto do qual se origina o Obi.
- Arrobobô** - Uma das saudações do Orixá Oxumarê.
- Aruquerê** - Objeto de metal usado por Oxóssi
- Anlodo** - caminhada ritualística do iniciado.

Assentamento - recipiente onde se assenta a força dinâmica do orixá.

Assogba - Supremo sacerdote do culto de Obaluaíyê. O nome significa "consertador de cabaças", em iorubá.

Atabaque - De origem africana, usado em quase todos rituais afro-brasileiro, típico do Candomblé e da Umbanda e de outros estilos relacionados e influenciados pela tradição africana. De uso tradicional na música ritual e religiosa, empregados para convocar os Orixás. O atabaque maior tem o nome de RUM o segundo tem o nome de RUMPI e o menor tem o nome de LE.

Axé - força invisível, mágica e sagrada.

Babalão - baba, pai; aô, completo, tudo; "um pai para tudo".

Bori - cerimônia destinada a "reforçar a cabeça" do iniciante.

Brajá - colar de búzios com aparência de escamas de serpente utilizado por Oxumaré.

Búzios - conchas cônicas utilizadas para adivinhação.

Candomblé - casa onde batem os pés." Seita afro-brasileira com centenas de adeptos no Brasil.

Cauris - búzios.

Contra-egum - trança feita de palha-da-costa que, amarrado no braço do iaô, tem a função de afastar os mortos.

Curas - espécie de tatuagens desenhadas na cabeça e em algumas partes do elegum no ritual de iniciação.

Dobale - tipo de reverência do iniciado se o Orixá protetor for do sexo feminino.

Ebó - ritual destinado a afastar os elementos desordeiros indicados pelo desequilíbrio do iniciado.

Efum - espécie de giz branco utilizado no rito de iniciação para marcar o corpo do elegum e também nos assentamentos.

Egum, egungum - Espírito de pessoa morta que retorna à Terra em certos rituais. Segundo a tradição, é uma espécie de orixá individual que todo o ser humano tem; ele deve ser bem tratado pois é um ancestral do iaô. O culto é proibido às mulheres. A Iyagan é a única sacerdotisa que pode participar do culto.

Ejé - sangue derramado na cerimônia de iniciação.

Elegum - eleito, preferido do orixá.

Eni - esteira feita de uma palha trançada, onde os iniciados dormem até o complemento das obrigações.

Epó - azeite-de-dendê.

Erê - espírito de (ou sob a forma de) criança que prepara o iaô para receber seu orixá.

Erukerê - rabo-de-cavalo usado pelos reis, característico de Oxossi.

Feitura de santo - iniciação ou processo em que os duplos sobrenaturais dos elementos psíquicos da pessoa são fixados em um objeto simbólico e sua contraparte é fixada na cabeça do iniciado.

Ibá (Igbá) - bacia utilizada na cerimônia de iniciação do iaô-elegum.

Ibiri - instrumento ritual de Nanã representado por um feixe de palitos de dendezeiro ornado com búzios.

Idés - pulseiras

Ifé - vasto; cidade nigeriana, capital religiosa iorubana.

Igbim - espécie de caramujo.

Iká - tipo de reverência do iniciado do sexo masculino.

Ilá - som que o iniciado emite quando irradiado do orixá para que as pessoas saibam que o iaô está possuído irradiado.

Ilê - casa.

Irê - incisões feitas na cabeça do iniciado.

Iroko - árvore considerada sagrada pelos iorubanos.

Iruexim - instrumento ritualístico de Oxossi, representado por um rabo-de-cavalo.

Iyó - sal.

Iaô-elegum - filho-de-santo.

Ifá - Orixá da adivinhação e do destino, mensageiro do Deus Criador. Espécie de oráculo que leva seu nome.

Igbo iku - floresta da morte.

Iya kekerê - "braço direito" da mãe-de-santo.

Juntó, ajuntó - conjunto de forças dos Orixás do elegum.

Kelê - colar de contas com as cores do orixá.

Laguidibá - colar de Obaluaê feito de anéis de chifre de boi.

Mãe-de-santo - na tradição nigeriana, pessoa apta a desvendar as respostas dos deuses através dos búzios. Também é o nome dado à pessoa que inicia e orienta o iaô.

Mariwo - tipo de fibra de palmeira usada na confecção da roupa de Obaluaê.

Nagôs - termo usado pelos franceses para designar os escravos que falavam o dialeto iorubá.

Obatalá - "Deus do branco" que preside a cerimônia do efum. Criador dos seres humanos. Variante de Oxalá.

- Obi** - fruto de uma palmeira africana, usado no candomblé na adivinhação ou como oferenda aos Orixás.
- Odu** - caída dos búzios, resultado da jogada.
- Ofá** - arco e flecha, instrumento-símbolo de Oxossi e Logum.
- Oga** - camaleão.
- Ogã** - padrinho do culto africano ou brasileiro. Pessoa que toca os atabaques sagrados (apenas os homens são ogãs).
- Okum** - mar.
- Olodumaré** - um dos nomes do Deus Supremo.
- Olofim, Olofim-Odudua** - um dos nomes do Deus Supremo.
- Olokum** - (okum, mar) deusa do Oceano, esposa de Odudua.
- Opelê-Ifá** - tipo de colar aberto usado para adivinhação.
- Orixá de cabeça** - o principal orixá da pessoa.
- Orukó** - cerimônia de proclamação do nome.
- Orum** - céu.
- Orumilá** - (Orum, Céu; Alá, branco) Deus do Céu, Deus supremo.
- Osum** - tipo de tinta derivada do urucum.
- Otá** - pedra sagrada que contém parte do axé do Orixá.
- Oti** - pinga, cachaça.
- Oxaguiã** - forma jovem e guerreira de Oxalá.
- Oxalufã** - forma velha de Oxalá.
- Oxé** - machado de duas lâminas de pedra usado por Xangô.
- Oxetuá** - búzio fechado. O nome deriva do orixá de mesmo nome, filho de Oxum e de Orumilá, uma qualidade de Exu (mensageiro).
- Oxum Okê** - variante guerreira de Oxum.
- Pai-de-santo** - ver mãe-de-santo.
- Paô** - batidas de mãos ritmadas.
- Padê** - O Padê de Exú é um ritual executado antes de qualquer cerimônia interna ou pública do Candomblé, Exú é sempre o primeiro a ser homenageado.
- Paxorô ou opaxorô** - espécie de cajado utilizado por Oxalufã.
- Peji** - altar
- Quizila** - recusa de uma oferenda por um orixá.
- Ronkó** - nome do quarto onde o iniciado permanece sem o contato do mundo profano até o término da sua iniciação. No ronkó também estão os (quartos) assentamentos dos orixás.
- Sacudimento** - ritual de limpeza.
- Terreiro** - lugar destino ao culto dos Orixás onde os adeptos cultuam seus deuses pessoais através de danças ritualísticas.
- Umbanda** - religião afro-brasileira onde os seus integrantes cultuam entidades africanas sincretizadas aos santos católicos (chamados de encantados).
- Viração** - incorporação.
- Waje** - cerimônia onde a cabeça do elegum é pintada de azul-anil.
- Xaxará** - espécie de vassoura de Obaluaê feita de folhas de palmeira, decorada com búzios.
- Zambi (Nzambi) ou Nzambi Mpungu** - O Deus supremo e Criador nos candomblés de Nação Angola, equivalente à Olorun do Candomblé Ketu.
- Zelador-de-santo, zeladora-de-santo** - ver pai-de-santo, mãe-de-santo (o mesmo que ialorixá).